

**A MEMÓRIA DA ÁGUA NA (RE) INVENÇÃO DE UM  
TERMALISMO PATRIMONIAL**

PROPOSTA DE REVITALIZAÇÃO DO COMPLEXO TERMAL DE CASTELO DE VIDE

Mafalda Margarido Grilo  
(20130366)

Projeto Final para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura

**EQUIPA DE ORIENTAÇÃO:**

Doutora Arquiteta Ana Marta Feliciano  
Doutor Arquiteto António Miguel Leite

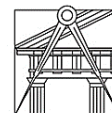
**JURÍ:**

Presidente: Doutor Arquiteto Miguel Baptista-Bastos  
Vogal: Doutora Arquiteta Margarida Louro

Documento Definitivo

Lisboa, janeiro de 2019





**A MEMÓRIA DA ÁGUA NA (RE) INVENÇÃO DE UM  
TERMALISMO PATRIMONIAL**

PROPOSTA DE REVITALIZAÇÃO DO COMPLEXO TERMAL DE CASTELO DE VIDE

Mafalda Margarido Grilo  
(20130366)

Projeto Final para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura

**EQUIPA DE ORIENTAÇÃO:**

Doutora Arquiteta Ana Marta Feliciano  
Doutor Arquiteto António Miguel Leite

**JURÍ:**

Presidente: Doutor Arquiteto Miguel Baptista-Bastos  
Vogal: Doutora Arquiteta Margarida Louro

Documento Definitivo

Lisboa, janeiro de 2019





## RESUMO |

### TÍTULO |

A Memória da Água na  
(Re) Invenção de um  
Termalismo Patrimonial

### SUBTÍTULO |

Proposta de Revitalização  
do Complexo Termal de  
Castelo De Vide

### NOME|

Mafalda Margarido Grilo

### EUIPA DE ORIENTAÇÃO |

Doutora Arquiteta

Ana Marta Feliciano

Doutor Arquiteto

António Miguel Leite

Projeto Final para a  
obtenção do Grau de  
Mestre em Arquitetura

Lisboa, outubro, 2018

A sociedade contemporânea é marcada por um conjunto de princípios e características centrais como a ansiedade, o individualismo ou o imediatismo, mas que em contrapartida se preocupa cada vez mais com questões relacionadas com a saúde e com o bem-estar quer seja físico ou psicológico.

Estes hábitos levaram a que alguns conceitos turísticos tivessem de ser reinventados.

Tomou-se como exemplo para o presente trabalho o caso do termalismo que, desde a sua origem se destaca pelas suas características terapêuticas e recreativas, ideais à fuga do ritmo urbano.

Porém, o termalismo tornou-se alvo de atenção e preocupação uma vez que, atualmente, a procura recai sobre elementos multidisciplinares capazes de oferecer um variado leque de atividades que vão muito além da cura terapêutica das águas termais.

O local escolhido para desenvolver este estudo foi a Vila de Castelo de Vide que pela sua singularidade a nível histórico e arquitetónico representa um caso ideal para as questões acima referidas.

Tomando a água como fio condutor do presente trabalho, procuram-se respostas para uma utilização contemporânea através do reconhecimento do passado e da memória daquilo que foi o termalismo em Castelo de Vide.

No capítulo final apresenta-se uma solução do que poderá ser uma reinvenção do termalismo adequado à procura nos tempos que correm.

**Palavras-chave:** ÁGUA|TERMALISMO|MEMÓRIA|REINVENÇÃO



## ABSTRACT |

### TITLE |

The memory of water in  
(re) invention of a  
Patrimonial Thermalism

### SUBTITLE |

A revitalization proposal for  
the Castelo de Vide's  
thermal complex

### NAME |

Mafalda Margarido Grilo

### ADVISERS TEAM |

Doctor Architect Ana Marta  
Feliciano

Doctor Architect António  
Miguel Leite

Final Project to obtain  
master's Degree in  
Architecture

Lisbon, 2018

Contemporary society is marked by a set of core principles and characteristics such as anxiety, individualism, or immediacy, but also with increased concern for issues related to health and to physical psychological well-being.

These habits led to the need of reinventing some tourism concepts.

For the present work thermalism was used as an example that, since its origin, it differentiates itself for its therapeutic and recreational characteristics, ideal to escape from the urban rhythm.

However, thermalism has currently become target of attention and concern since the demand is now based on multidisciplinary elements capable of offering a varied range of activities that go way beyond the therapeutic treatment of the thermal waters.

The place chosen for this study was the Castelo de Vide town, which, due to its singularities at the historical and architectural levels, represents an ideal case for the above mentioned challenges.

Using water as the baseline principle, this work attempts to give solutions of contemporary thermal use, having in mind the history and memory of what was the thermalism in Castelo de Vide.

In the final chapter a solution it is presented of what could be an appropriate reinvention of thermalism to the present times.

**Key Words:** WATER | THERMALISM | MEMORY | REINVENTION



*aos meus pais*

*ao meu irmão*



## AGRADECIMENTOS |

Sendo este projeto Final de Mestrado o culminar de uma etapa da minha vida, mas também o começo de uma nova, gostaria de agradecer a todos os que me acompanharam e influenciaram ao longo deste percurso.

Aos meus orientadores, à professora Ana Marta e ao Professor António Leite pela qualidade de orientação conjunta, pela disponibilidade demonstrada em cada partilha de conhecimentos e apoio em todos os momentos de indecisão.

Às minhas amigas, Cláudia, Carolina e Nadiya, com quem partilhei esta longa caminhada e que tornaram mais fácil a superação de todos os desafios que implicam tirar um curso de Arquitetura. Agradeço-lhes a amizade verdadeira e o companheirismo de todas as horas.

À Helena, o apoio incondicional nos últimos cinco anos, pela preocupação e incentivo de cada dia.

Ao Francisco, por ser o porto seguro de todas as tempestades da minha vida.

A toda a minha família, mas em especial aos meus pais e ao meu irmão que me acompanharam em todos os momentos.

Ao meu pai, por sempre acreditar em mim e apoiar todas as minhas decisões.

À minha mãe, pela força transmitida, por me encorajar a ser melhor, por me mostrar que tudo é possível e pelos abraços que só ela sabe dar.

Ao meu irmão, por todos os momentos partilhados, ensinamentos e preocupações constantes. Por me mostrar o valor do trabalho, por ser uma fonte inesgotável de energia que me incentiva todos os dias. Por ser um exemplo para mim.

Obrigado pelo vosso amor incondicional que me fez chegar até aqui.





## ÍNDICE |

<b>01  INTRODUÇÃO</b>	<b>23</b>
1.1   ENQUADRAMENTO E OBJETIVOS	25
1.2   METODOLOGIA	28
1.3   ESTRUTURA E ORGANIZAÇÃO	29
<b>02  MEMÓRIA E PATRIMÓNIO</b>	<b>31</b>
2.1   MEMÓRIA EM DEFINIÇÃO	32
2.2   MEMÓRIA SOBRE O CONSTRUÍDO	37
2.3   PATRIMÓNIO EM DEFINIÇÃO	42
2.4   INTERVIR NO PATRIMÓNIO	46
2.5   SÍNTESE DO CAPÍTULO	50
<b>03  ÁGUA E TERMALISMO</b>	<b>51</b>
3.1   A SIMBOLOGIA DA ÁGUA: A influência da água na memória	52
3.1.1   A ÁGUA E O SEU IMAGINÁRIO	56
3.2   ENQUADRAMENTO GENÉRICO DO TERMALISMO	61
3.3   EVOLUÇÃO MORFOLÓGICA – O Contexto Europeu	63
3.3   EVOLUÇÃO MORFOLÓGICA – O Contexto Português	70
3.4   A REINVENÇÃO DO TERMALISMO NA ATUALIDADE	76
3.5   SÍNTESE DO CAPÍTULO	82
<b>04  CASOS DE ESTUDO</b>	<b>83</b>
4.1   CASA EM LEIRIA	85
4.2   TERMAS DE VALS	88
4.3   TERMAS DE TIBÉRIO	92
4.4   MUSEU LASCAUX	95
4.5   PANAMÁ DIAMOND EXCHANGE	99
4.6   SÍNTESES DO CAPÍTULO	102

<b>05  O LUGAR: CASTELO DE VIDE</b>	<b>103</b>
5.1  A VILA DE CASTELO DE VIDE – Enquadramento Geral	104
5.2  CARACTERIZAÇÃO URBANA – Morfologia e Imagem Urbana	106
5.3  A VILA DE CASTELO DE VIDE – Tipologia habitacional predominante	111
5.3.1  AS CASAS DE ESTUDO	116
5.4  AS TERMAS DE CASTELO DE VIDE – Um contexto histórico	119
5.4. 1  AS TERMAS DE CASTELO DE VIDE – Características Tipológicas	121
5.4.2  SITUAÇÃO ATUAL DO BALNEÁRIO DAS TERMAS	126
 <b>06  PROPOSTA ARQUITETÓNICA:</b>	 <b>127</b>
6.1  INTRODUÇÃO	128
6.2  ESTRATÉGIA DE INTERVENÇÃO	129
6.3  A IDEIA CONCEPTUAL	131
6.4  O PROGRAMA	132
6.5  O DESENHO	134
6.5.1.   O SPA	134
6.5.2.   A UNIDADE HOTELEIRA	139
6.5.3.   O MUSEU	141
6.6   A MATERIALIDADE	143
 <b>07  CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	 <b>145</b>
 <b>08  FONTES DOCUMENTAIS</b>	 <b>149</b>
 <b>09  ANEXOS</b>	 <b>153</b>
9.1   REGISTOS FOTOGRÁFICOS DO LOCAL	154
9.2   BASES DE ARQUITETURA - PRÉ EXISTÊNCIA	159
9.2   ESBOÇOS	163
9.3   MODELOS	167
9.4   APRESENTAÇÃO GRÁFICA DO PROJETO FINAL	174

## ÍNDICE DE FIGURAS |

### CAPA

#### Ideia conceptual dos três momentos da água

*Esquema da autora, 2018*

#### 01. Ilustração de Vasco Mourão, capa da revista Arquitetura 21, maio 2010

<http://ryanpanos.tumblr.com/post/90974823265/cities-reassembled-mister-mourao-tumblr>

#### 02. Arco doi Gallieno, Piranesi, séc XVIII

[http://www.michaelfinney.co.uk/catalogue/category/item/index.cfm?asset\\_id=8894](http://www.michaelfinney.co.uk/catalogue/category/item/index.cfm?asset_id=8894)

#### 03. Templo de Fortuna Virilis, Piranesi, séc XVIII

<https://www.metmuseum.org/art/collection/search/364360>

#### 04. Estudo da água a atravessar elementos, Leonardo Da Vinci, 1508-09

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Ci%C3%Aancia\\_e\\_cria%C3%A7%C3%B5es\\_de\\_Leonardo\\_da\\_Vinci#/media/File:Studies\\_of\\_Water\\_passing\\_Obstacles\\_and\\_falling.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ci%C3%Aancia_e_cria%C3%A7%C3%B5es_de_Leonardo_da_Vinci#/media/File:Studies_of_Water_passing_Obstacles_and_falling.jpg)

#### 05. Fonte da Juventude, Lucas Cranach, 1546

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Fonte\\_da\\_juventude#/media/File:Lucas\\_Cranach\\_\(I\)\\_-\\_Jungbrunnen\\_-\\_Gem%C3%A4ldegalerie\\_Berlin.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Fonte_da_juventude#/media/File:Lucas_Cranach_(I)_-_Jungbrunnen_-_Gem%C3%A4ldegalerie_Berlin.jpg)

#### 06. Praça do Comércio e as barcas dos banhos, Lisboa, 1848

<https://www.google.pt/url?sa=i&source=images&cd=&ved=&url=http%3A%2F%2Flisboadeantigamente.blogspot.com%2F2015%2F08%2Fveros-lisboeta-as-barcas-de-banhos.html&psig=AOvVaw3XHY7hPofQqpwy13Opozr7&ust=1540813127908860>

#### 07. Termas de São Pedro do Sul – Fonte dos Amores

<https://www.google.pt/url?sa=i&source=images&cd=&ved=2ahUKewYvOfZhqneAhVKxxoKHQO4ACMQjRx6BAGBEAU&url=https%3A%2F%2Fblogdaruanove.blogs.sapo.pt%2Ftag%2Fs.%2Bpedro%2Bdo%2Bsul&psig=AOvVaw2OJiQvi84ETneHICbXhjGc&ust=1540813204823367>

#### 08. Torre de Belém, Lisboa

<https://www.google.pt/url?sa=i&source=images&cd=&ved=&url=http%3A%2F%2Fmundodosviajantes.com%2Ftorre-de-belem-torre-mais-famosa-de-lisboa%2F&psig=AOvVaw04i2IP9pB6tll2mxboVkkA&ust=1540813270574378>

**09. Water Studies, Julian Hrankov**

<https://dribbble.com/shots/1636563-Water-study/attachments/255755>

**10. Water Studies, Julian Hrankov**

<https://dribbble.com/shots/1636563-Water-study/attachments/255755>

**11. Pavilhão de Barcelona, Mies Van Der Rohe**

<https://pt.socialdesignmagazine.com/mag/blog/architettura/il-padiglione-tedesco-allesposizione-universale-di-barcellona-del-1929-mies-van-der-rohe/>

**12. Casa da Cascata, Frank Lloyd Wright**

<https://thonilitsz.arq.br/casa-da-cascata-projeto-do-arquiteto-frank-lloyd-wright/>

**13. Planta dos Banhos de Caracala, em Itália**

<https://historiaartearquitetura.com/2017/03/30/termas-de-caracala/>

**14. Ambiente dos Banhos de Carcala, em Itália**

In <https://thearcheology.wordpress.com/tag/termas-de-caracalla/>

**15. Termas de Racz, Budapeste**

In <https://www.architonic.com/es/project/the-budapesti-muhely-racz-thermal-bath/51015651>

**16. Termas de Király, Budapeste**

In <https://www.comunicatetestesso.com/2013/11/02/bagni-termali-a-budapest-in-quali-andare/>

**17. Ruínas das termas de Bath**

[https://www.google.pt/search?biw=1366&bih=657&tbm=isch&sa=1&ei=uUPYW\\_iLBeyKgAawjZzQAg&q=termas+de+bath&oq=termas+de+bath&gs\\_l=img.3...793997.795857.0.796115.14.8.0.0.0.0.0.0.0.0....0...1c.1.64.img..14.0.0....0.Vvai8FwgWbU#imgsrc=rBaNi6zENqi68M:](https://www.google.pt/search?biw=1366&bih=657&tbm=isch&sa=1&ei=uUPYW_iLBeyKgAawjZzQAg&q=termas+de+bath&oq=termas+de+bath&gs_l=img.3...793997.795857.0.796115.14.8.0.0.0.0.0.0.0.0....0...1c.1.64.img..14.0.0....0.Vvai8FwgWbU#imgsrc=rBaNi6zENqi68M:)

**18. Hospital de Nossa Senhora de Pópulo, mandado construir pela Rainha D. Leonor, 1510**

<http://www.oestecim.pt/CustomPages/ShowPage.aspx?pageid=705cb822-1b52-49ce-a91c-5d9e9547e618>

**19. Vista interior do Buvette do complexo termal da Curia**

[http://lh3.ggpht.com/\\_IYJi-lhses0/TCSALSeVv9I/AAAAAAAAABfg/OjZ1h1ifbGM/s1600-](http://lh3.ggpht.com/_IYJi-lhses0/TCSALSeVv9I/AAAAAAAAABfg/OjZ1h1ifbGM/s1600-)

*h/Esta%C3%A7%C3%A3o%20Termal%20Buvette%20%28Curia%29%5B4%5D.jpg*

**20. Postal do Vidago Palace Hotel- restaurante**

*<https://chavesantiga.blogs.sapo.pt/128636.html>*

**21. Vista da estância termal do Estoril**

*<http://lh3.ggpht.com/-yslaY6hglpQ/VFsqvOXvNKI/AAAAAABYrY/Fat0IGT54KQ/>*

**22. Edifício do casino do complexo termal das Pedras Salgadas**

*<http://lh5.ggpht.com/PUGJ7OXFpU/UA5xXUQlvvl/AA>*

**23. SPA Botanique, Coletivo de Arquitetos**

*<https://www.archdaily.com.br/br/794740/spa-botanique-coletivo-de-arquitetos/57ce2ceee58ecef3c0000d9-spa-botanique-coletivo-de-arquitetos-foto>*

**24. Hotel e SPA Eskisehir**

*<https://www.archdaily.com.br/br/625928/hotel-e-spa-eskisehir-gad-architecture/53b4ba4dc07a80a343000068-eskisehir-hotel-and-spa-gad-architecture-photo>*

**25. Hotel e SPA Eskisehir**

*<https://www.archdaily.com.br/br/625928/hotel-e-spa-eskisehir-gad-architecture/53b4ba4dc07a80a343000068-eskisehir-hotel-and-spa-gad-architecture-photo>*

**26. SPA Termal, Pedras Salgadas, Álvaro Siza Vieira**

*<https://www.pedrassalgadaspark.com/pt/galeria-de-fotos/spa-termal/>*

**27. SPA Termal, Pedras Salgadas, Álvaro Siza Vieira**

*<https://www.pedrassalgadaspark.com/pt/galeria-de-fotos/spa-termal/>*

**28. Vista exterior – Casa em Leiria, Aires Mateus**

*<https://www.archdaily.com.br/br/01-18768/casa-em-leiria-aires-mateus>*

**29. Cortes esquemático – Casa em Leiria, Aires Mateus**

*<https://www.archdaily.com.br/br/01-18768/casa-em-leiria-aires-mateus>*

**30. Vista Exterior – Casa em Leiria, Aires Mateus**

*<https://www.archdaily.com.br/br/01-18768/casa-em-leiria-aires-mateus>*

**31. Vista de um dos Quartos – Casa em Leiria, Aires Mateus**

*<https://www.archdaily.com.br/br/01-18768/casa-em-leiria-aires-mateus>*

**32. Vista do Pátio – Casa em Leiria, Aires Mateus**

*<https://www.archdaily.com.br/br/01-18768/casa-em-leiria-aires-mateus>*

**33. Plantas do Piso -3 e 0 – Casa em Leiria, Aires Mateus**

*<https://www.archdaily.com.br/br/01-18768/casa-em-leiria-aires-mateus>*

**34. Vista Exterior das Termas de Vals**

*In <https://www.plataformaarquitectura.cl/cl/765256/termas-de-vals-peter-zumthor/552b11d9e58eecd820002f7-fc-jpg>*

**35. Vista Exterior das Termas de Vals**

*In <https://www.plataformaarquitectura.cl/cl/765256/termas-de-vals-peter-zumthor/552b11d9e58eecd820002f7-fc-jpg>*

**36. Corredor de acesso às piscinas**

*<http://ultimasreportagens.com/urdata/16/content/images/large/31.jpg>*

**37. Corredor interior**

*In <https://www.plataformaarquitectura.cl/cl/765256/termas-de-vals-peter-zumthor/552b11d9e58eecd820002f7-fc-jpg>*

**38. Piscina interior das Termas de Vals: relação da água com a pedra**

*In <https://www.plataformaarquitectura.cl/cl/765256/termas-de-vals-peter-zumthor/552b11d9e58eecd820002f7-fc-jpg>*

**39. Planta do Piso 0**

*<https://www.archdaily.com.br/br/01-15500/termas-de-vals-peter-zumthor/1288298107-therme-vals-plan-01-1000x707/>*

**40. Planta do Piso -1**

*<https://www.archdaily.com.br/br/01-15500/termas-de-vals-peter-zumthor/1288298107-therme-vals-plan-01-1000x707/>*

**41. Corte transversal**

*<https://www.archdaily.com.br/br/01-15500/termas-de-vals-peter-zumthor/1288298107-therme-vals-plan-01-1000x707/>*

**42. Vista Exterior das termas de Tibério**

*In <https://www.world-architects.com/en/moneo-brock-madrid/project/thermal-baths-termas-de-tiberio>*

**43. Zona de circulação das termas de Tibério**

In <https://www.world-architects.com/en/moneo-brock-madrid/project/thermal-baths-termas-de-tiberio>

**44. Zona de relaxamento**

In <https://www.world-architects.com/en/moneo-brock-madrid/project/thermal-baths-termas-de-tiberio>

**45. Corte transversal**

In <https://www.world-architects.com/en/moneo-brock-madrid/project/thermal-baths-termas-de-tiberio>

**46. Planta do piso térreo**

In <https://www.world-architects.com/en/moneo-brock-madrid/project/thermal-baths-termas-de-tiberio>

**47. Planta do piso intermédio entre o piso 0 e 1**

In <https://www.world-architects.com/en/moneo-brock-madrid/project/thermal-baths-termas-de-tiberio>

**48. Vista exterior do Museu Lascaux**

<https://www.archdaily.com.br/br/871080/lascaux-iv-snohetta-plus-duncan-lewis-scape-architecture/58e2483de58ece48a300031b-lascaux-iv-snohetta-plus-casson-mann-photo>

**49. Vista exterior do Museu Lascaux**

<https://www.archdaily.com.br/br/871080/lascaux-iv-snohetta-plus-duncan-lewis-scape-architecture/58e2483de58ece48a300031b-lascaux-iv-snohetta-plus-casson-mann-photo>

**50. Detalhe da cobertura acessível**

<https://www.archdaily.com.br/br/871080/lascaux-iv-snohetta-plus-duncan-lewis-scape-architecture/58e2483de58ece48a300031b-lascaux-iv-snohetta-plus-casson-mann-photo>

**51. Relação da fachada com a água**

<https://www.archdaily.com.br/br/871080/lascaux-iv-snohetta-plus-duncan-lewis-scape-architecture/58e2483de58ece48a300031b-lascaux-iv-snohetta-plus-casson-mann-photo>

**52. Vista exterior do Museu Lascaux**

<https://www.archdaily.com.br/br/871080/lascaux-iv-snohetta-plus-duncan-lewis-scape-architecture/58e2483de58ece48a300031b-lascaux-iv-snohetta-plus-casson-mann-photo>

**53. Referencia à materialidade**

<https://www.archdaily.com.br/br/871080/lascaux-iv-snohetta-plus-duncan-lewis-scape-architecture/58e2483de58ece48a300031b-lascaux-iv-snohetta-plus-casson-mann-photo>

*architecture/58e2483de58ece48a300031b-lascaux-iv-snohetta-plus-casson-mann-photo*

#### **54. Vista do corredor interior**

*<https://www.archdaily.com.br/br/871080/lascaux-iv-snohetta-plus-duncan-lewis-scape-architecture/58e2483de58ece48a300031b-lascaux-iv-snohetta-plus-casson-mann-photo>*

#### **55. Relação com a envolvente**

*<https://www.archdaily.com.br/br/871080/lascaux-iv-snohetta-plus-duncan-lewis-scape-architecture/58e2483de58ece48a300031b-lascaux-iv-snohetta-plus-casson-mann-photo>*

#### **56. Planta piso térreo**

*<https://www.archdaily.com.br/br/871080/lascaux-iv-snohetta-plus-duncan-lewis-scape-architecture>*

#### **57. Corte transversal**

*<https://www.archdaily.com.br/br/871080/lascaux-iv-snohetta-plus-duncan-lewis-scape-architecture>*

#### **58. Vista exterior – Panamá Diamond Exchange**

*[https://www.archdaily.com/775356/panama-diamond-exchange-mallol-and-mallol-arquitectos?ad\\_medium=gallery](https://www.archdaily.com/775356/panama-diamond-exchange-mallol-and-mallol-arquitectos?ad_medium=gallery)*

#### **59. Planta Piso térreo – Panamá Diamond Exchange**

*[https://www.archdaily.com/775356/panama-diamond-exchange-mallol-and-mallol-arquitectos?ad\\_medium=gallery](https://www.archdaily.com/775356/panama-diamond-exchange-mallol-and-mallol-arquitectos?ad_medium=gallery)*

#### **60. Detalhe da fachada – Panamá Diamond Exchange**

*[https://www.archdaily.com/775356/panama-diamond-exchange-mallol-and-mallol-arquitectos?ad\\_medium=gallery](https://www.archdaily.com/775356/panama-diamond-exchange-mallol-and-mallol-arquitectos?ad_medium=gallery)*

#### **61. Detalhe da fachada – Panamá Diamond Exchange**

*[https://www.archdaily.com/775356/panama-diamond-exchange-mallol-and-mallol-arquitectos?ad\\_medium=gallery](https://www.archdaily.com/775356/panama-diamond-exchange-mallol-and-mallol-arquitectos?ad_medium=gallery)*

#### **62. Vista exterior noturna – Panamá Diamond Exchange**

*[https://www.archdaily.com/775356/panama-diamond-exchange-mallol-and-mallol-arquitectos?ad\\_medium=gallery](https://www.archdaily.com/775356/panama-diamond-exchange-mallol-and-mallol-arquitectos?ad_medium=gallery)*

#### **63. Detalhe da fachada com luz – Panamá Diamond Exchange**

*[https://www.archdaily.com/775356/panama-diamond-exchange-mallol-and-mallol-arquitectos?ad\\_medium=gallery](https://www.archdaily.com/775356/panama-diamond-exchange-mallol-and-mallol-arquitectos?ad_medium=gallery)*

#### **64. Alçado lateral esquerdo – Panamá Diamond Exchange**

*[https://www.archdaily.com/775356/panama-diamond-exchange-mallol-and-mallol-arquitectos?ad\\_medium=gallery](https://www.archdaily.com/775356/panama-diamond-exchange-mallol-and-mallol-arquitectos?ad_medium=gallery)*



**65. Alçado frontal – Panamá Diamond Exchange**

*[https://www.archdaily.com/775356/panama-diamond-exchange-mallol-and-mallol-arquitectos?ad\\_medium=gallery](https://www.archdaily.com/775356/panama-diamond-exchange-mallol-and-mallol-arquitectos?ad_medium=gallery)*

**66. Rua Nova de Castelo de Vide – acesso do Castelo para a Fonte da Vila**

*Autor: Joaquim Iria*

**67. Rua do Centro histórico da Vila de Castelo de Vide**

*Autor: Joaquim Iria*

**68. Vista panorâmica da Vila de Castelo de Vide**

*Autor: Joaquim Iria*

**69. Planta de elementos estruturantes do tecido urbano de Castelo de Vide**

*Adaptado do Plano de Ação de Castelo de Vide, vol. 2, Análise, Câmara Municipal de Castelo de Vide.*

**70. Morfologias urbanas: zona da Fonte da Vila**

*Adaptado do Plano de Ação de Castelo de Vide, vol. 2, Análise, Câmara Municipal de Castelo de Vide.*

**71. Planta cheio/vazio**

*Adaptado do Plano de Ação de Castelo de Vide, vol. 2, Análise, Câmara Municipal de Castelo de Vide.*

**72. Imagem de referência ao 5º alçado**

*Autor: Joaquim Iria*

**73. Habitação típica da Vila de Castelo de Vide**

*<https://entreteljodiana.blogs.sapo.pt/289748.html>*

**74. Habitação corrente: raiz medieval**

*Adaptado do Plano de Pormenor da Zona Urbana Mais Antiga de Castelo de Vide, vol III, Elementos anexos, Câmara Municipal de Castelo de Vide, in Susana Bicho: A Judiaria de Castelo de Vide: contributos para o seu estudo na ótica da conservação do Património urbano (dissertação de mestrado policopiado), Universidade de Évora, 1999*

**75. Morfologias urbanas: Identificação das casas de estudo**

*Adaptado do Plano de Ação de Castelo de Vide, vol. 2, Análise, Câmara Municipal de Castelo de Vide*

**76. Alçado das casas de estudo**

*Autor: UMA COLLECTIVE*

**77. Fonte da Vila**

*Autor: Joaquim Iria*

**78. Conjunto Urbano: Fonte da Vila e casas de estudo**

Autor: Joaquim Iria

**79. Panfleto de propaganda das termas de Castelo de Vide**

In: Termas de Castelo de Vide: Uma história que se perpetua no presente, Lídia Barradas

**80. panfleto de propaganda: recorte do Jornal de Abrantes, 1953**

In: Termas de Castelo de Vide: Uma história que se perpetua no presente, Lídia Barradas

**81. Vista área da Vila de Castelo de Vide: implantação do balneário termal**

In: Memória descritiva e justificativa do balneário, camara municipal de Castelo de Vide

**82. Esquema de organização do balneário**

In: Memória descritiva e justificativa do balneário, camara municipal de Castelo de Vide

**83. Planta piso térreo**

In: Memória descritiva e justificativa do balneário, camara municipal de Castelo de Vide

**84. Corte longitudinal**

In: Memória descritiva e justificativa do balneário, camara municipal de Castelo de Vide

**85. Alçado Frontal**

In: Memória descritiva e justificativa do balneário, camara municipal de Castelo de Vide

**86. Vista exterior do balneário termal**

Autor: Joaquim Iria

**87. Planta esquemática da ideia conceptual do desenho**

Realizado pela autora, 2018

**88. Planta e corte esquemáticos da ideia conceptual do desenho – percursos e vistas**

Realizado pela autora, 2018

**89. Esquema de organização do Museu – piso térreo**

Realizado pela autora, 2018

# 01 |

## INTRODUÇÃO

Durante muito tempo parece ter caído no esquecimento que o núcleo histórico de uma cidade foi, num passado mais ou menos distante, o seu centro político e económico, de onde se impulsionou o seu próprio crescimento. O paradoxo reside no facto desse crescimento ter frequentemente levado ao quase abandono dos centros históricos, votando ao desprezo valiosíssimos patrimónios urbanos, não apenas económicos, mas também sociais, culturais e arquitetónicos.

Atualmente verifica-se um reconhecimento dos valores que levaram a uma recuperação dos centros históricos funcionando como símbolo das cidades e como seu cartão de visita.

A arquitetura tem a capacidade de conservar as marcas do tempo, de um passado mais ou menos longínquo, de reter *memórias* de uma determinada época e de nos lembrar quem somos.

A conjugação desta temática com a importância da água e do termalismo constituem o grande desafio do presente trabalho, no sentido em que o objetivo será perceber como se podem relacionar e criar uma visão do termalismo associado ao património e à cultura, resultando no que podemos denominar de Novo Termalismo Patrimonial.

O tema do termalismo voltou a ganhar importância nos últimos anos, pois apesar do seu percurso ser intermitente ao longo da história, atualmente verificamos que o seu reaparecimento tem sido notável através, não só da reabilitação de antigas estâncias termais, adaptando-as à exigência da procura atual, mas também através da construção de novos Spas que vieram reinventar a visão do termalismo conferindo-lhe adicionalmente um caráter de “estética” aliado ao “bem-estar”. Estas ações de revitalização tornaram os espaços termais locais de socialização, ajudaram a potenciar o turismo de saúde e lazer, adaptando a oferta aquilo que é hoje a procura.

## 1.1 | ENQUADRAMENTO E OBJETIVOS

Tomando como ponto de partida a vila de Castelo de Vide, situada no Alto Alentejo, os objetivos principais do presente trabalho surgem como resposta a uma das grandes problemáticas encontradas no local.

O património arquitetónico de Castelo de Vide é de uma riqueza inquestionável, é a expressão de uma história plena de vicissitudes, permanecendo vivos os sinais de diferentes ocupações. A imagem urbana de Castelo de Vide antigo, tal como a de muitos outros centros históricos, tem vindo a degradar-se nas últimas décadas devido à sua desocupação e consequente falta de locais de relevante interesse.

É neste contexto, que surge a primeira grande problemática da vila, problemática que suscitou o interesse em intervir neste local: o centro histórico desocupado, mas que, em contrapartida, detém uma grande carga simbólica.

Existiram alguns elementos que foram influentes para a estruturação do espaço urbano da vila de Castelo de Vide, condicionando ou marcando etapas do seu crescimento, como por exemplo as muralhas seiscentistas que constituem hoje um forte elemento de identificação visual e de referência do conjunto urbano. Para além das muralhas destaca-se a Fonte da Vila, que determinou a configuração do traçado urbano e constituiu um marco importante para a vila.

A água, é desde sempre um bem indispensável à sobrevivência humana e a sua procura e proteção são uma realidade desde os tempos mais remotos. A Fonte da Vila data do séc. XVI e constitui um ponto focal que determinou o modelo urbano e o polo radiador de crescimento de Castelo de Vide. Esta constituía um marco importante para a vila pois era o único local possível de abastecimento de água e acabava por ser um espaço de encontro e convívio de toda a comunidade.

Atualmente, a população dispõe de água canalizada e a Fonte, perdeu a sua utilidade funcional, mas ganhou um forte estatuto simbólico, enquanto

objeto cultural relevante na memória coletiva da população de Castelo de Vide. Esta Fonte constituiu então o *primeiro momento da água* em Castelo de Vide. No entanto, hoje em dia, apesar de preservada perdeu todo o seu carácter funcional e social, transformando-se num mero local de passagem para os poucos residentes da zona histórica de Castelo de Vide e para os turistas que visitam a Vila.

Tomando a água como fio condutor deste projeto, percebemos que existe um *segundo momento da água* no edifício adjacente à Fonte da Vila: o edifício das antigas termas de Castelo de Vide.

O balneário foi construído em 1942, com o projeto dos arquitetos Ernesto e Camilo Korrodi, e constituiu um grande marco para o desenvolvimento da vila de Castelo de Vide, pois atraiu muitos utentes que, em alguns casos, acabaram por aqui se fixar, devido aos seus reconhecidos benefícios para a saúde.

O edifício funcionou até ao início da década de 90, estando atualmente as termas desativas. O complexo onde antes afluía um número significativo de utentes encontra-se agora ao abandono e esquecido no tempo.

Assim sendo, temos duas grandes problemáticas: centro histórico desocupado e as termas desativadas num local com o grande potencial de desenvolvimento e com um elevado valor simbólico.

Como resposta a estas problemáticas, surgem os primeiros objetivos concretos do presente trabalho que residem principalmente no facto de querer devolver a vivência a estes espaços, resgatar as memórias e valorizar o património existente através da arquitetura.

Pretende-se, portanto, a criação de um projeto de requalificação do espaço de modo a conseguir criar um elemento atrativo para a zona histórica de Castelo de Vide e assim combater a sua desocupação.

Por forma a servir de suporte à componente prática, torna-se relevante a realização de um estudo teórico sobre o tema do termalismo, do seu contexto histórico e da investigação de casos contemporâneos para facilitar a compreensão dos conceitos-base e a definição do programa

arquitetónico de acordo com aquilo que é o termalismo atualmente. Assim como um estudo sobre a memória e o património para perceber de que forma estes conceitos podem ser uma mais valia enriquecedora da proposta prática do presente trabalho que irá culminar numa visão daquilo que será o Novo Termalismo Patrimonial.

Neste sentido, propõe-se para o local uma nova edificação no terreno com o programa de Spa e unidade de bem-estar, que irá constituir o *terceiro momento da água* e formar um marco importante para a vila de Castelo de Vide, capaz de atrair a população, potenciar o turismo como outrora acontecia com o antigo edifício das termas e, sobretudo, devolver as vivências do espaço, retomando a ideia da água como espaço de encontro e convívio, como foi no passado.

Em suma, com o presente trabalho procura-se desenvolver um novo ambiente urbano, resultado daquilo que será o entendimento do Novo Termalismo, que irá “resgatar” as memórias do local e que, deste modo, possa trazer novos usos a uma zona que atualmente se encontra dotada ao abandono.

## 1.2 | METODOLOGIA

A primeira fase da metodologia compreendeu uma pesquisa documental que visou a definição conceptual da investigação e a criação de um âmbito de estudo que constituiu a base da componente prática. Esta fase recaiu principalmente na recolha, seleção e crítica de textos, imagens e documentos referentes ao objeto de estudo.

A segunda fase constou de uma pesquisa bibliográfica (estudos, livros, apontamentos, artigos) referente aos conceitos-chave que correspondem aos dois grandes temas teóricos do trabalho: memória/património e água/termalismo.

Para compreender melhor todos os conceitos acima referidos tornou-se importante estudar casos ilustrativos em que estes tenham sido aplicados, tirando o máximo partido das análises formais e arquitetónicas já testadas.

A terceira fase constitui a parte prática teve como ponto de partida uma análise do território, um estudo aprofundado sobre a sua história e evolução morfológica recorrendo a referências bibliográficas e a elementos do arquivo da Câmara Municipal de Castelo de Vide.

Nesta fase foi igualmente útil perceber quais as necessidades do local escolhido para que o programa fosse adequado. Para isso, procedeu-se ao trabalho de campo, adotando uma estratégia de investigação intensiva e de contacto direto com as pessoas residentes no local.

Após recolhidos e analisados todos os elementos de investigação, deu-se início ao estudo de soluções de projeto. A última fase refere-se à elaboração de várias hipóteses propostas, ponderando sobre a solução mais adequada que permitisse reabilitar o pré-existente e simultaneamente colocá-lo a dialogar com as novas volumetrias propostas.



## 1.3 | ESTRUTURA E ORGANIZAÇÃO

O presente trabalho foi desenvolvido em duas componentes de investigação: uma teórica e outra prática.

A componente teórica tem como objetivo o esclarecimento dos conceitos de base que irão servir como suporte do processo de projeto. Nesta parte do trabalho, primeiramente será realizado um estudo sobre a memória e o património, de modo a entender as suas definições e relação com a arquitetura, sobretudo com o construído.

Numa segunda fase é feito um enquadramento sobre o termalismo, bem como sobre a sua evolução morfológica. Neste sentido, tornou-se importante estudar o elemento água e como se relaciona com a memória. Estas duas fases complementam-se e têm como objetivo a conclusão da parte teórica do trabalho que consiste no entendimento da reinvenção do termalismo na atualidade.

Por forma a melhor entender esta conclusão, serão apresentados, no quarto capítulo, casos de estudo práticos que evidenciam a relação entre os temas teóricos abordados.

Ainda na componente teórica, foi realizada investigação acerca da história de Castelo de Vide, passando pela sua evolução morfológica culminando num estudo sobre o edifício das antigas Termas.

Relativamente à parte prática do presente trabalho, o projeto estará dividido em duas partes: uma intervenção urbana, tendo em conta as necessidades gerais e principais lacunas do local; e uma intervenção arquitetónica que se traduz na reabilitação de um núcleo urbano e acréscimo de novos volumes, por forma a criar um complexo termal.



# 02 |

## MEMÓRIA E PATRIMÓNIO

## 2.1 | MEMÓRIA EM DEFINIÇÃO

Etimologicamente, a palavra memória deriva do latim *memoria* que significa “lembrança”, que no seu sentido comum, corresponde à faculdade do ser vivo de conservar uma impressão ou marca do seu passado e de se referir a ela.<sup>1</sup>

A memória inclui um conjunto de funções ativas, características únicas de um ser vivo, mas em muitos aspetos a memória humana difere da observada nas outras espécies animais. O Homem dispõe de áreas cerebrais relacionadas com a memória mais vastas e numerosas, o que faz com que tenha consciência da sua memória.

O homem, para além de uma consciência primária, dispõe de uma consciência de ordem superior, e graças à linguagem permite-lhe conceptualizar e comunicar a sua experiência.<sup>2</sup>

A procura do melhor entendimento da memória tem sido tema de reflexão desde há muito tempo, pois devido à sua complexidade não pode ser apenas definida com uma significância, correspondendo deste modo a uma vasta área de estudo.

Assim sendo, a memória pode igualmente ser descrita como “a capacidade do psiquismo para conservar os conteúdos das vivências para além do “agora e aqui” em que foram vividas, com a possibilidade de atualizá-los em momentos posteriores.”<sup>3</sup>

A partir desta definição, conseguimos perceber que a memória está evidentemente ligada ao tempo, da mesma forma que ao espaço e consequentemente ao esquecimento.

A memória é algo vivo que com o tempo sofre algumas transformações e deformações que vão até ao esquecimento. O esquecimento pode

<sup>1</sup> AAVV - “Memória”, in AAVV, “Dicionário Prático de Filosofia”; Trad. Manuela Torres, Madalena Bacelar, João Silva Saraiva, Rui Pacheco; Lisboa: Terramar, 2007; pág. 251

<sup>2</sup> CANDAU, Joel, “Antropologia da Memória”, Instituto Piaget, Lisboa, 2013; pág. 27

<sup>3</sup> AAVV in - “Enciclopédia Luso Brasileira de Cultura”, Editorial Verbo, 1992 Volume 13, pág. 279

assim ser definido como a “a impossibilidade prática de evocar as recordações”<sup>4</sup> estando diretamente relacionado com o tempo decorrido.

As nossas lembranças não estão armazenadas como objetos materiais numa caixa, são organizadas e datadas em função dos enquadramentos familiares ou socais nos quais estamos inseridos. A reconstituição consciente, mais ou menos voluntária, de um passado ausente constitui assim o trabalho da memória. Esta atividade fundamentalmente significativa implica pôr de parte tudo o que é insignificante ou inútil: esquecer. “O esquecimento é uma função positiva e um aspeto essencial da memória e não uma fraqueza como se poderia pensar.”<sup>5</sup>

Ou seja, o esquecimento é uma condição da memória. É porque esquecemos que continuamos a reter informações adquiridas e experiências vivenciadas. Seria impossível conservar todos os materiais que armazenamos, tendo o esquecimento a função de selecionar para podermos adquirir novos conteúdos.

Concluimos assim que a memória é uma faculdade cujos produtos são as recordações e o esquecimento.

Devido à complexidade de esclarecer o que é a memória, alguns autores dividiram-na em grupos que permitem um melhor entendimento daquilo que é o seu conceito.

Jean Delay<sup>6</sup> em *Les Dissolutions de la mémoire*, distingue três grupos para a memória: “(...) a memória sensoriomotora, puramente mecânica, é regida pela única lei do hábito (é esta que comanda principalmente a nossa conduta corporal). A memória autista (própria a nós próprios) assegura a conservação íntima e a restituição espontânea das nossas lembranças sobre o modo afetivo e segundo uma lógica que é a do inconsciente.” E ainda, “a memória social, reconstrói as nossas lembranças sobre o modo lógico e

<sup>4</sup> AAVV in - “Enciclopédia Luso Brasileira de Cultura”, Editorial Verbo, 1992 Volume 13, pág. 279

<sup>5</sup> AAVV - “Memória”, in AAVV, “Dicionário Prático de Filosofia”; Trad. Manuela Torres, Madalena Bacelar, João Silva Saraiva, Rui Pacheco; Lisboa: Terramar, 2007; pág. 251

<sup>6</sup> Jean Delay foi um médico e psicofisiólogo francês, nascido em 1907 e falecido em 1987. A sua obra exerceu uma forte influência nas concepções da psicologia e da psiquiatria contemporâneas, concretamente sobre a memória.

racional exigido pela socialização de um pensamento.” Por último, defende a existência da “memória completa que é a união hierarquizada destas três funções, inclui a relação com o outro como interlocutor real ou fictício dos nossos pensamentos.”<sup>7</sup>

Santo Agostinho<sup>8</sup> distingue igualmente três tipos de memória, no entanto diferentes dos de Delay, são eles: “(...) a memória dos sentidos, a memória intelectual e a memória dos sentimentos. Na memória dos sentidos são conservadas e escalonadas por espécies as sensações que aí penetraram, cada uma pelo seu próprio acesso: a luz, as cores, as formas pelos olhos; os sons pelos ouvidos; os odores pelas narinas; os sabores pela boca; e, finalmente, todas as sensações de tocar pelos sentidos táteis (...) a memória intelectual encerra tudo o que foi aprendido das ciências. Esta memória não é uma memória que se contenta em registar e conservar os conhecimentos: é antes de tudo uma memória independente da experiência que, encerra as categorias *a priori* do conhecimento, da moral e do julgamento estético, seja na verdade todo o equipamento cognitivo de um ser humano. É a memória que torna apto julgar o verdadeiro do falso, o bem do mal, o belo do feio.”

Por fim, distingue a memória dos sentimentos que “(...) encerra os “estados afetivos da alma não tal como eles são vividos na alma quando ela os experimenta. (...) Assim podemos recordar termos sido felizes sem estarmos felizes nesse momento, tal como podemos evocar uma tristeza passada sem nos sentirmos tristes (...). A memória conserva assim os estados afetivos da alma quando a alma já não os sente mais, o que leva a dizer que a relação presente com o passado não pode em caso algum ser confundida com a presença efetiva desse passado”.<sup>9</sup>

<sup>7</sup> DELAY, Jean — “Les Dissolutions de la mémoire” in AAVV, “Memória”, in AAVV, “Dicionário Prático de Filosofia”; Trad. Manuela Torres, Madalena Bacelar, João Silva Saraiva, Rui Pacheco; Lisboa: Terramar, 2007; pág. 252

<sup>8</sup> Santo Agostinho nasceu em África no ano de 354, tornou-se um grande filósofo e chegou a ser considerado um dos maiores pensadores de todos os tempos. Foi também escritor, bispo e teólogo. As suas obras foram muito influentes sobretudo no desenvolvimento do cristianismo ocidental.

<sup>9</sup> CANDAU, Joel, “Antropologia da Memória”, Instituto Piaget, Lisboa, 2013; pág. 45

Por sua vez, Leroi-Gourhan<sup>10</sup>, distingue também três tipos de memória: “(...) memória específica, memória étnica e memória artificial: memória específica para definir a fixação dos comportamentos de espécies animais.” Sendo que é a “memória étnica que assegura a reprodução dos comportamentos nas sociedades humanas e, no mesmo sentido, de uma memória artificial, eletrónica na sua forma mais recente, que assegura, sem recurso ao instinto ou à reflexão, a reprodução de atos mecânicos encadeados.”<sup>11</sup>

Dentro de muitas outras, é de referenciar ainda a distinção entre memória individual e memória coletiva. Para Maurice Halbwachs, teorizador pioneiro da memória enquanto fenómeno coletivo, a memória, por mais pessoal que possa ser, é construída socialmente. Esta desenvolve-se a partir da composição das memórias dos diferentes grupos com quem nos relacionamos: *“suponhamos que eu passeie só. Diremos que desse passeio eu não possa guardar senão lembranças individuais, que não sejam senão minhas? Não obstante, passei só somente na aparência. Passando por Westminster, pensei no que me havia sido dito por um amigo historiador (...). Atravessando uma ponte, considerei o efeito de perspectiva que meu amigo pintor havia assinalado.”*<sup>12</sup>

Podemos então concluir que existem elementos construtivos da memória, dentre eles, destacam-se alguns como: acontecimentos vividos pessoalmente, acontecimentos vividos pelos grupos onde a pessoa pertence, por pessoas ou personagens mesmo que não pertençam ao mesmo espaço ou tempo, e por fim, por lugares de memória.

É nesta ligação entre a memória individual e da sociedade que reside o elemento mais importante da memória. É no contacto com o outro, quer seja

<sup>10</sup> Leroi-Gourhan foi etnólogo e arqueólogo francês, nascido em Paris em 191. O seu trabalho caracterizou-se por uma grande profundidade metodológica e teórica, numa construção académica rigorosamente aplicada a diversas disciplinas e áreas do saber, tendo como principal preocupação epistemológica o homem enquanto totalidade, centro e medida de todo o conhecimento.

<sup>11</sup> GOURHAN, Leroi in GOFF, Jacques le – “Memória” in AAVV, “Enciclopédia Einaudi”; Trad. Bernardo Leitão, Irene Ferreira; Porto: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1997; pág. 12

<sup>12</sup> HALBWACHS, Maurice; “On collective Memory”; University Chicago Press, Chicago, 1992

no âmbito da família, trabalho ou lazer que constituímos a nossa própria identidade, o nosso saber. É através destes elementos que aprendemos as tradições da nossa cultura, conhecemos novos lugares e a partir daí guardamos o que mais nos marcou por forma a moldar a nossa identidade a partir de tudo o que nos rodeia. É assim que construímos aquilo que somos.

A memória define assim o nosso ser e modela a nossa forma de nos comportarmos. Se perdermos a memória, é um pouco de nós próprios que estamos a perder, isto é, da nossa identidade. A memória tem a capacidade de reforçar (no caso das recordações) e de arrasar (no caso do esquecimento) o sentimento da nossa identidade. Ou seja: “A memória não é pois mais do que o nome dado a esta faculdade constituinte da identidade pessoal que permite ao sujeito pensar-se idêntico no tempo, graças particularmente à função narrativa.”<sup>13</sup> Compreendemos então, que tudo o que possa ameaçar a memória provoca o pânico pois uma perda de memória significa uma perda de identidade pessoal e, claro das recordações autobiográficas sobre as quais se apoia a construção desta identidade. Uma pessoa sem memória fica perdida num momento vazio de sentido, sem passado nem futuro.

Em suma, podemos concluir que “o ato mnemónico é uma atividade inerente ao ser humano. É a lembrança de um acontecimento passado, que foi sujeito a uma modificação pessoal, na qual está incluído o esquecimento, e para o qual contribuem diversos fatores como o tempo e o espaço.”<sup>14</sup>

Assim, A memória só existe a partir do presente; ela é um passado interpretado, um processo de construção e reconstrução de acontecimentos e experiências.

<sup>13</sup> CANDAU, Joel, “Antropologia da Memória”, Instituto Piaget, Lisboa, 2013; pág. 143

<sup>14</sup> PIO, Mariana. (2016) “Memória como desencadeante da reinvenção Arquitetónica” – Dissertação final de mestrado, Universidade de Lisboa, Lisboa.



## 2.2| MEMÓRIA SOBRE O CONSTRUÍDO

No contexto deste trabalho, é importante esclarecer a importância do lugar, “locus”, para a memória.

Para além do tempo, também os lugares constituem um fator de grande importância na memória, pois toda a construção da memória tem um espaço físico. O espaço interfere no processo de criar e recordar memórias, ou seja, é o lugar físico onde decorre a ação que leva à memória. Apesar de este não ter o papel principal na sua criação, é importante caracterizar o lugar de cada uma das memórias.

Segundo Joël Candau, a memória “enraíza-se nos territórios, nos itinerários, nos espaços públicos, (...) servindo o lugar como índice de recordação.”<sup>15</sup>

Devemos perceber a diferença entre lugar e construído, pois, nem sempre significam o mesmo. Lugar pode ser vazio ou construído, como o próprio nome indica, é a existência de algo. O que aqui está em questão é a memória sobre o construído.

Os espaços construídos constituem importantes testemunhos que fixam as características de um grupo e lhes conferem um legado unificado ao longo das gerações.

Podemos dizer que o “construído é qualquer edifício, que, de maior ou menor importância para a sociedade, tem ou teve, dentro de si, muitas memórias.”<sup>16</sup>

Percebemos assim que a relação entre o espaço, o “locus”, e o Homem torna-se numa imagem importante de reter, contribuindo para isso a paisagem e a Arquitetura que lhe dão forma.

Os lugares funcionam assim como instrumentos estruturantes da lembrança para a identidade dos grupos ou dos indivíduos, são elementos

<sup>15</sup> CANDAU, Joel, “Antropologia da Memória”, Instituto Piaget, Lisboa, 2013;

<sup>16</sup> PIO, Mariana. (2016) “Memória como desencadeante da reinvenção Arquitetónica” – Dissertação final de mestrado, Universidade de Lisboa, Lisboa.

construtores de uma memória que contribui para a conceção da identidade pessoal, local, regional ou nacional.

Segundo Norberg-Shulz<sup>17</sup> o “locus” é mais do que uma localização geográfica: é um conjunto de elementos que transmitem significados e que se refletem na manifestação do habitat como suporte existencial do homem na terra. Para o autor, o locus pode ser descrito como a junção de espaço e carácter. O espaço está relacionado com a tridimensionalidade dos elementos caracterizadores de um lugar como a direção, a relação com a envolvente e a escala; enquanto que o carácter revela o papel mais abstrato e relaciona o tempo com as experiências vividas e com as memórias.

O carácter de um lugar, ou seja, o *caracter local* (*genius loci*) revela-se assim extremamente importante de conservar no sentido de preservar a relação do ser humano com a arquitetura.

Porém, a definição e a imagem de um lugar estão diretamente relacionadas com a sua *identidade*. Isto é, cada lugar terá um valor diferente para cada pessoa. Existem lugares que são coletivamente relevantes e simbólicos, como marcos e espaços da nossa vivência social, que nos unem e identificam. Tal como refere Kevin Lynch são como âncoras que constituem identidades comuns.

Por exemplo, os centros históricos da cidade detêm um carácter único, ao qual correspondem determinadas funções e estilos de vida que se revelam fundamentais e que incorporam memórias.

Tal como cita Norberg-Shulz na sua tese: “no passado, o lugar era comumente entendido como parte da realidade. Não se sentia necessidade de falar da sua natureza ou importância: esse lugar estava simplesmente lá (...). Então era mais que natural dizer-se: os acontecimentos têm lugar, e esta expressão ainda hoje em uso, demonstra como vida e lugar são inseparáveis (...) ter uma identidade significa, de facto, ter tomado posse de um mundo, compreendido com um ato de identificação. Somente quando

<sup>17</sup> Christian Norberg -Schulz foi um arquiteto, teórico e historiador norueguês que refletiu sobretudo sobre a arquitetura fenomenológica.

se alcançar essa identificação, poder-se-á dizer que se habita no verdadeiro sentido da palavra (...).”<sup>18</sup>

Em suma, percebemos que o lugar pode ser entendido como um espaço ocupado, dotado de características, elementos físicos e fatores sensoriais que o caracterizam enquanto lugar.

Pressupõe-se assim que se trata de um espaço físico que permite ao Homem habitar de modo que este interaja e atue com o espaço e as suas características, tirando o máximo partido das mesmas.

Quando elege um lugar para se fixar, o Homem está involuntariamente a apropriar-se desse lugar, por isso irá dotá-lo de significados e valores, ou seja, irá dinamizar o espaço reconhecendo todas as características que o compõem, o seu *Genius Loci* e as características que foram apreendidas numa fase mais profunda do reconhecimento do lugar, tendo sempre em conta todas as suas memórias e experiências.

Devido à sua volatilidade, o ser humano necessita de algo externo que se apresente como sempre presente e que lhe dê estabilidade e conforto. “Auguste Comte<sup>19</sup> observou que o equilíbrio mental decorre em boa parte e, primeiro, pelo fato de que os objetos materiais com os quais estamos em contato diário mudam pouco, e nos oferecem uma imagem de permanência e estabilidade. É como se fosse uma sociedade silenciosa e imóvel, estranha à nossa agitação e às nossas mudanças de humor que nos dá uma sensação de ordem e de quietude.”<sup>20</sup>

Aqui surge o papel da arquitetura como elemento fundamental que funciona como “depósito” de memórias. Esta torna-se no contexto físico que permite ao Homem, enquanto indivíduo e sociedade, adquirir a noção de existência e passagem do tempo.

<sup>18</sup> NORBERG-SCHULZ, Christian; “Genius Loci: towards a phenomenology of architecture”, Academy Editions, Universidade do Minnesota, 1980 citado e traduzido em : AGUIAR, José; Cor e cidade Histórica, estudos cromáticos e conservação do património, Porto: publicações FAUP, 2005, pág. 126

<sup>19</sup> Auguste Comte (1798-1857) foi um filósofo francês. Foi considerado o fundador do positivismo, corrente que propõe uma nova organização social. Foi também o fundador da Sociologia.

<sup>20</sup> HALBWACHS, Maurice; “On collective Memory”; University Chicago Press, Chicago, 1992

“A Arquitetura tem a capacidade de atuar como elemento de contextualização que, em última instância, possibilita a organização dos acontecimentos, dos sentimentos e das ações - traduzindo-os em memória(s).”<sup>21</sup>

Os edifícios e os espaços antigos ou modernos são automaticamente detentores de memória que refletem constantemente ações passadas, presentes e futuras.

Alberto Campo Baeza salienta então a importância da memória, classificando-a como uma “arca do tesouro onde se retira permanentemente material para se utilizar de maneira adequada”.<sup>22</sup>

Por outras palavras, percebemos que a memória tem esta capacidade de nos ensinar a lidar com o futuro através de conhecimentos antigos e que constitui a base de qualquer uma das nossas ações, estando intrinsecamente relacionada com a arquitetura.

Concluimos assim que a arquitetura e a construção em geral detêm, tal como os lugares um papel fundamental na memória.

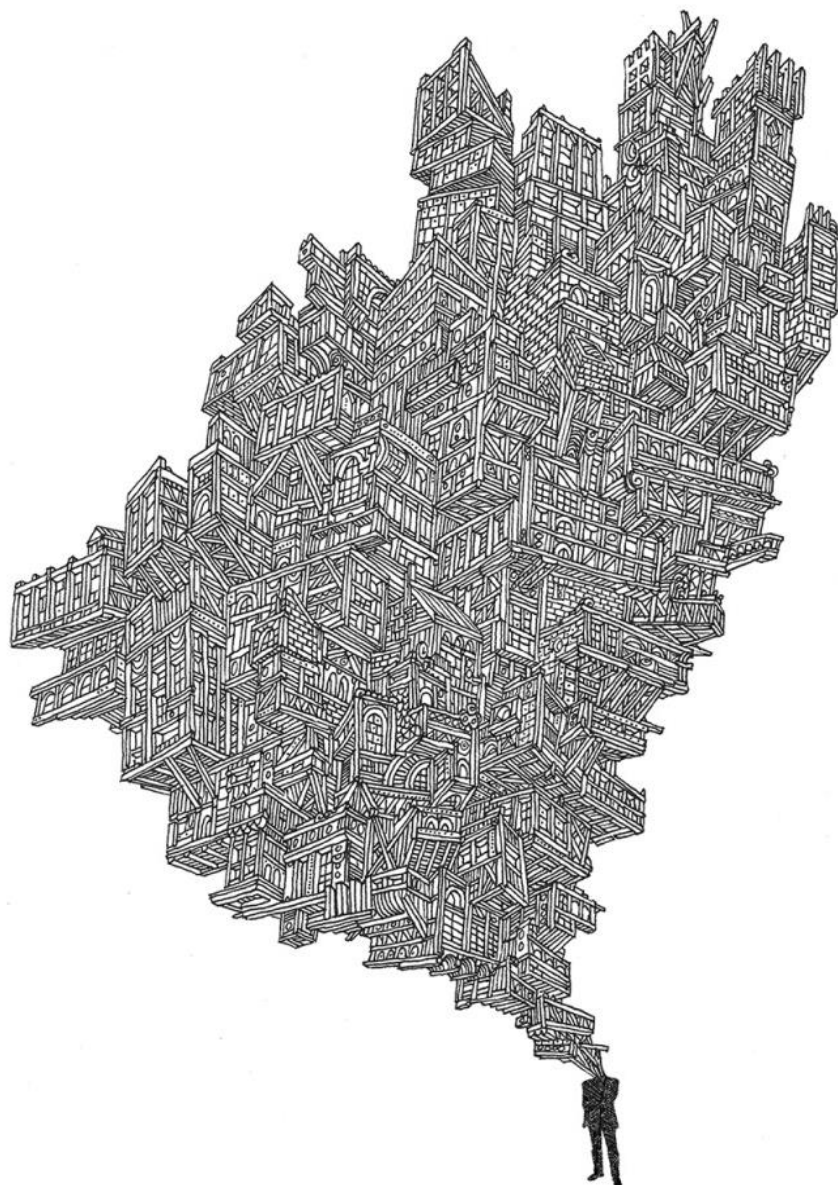
A arquitetura acaba por ser uma história que une os diferentes tempos, desde o passado, o presente e o futuro, une a sociedade e guarda as memórias de todos estes tempos.

Por sua vez, a memória retém as transformações da cidade e torna-se num conceito fundamental para a sua compreensão e interpretação nos dias de hoje. O conceito de memória deve então ser abordado na perspetiva de interpretar o passado como forma de pensar a cidade atual.

É deste vínculo entre a arquitetura e a memória que surge a noção de Património.

<sup>21</sup> “Memories, expectations, and present consciousness are not just personal possessions. These temporal organizations, and thus the sense of self, are socially supported.” - LYNCH, Kevin. *What Time is This Place?* Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 1972. p. 12

<sup>22</sup> BAEZA, A. Campo; “Principia Architectonica”, Caleidoscópio, 2013; pág. 47



01. Ilustracção de Vasco Mourão  
Capa da revista Arquitetura 21, maio 2010

## 2.3 | PATRIMÓNIO EM DEFINIÇÃO

Etimologicamente, “património” deriva do termo greco-latino “*patrimonium*” que é formado pois duas palavras: “*pater*” que significa pai, o chefe da família ou num sentido mais lato, os antepassados e “*monos*” que tem origem no grego e refere-se à lei, aos usos e costumes ligados à génese, tanto de uma família como de uma cidade.<sup>23</sup>

No seu sentido geral, património está sempre associado à ideia de “herança”, seja esta “herança paterna ou bens de família”<sup>24</sup>

Segundo Françoise Choay: “Património. Esta bela e muito antiga palavra estava, na origem, ligada às estruturas familiares, económicas e jurídicas de uma sociedade estável, enraizada no espaço e no tempo. Requalificada por diversos adjetivos (genérico, natural, histórico...), que fizeram dela um conceito “nómada”, prossegue hoje em dia um percurso diferente e notório.”<sup>25</sup>

Percebemos assim que o conceito de património é muito transversal e que ao longo do tempo foi sendo alterado, ou seja: o património está longe de ser um depósito de acontecimentos terminados uma vez que se encontra constantemente sujeito a diferentes reinterpretações.

Tentando sistematizar o conceito, podemos afirmar que se trata de um conjunto de bens materiais (ex. edificado) e imateriais (tradições e conhecimentos de cada sociedade) que narram a história de uma nação e a sua relação com um determinado lugar, para que possa ser transmitida às gerações futuras como testemunhos e memórias.

O património desempenha assim um papel muito importante na conceção da memória coletiva no sentido em que tem a capacidade de

<sup>23</sup> CARNEIRO, Neri: Memória e Património: Etimologia 2009. Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/memoria-e-patrimonio-etimologia/21288/>  
Acedido em: 25 de Abril de 2018

<sup>24</sup> “património”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://www.priberam.pt/dlpo/patrim%C3%B3nio> [consultado em 25-04-2018].

<sup>25</sup> CHOAY, Françoise; “A Alegoria do Património”, Edições 70 LDA, Lisboa, 2000 pág.11

realizar uma “dupla viagem passado-presente na medida em que nos traz o passado e nos transporta de volta a ele”.<sup>26</sup>

Torna-se assim, importante perceber aquilo que transforma os “bens” em património arquitetónico-urbano e arqueológico.

Segundo Françoise Choay é possível identificar três “valores” que caracterizam uma estrutura edificada e lhe conferem o estatuto de “monumento histórico”.

O primeiro dos valores: o *valor cognitivo*, leva-nos a fazer a distinção conceptual entre monumento e monumento histórico. A autora do livro “A Alegoria do Património” faz a distinção entre monumento e monumento histórico. O monumento é entendido primeiramente como todo o artefacto cujo propósito é “lembrar à memória”. A palavra monumento tem origem no vocábulo latino “*monumentum*” e significa aquilo que se destina a transmitir a “recordação de alguém ou de algum facto memorável”<sup>27</sup> e ainda “factos, ritos ou crenças que se pretendem legar às gerações futuras por forma a contrariar a ação dissolvente do tempo, perpetuando a identidade e os caracteres distintivos de uma cultura.”<sup>28</sup>

Inversamente, monumento histórico não é assim desejado inicialmente, mas criado enquanto tal pelo seu valor reconhecido, ou seja, “é eleito por uma sociedade de entre um conjunto de obras por representar valores que lhe conferem uma identidade própria.”<sup>29</sup>

Neste sentido, percebemos a importância dos monumentos e a sua capacidade de serem testemunhos da história, eles permitem a reconstrução de “políticas, costumes, de arte, de técnicas e servem, simultaneamente, para a investigação intelectual e para a formação das profissões e dos

<sup>26</sup> FORES, Joaquim; in COUCEIRO, João; “Urbanidade e Património”, IGAPHE, Lisboa, 1998; pág. 11

<sup>27</sup> “monumento” in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://www.priberam.pt/dlpo/monumento> [consultado em 25-04-2018].

<sup>28</sup> FORES, Joaquim; in COUCEIRO, João; Urbanidade e Património, IGAPHE, Lisboa, 1998; pág. 11

<sup>29</sup> FORES, Joaquim; in COUCEIRO, João; “Urbanidade e Património”, IGAPHE, Lisboa, 1998; pág. 11

ofícios.”<sup>30</sup> Ou seja, constituem a qualidade daquilo a que podemos chamar de memória ou imaginários coletivos.

Depois do valor cognitivo, segue-se o *valor económico* dos monumentos históricos que por um lado “consiste na “mensuração financeira do objeto, ainda que tal consideração seja essencialmente subjetiva, atendendo à “carga afetiva” a que o património está sujeito”<sup>31</sup> e por outro lado encontra-se relacionado com o turismo no sentido em que atrai turistas devido ao crescente interesse no património monumental.

Por fim, surge o *valor artístico*, que constitui uma característica intrínseca ao objeto arquitetónico e que se, numa primeira fase, devia ser enquadrada como sendo aplicada apenas à antiguidade clássica, grega ou romana, com o progredir dos anos, o conceito alargou-se acompanhado do desenvolvimento do saber científico.

Em suma, percebemos que o conceito de património se aplica a todo o conjunto de bens que pelas três qualidades anteriormente referidas – cognitiva, económica e artística – que permanecem na nossa memória e caracterizam um determinado lugar. Hoje são esses lugares que nos transmitem as mais importantes lições de estilos e usos, de continuidades, de integração e de modernidade do tempo que respeitam, e desta forma, surge a necessidade de preservação dos mesmos.

<sup>30</sup> CHOAY, Françoise; “A Alegoria do Património”, Edições 70 LDA, Lisboa, 2000

<sup>31</sup> FORES, Joaquim; in COUCEIRO, João; “Urbanidade e Património”, IGAPHE, Lisboa, 1998; pág.





02. Arco di Gallieno, Piranesi, séc. XVIII



03. Templo de Fortuna Virilis, Piranesi, séc XVIII

## 2.4 | INTERVIR NO PATRIMÓNIO

A cidade reflete o confronto entre tempos, quer seja através de ações de novas construções, reconstruções ou demolições, demonstrando a forma como diversas gerações coexistiram. Esta é formada através de diversas camadas nas quais se encontram inúmeras culturas, memórias e épocas construtivas. A cidade funciona assim como um testemunho de outros tempos que contribui para a preservação de memórias coletivas.

Como refere José Aguiar: “(...) cada fração da história estratificada de um edifício representa mais do que um simples fragmento material, é o testemunho de uma determinada época, determinada forma de pensar e construir ou, por outras palavras, é a memória de um passado que importa entender e preservar.”<sup>32</sup>

A arquitetura constitui o elemento que melhor representa a sequência de transformações pela qual o homem passa ao longo do tempo. Esta tem a qualidade de conservar memórias, reter histórias, passados e relembrar a nossa existência.

O passado materializa-se de diferentes formas e por isso, todos os elementos quer se trate de um vazio urbano ou de uma pré-existência constituem sempre valor para a sociedade.

Atualmente verificamos um aumento na tendência de transformar o património de modo a evitar a desertificação destes elementos de valor.

A noção de património tem vindo a evoluir e as intervenções neste âmbito têm-se desenvolvido colocando novos problemas e desafios.

Uma das grandes dificuldades, nos dias de hoje, é conciliar as exigências de uma determinada sociedade com o património edificado. Por isso, interessa estudar as melhores formas de colmatar esta dificuldade, tentando perceber como incorporar as alterações hoje exigidas no existente.

<sup>32</sup> AGUIAR, José; Dificuldades na conservação e reabilitação do património português. Revista de estudos urbanos e regionais – (sub) Urbanismos e modos de vida. Nº21, março, 1995. Pág.33

No entanto, durante algum tempo e, por vezes, ainda nos dias que correm, assistimos a uma tendência de preservar o património, tal como este se encontra, devido ao receio deste tipo de intervenções, acaba por transformar o património numa representação idílica e fechada sobre si, negando a sua própria evolução ao longo do tempo. “Cada vez mais a nossa geração tem medo de confrontar os seus modelos significativos e as exigências funcionais com o contexto da cidade pré-existente e de verificar a atualidade deste último, negando por consequência, a sua própria evolução”.<sup>33</sup>

Neste sentido, Francoise Choay adverte para a tomada de consciência daquilo que caracteriza a vida humana no espaço, alertando para a importância de utilizar os lugares para novas funções e usos, mantendo sempre a memória presente.

*“A reconquista da competência de edificar e de habitar um património contemporâneo e inovador na continuidade do antigo passa também por uma propedêutica envolvendo um conjunto de urbanistas, arquitetos e habitantes na reapropriação e na reutilização sistemática das heranças (locais e construções) nacionais e locais e das suas escalas de ordenamento. Por outras palavras, deveríamos arrancar os locais e os edifícios antigos ao gueto museológico e financeiro. O objetivo é realizável nestas condições: - dotar os lugares de novos usos adaptados à procura da sociedade contemporânea; - renunciar ao dogma da sua intangibilidade e ao formalismo da restauração histórica; - saber proceder às transformações necessárias associando o respeito do passado e a aplicação das técnicas de ponta contemporâneas.”*<sup>34</sup>

Atualmente, devido à evolução dos conceitos e teorias sobre a salvaguarda e a valorização do património, surge um conjunto de noções que procuram distinguir e classificar as diversas formas de agir e classificar o

<sup>33</sup> CANATÁ, Michelle; Fernandes, Fátima: “Construir no Tempo”. ESTAR, Lisboa, 1999, p.7

<sup>34</sup> CHOAY, F., “As questões do Património: Antologia para um combate”, Coimbra: Edições 70, 2009, pág. 52 e 53

património edificado. Estas centram-se em torno de questões como a conservação/restauro, a sua reutilização e a integração de novas tipologias.

Todos os lugares existentes podem sofrer intervenções e, consequentemente, modificações. No entanto, cada edifício é um caso em particular e a nova intervenção deve ter em conta o reconhecimento da identidade e da unidade espacial do local onde se vai inserir.

Quando é realizada uma intervenção arquitetónica é inevitável não ser confrontado com questões sobre os elementos que possam ter valores para a envolvente. Por isso, as decisões tomadas devem estar de acordo com as necessidades da cidade e da sociedade onde se insere a intervenção.

Saber ler aquilo que o lugar nos pode oferecer é fundamental, pois permite uma fiel interpretação do mesmo. A perceção espacial e a vivência do espaço são fatores que permitem formar uma imagem relativamente aos locais, assim como a memória social coletiva dos mesmos.

Apesar de existirem diversos planos de salvaguarda para o legado patrimonial no seu todo é importante perceber que cada caso é um caso, e como tal, as medidas a serem adotadas dependem do tipo de edifício a ser tratado, do local onde se insere e de todos os contextos locais, bem como da sua envolvente e memória coletiva que carrega. Pois uma intervenção pressupõe “(...) um inevitável confronto físico e espacial que impõe a interpretação crítica do objeto a transformar, absorvendo, em maior ou menor profundidade, o seu significado global, enquanto condicionante do limite da capacidade de transformação do existente.”<sup>35</sup>

Por isso, a preservação das memórias não deve ser realizada de forma isolada, mas sim relacionada com o contexto contemporâneo, atribuindo-lhe o valor identitário que merece e dedicando-lhe novos usos e funções de acordo com as exigências da atualidade, garantindo a funcionalidade dos mesmos. Assim, é possível que tenha uma ocupação efetiva e que não se transforme num espaço sem vida e devoluto.

<sup>35</sup> Miguel Tomé – “Património e restauro em Portugal”; Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, Porto, 2002

Em suma, percebemos que o património é visto como uma fonte de conhecimentos históricos e culturais pelo que se torna fundamental assegurar a sua preservação e manutenção dos testemunhos históricos na nossa cidade, para que estes não se transformem em meros vestígios.

A sobrevivência destes testemunhos possibilita “a transmissão das memórias coletivas e identidades de um grupo social. Uma das mais significativas qualidades destes objetos patrimoniais é precisamente o seu carácter de documento, enquanto fonte de informação histórica, testemunho de dados artísticos, técnicos e culturais.”<sup>36</sup>

Neste sentido, o papel dos arquitetos é crucial pois são responsáveis por proceder às intervenções de forma consciente, mantendo sempre a identidade e, especialmente, a memória coletiva do lugar. Cada vez mais é oferecido aos arquitetos a possibilidade de operar com o construído e, este facto, pode gerar uma oportunidade incrível uma vez que construir sobre uma pré-existência oferece uma infinidade de hipóteses de trabalho.

O património pode assim funcionar como uma fonte de inspiração e um ponto de partida para novas atitudes de conservação, reabilitação e reutilização dos espaços.

<sup>36</sup> TOMÉ, Miguel; “Património e restauro em Portugal”; Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, Porto, 2002

## 2.5 | SÍNTESE DO CAPÍTULO

Após a reflexão que se realizou com base nos termos da memória e do património, conclui-se que quaisquer vestígios materiais são uma prova de que existiu um passado e que constituem uma ponte para o presente.

Percebemos que o património é uma fonte inesgotável de conhecimentos históricos e culturais e que é importante de preservar estes testemunhos para que não se transformem em meros vestígios sem significado.

De igual modo, é de realçar a história e memória dos lugares, pois são essenciais para projetar e estabelecer uma relação com o existente. Assim, concluímos que o património deve ser visto como uma fonte de inspiração e criatividade e que refletir sobre o passado é crucial, no sentido em que nos pode “dar pistas” para as intervenções.

O estudo realizado neste capítulo permitiu perceber que o passado aproxima realidades diferentes e que deve ter um papel de destaque no que toca a reinventar um lugar, pois só assim será possível manter o equilíbrio entre a Arquitetura, o lugar e o Homem.

As alterações que se tem vivido na sociedade atual levaram a que, cada vez mais se recorra à modificação e readaptação dos edifícios originais em vez de se optar por novas construções.

Neste sentido, concluímos que o papel do arquiteto é fundamental pois este deve colocar-se no momento e no espaço da intervenção de forma a compreender, interpretar e transformar a circunstância de cada lugar sem nunca perder a sua memória.

Retém-se como objetivo, a importância de propor uma intervenção capaz de reter memórias e de formar mais uma camada de história para que possa ser transmitida a gerações futuras.

# 03 |

## ÁGUA E TERMALISMO

### 3.1 |

#### A SIMBOLOGIA DA ÁGUA: A influência da água na memória

A água constitui o elemento vital da existência do ser humano. “Em cada época, a água tem sido objeto de cultos diferentes e de concepções diversas: mágico-sagradas, purificadoras ou indutoras de harmonia de sentimentos, nobreza e sensibilidade. Nem o progresso científico, relacionado com a física, a química e a microbiologia fez desvanecer o universo simbólico da água.”<sup>37</sup>

Simbolicamente, a água pode ter outros significados relacionados com um ponto de vista cosmogónico, que a descrevem como: “água descendente celeste, sob a forma de chuva, elemento masculino, fonte de fecundação da terra que se enriquece nas entranhas do subsolo; e a água ascendente, nascente da terra, feminina, símbolo de fecundação, força interna do verde da paisagem e da regeneração do Homem”.<sup>38</sup>

A estreita relação do Homem com a água remonta à Antiguidade, relacionando-se com lugares centrais de extrema importância para a fixação das cidades e, mais tarde, como práticas sociais de saúde e convívio. As fontes dedicadas aos Deuses e a estima destes pela água foram significativas nas culturas gregas e romanas e foram transmitidas para outras culturas e especialmente para o mundo ocidental. Ainda hoje estas fontes são entendidas como locais centrais, que funcionam como um símbolo nas cidades, agindo muitas vezes como núcleos das mesmas.

Apesar de hoje a água ser guiada até á casa de todos os habitantes e de os rituais ligados a esta se terem banalizado, é um elemento que ainda possui um grande simbolismo. “O mundo simbólico e real da água deve ser pautado pelo saber objetivo, científico e instrumental, mas também com algo sagrado, onde se mantenha a união que a água desde sempre

<sup>37</sup>MANGORRINHA, Jorge; “À Volta das Termas - Viagens no Espaço e no Tempo.”: Nova Galáxia, Caldas da Rainha, 2002. Pág. 26

<sup>38</sup> MANGORRINHA, Jorge; “À Volta das Termas - Viagens no Espaço e no Tempo.”: Nova Galáxia, Caldas da Rainha, 2002. Pág. 26

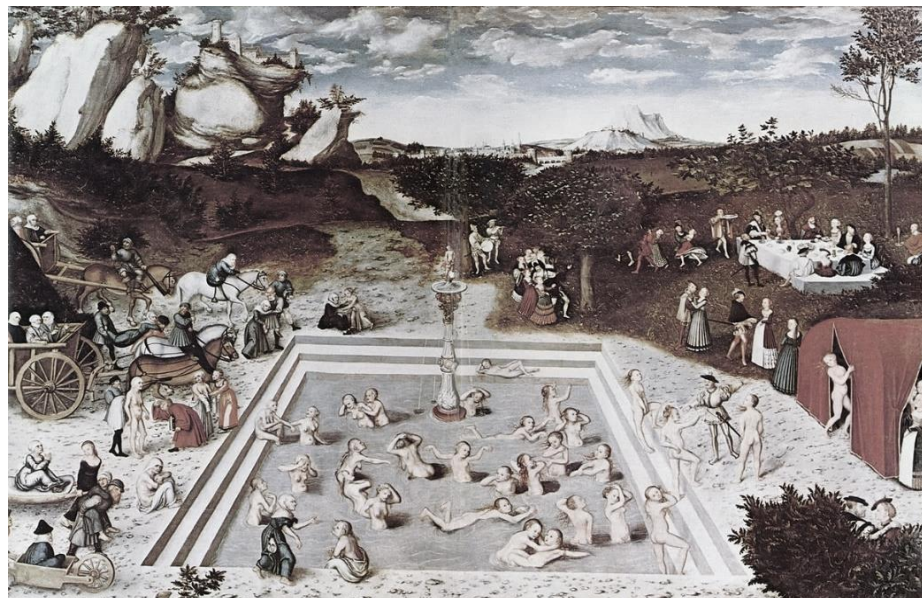
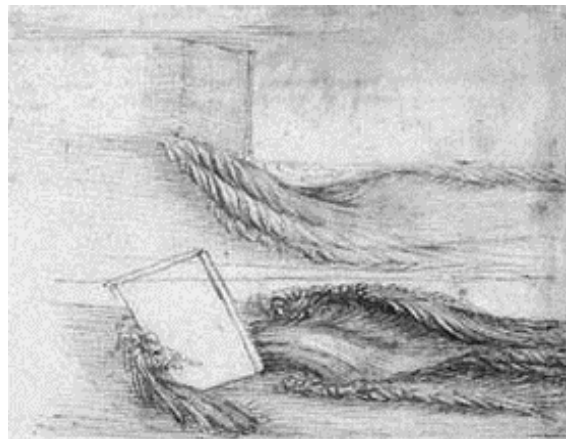


representou entre o corpo e a natureza, entre as gerações, entre o exterior e o interior, entre o visível e o invisível.”<sup>39</sup>

O seu papel fundamental, colocou a água num nível transcendental para a humanidade, tanto pelo seu misticismo na profundidade dos oceanos como pela sua capacidade de ligar mundos desconhecidos, a água sempre foi uma fonte de inspiração para os criadores.

(de cima para baixo)  
04. Estudo da água a atravessar elementos,  
Leonardo Da Vinci, 1508-09

05. Fonte da Juventude,  
Lucas Cranach, 1546

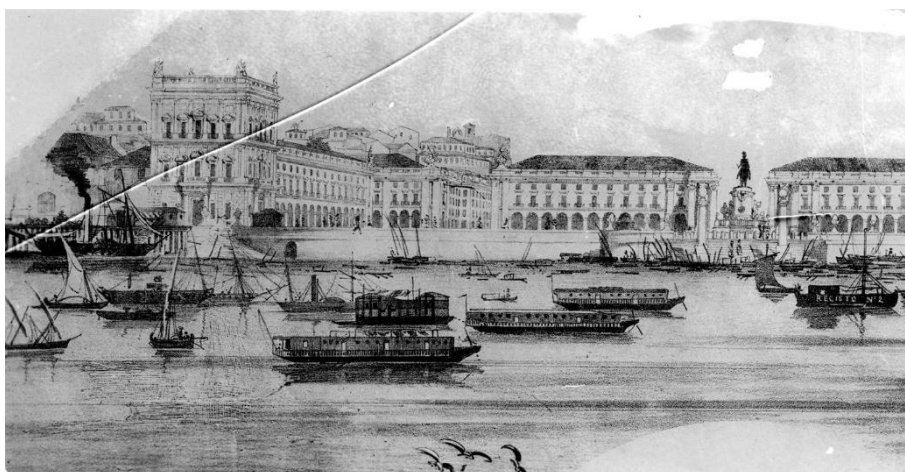


<sup>39</sup>MANGORRINHA, Jorge; “À Volta das Termas - Viagens no Espaço e no Tempo.”: Nova Galáxia, Caldas da Rainha, 2002. pág.28

Em Portugal, a estreita relação com a água tem um momento de destaque numa atura que remonta à época dos Descobrimentos, entre os séculos XV e XVII, no litoral do país. No entanto, este vínculo também se verificou no interior, especialmente em locais onde existem muitas nascentes de água com diferentes qualidades que potenciaram a atividade do termalismo. Em ambos os casos, a memória da água foi preservada pela construção de monumentos e edifícios que se mantêm até aos dias de hoje como um importante legado patrimonial da importância da água.

Concluimos assim, que é fundamental estudar estes símbolos do passado, pois “vivemos num mundo de símbolos, que nascem, precisamente, na logica da diferenciação social e espacial. A interpretação, entendimento e apropriação da simbologia da água, devem ser um contributo para aprofundar o imaginário (...) a fim de descobrir o sentido e o saber de uma realidade milenar.”<sup>40</sup>

Percebemos assim a importância de recuar e entender o contributo funcional da água que confere uso e valor aos lugares.



<sup>40</sup> MANGORRINHA, Jorge; “À Volta das Termas - Viagens no Espaço e no Tempo.”: Nova Galáxia, Caldas da Rainha, 2002. pág.28

*Relação de Portugal com  
as águas, no interior e no  
litoral, respetivamente.*

*(na página anterior)  
06. Praça do Comércio e  
as barcas dos banhos,  
Lisboa, 1848*

*(de cima para baixo)  
07. Termas de São Pedro  
do Sul – Fonte dos  
Amores*

*08. Torre de Belém,  
Lisboa*



### 3.1.1 | A ÁGUA E O SEU IMAGINÁRIO

Feita uma introdução sobre a simbologia da água, considera-se importante tentar interpretar o carácter sensitivo e imaginativo do elemento água.

Para isso, recorreu-se às obras do filósofo e poeta francês Gaston Bachelard que se dedicou ao estudo dos quatro elementos primordiais: o fogo, a água, o ar e a terra. Dando principal destaque a uma das suas obras sobre a água e os sonhos, em que a água é descrita sobretudo como um elemento transitório.

Bachelard percorre as diversas tipologias de água: as superficiais águas claras; as águas profundas; as águas de carácter feminino e material; as águas compostas e também as águas doces e violentas.

Para o presente trabalho - que recai sobretudo sobre as águas termais – interessam-nos as águas compostas.

“Em especial, a água é o elemento mais favorável para ilustrar os temas das combinações dos poderes. Ela assimila tantas substâncias, traz para si tantas essências (...) Impregna-se de todas as cores, de todos os sabores, de todos os cheiros.”<sup>41</sup>

Importa, de igual modo, perceber o significado de “imaginação” para o autor. Bachelard defende que a imaginação não é a capacidade de reproduzir imagens reais, mas sim a de reproduzir imagens que ultrapassam a realidade.

“Para nós, a imagem percebida e a imagem criada são duas instâncias psíquicas muito diferentes e seria preciso uma palavra especial para designar a imagem imaginada. Tudo aquilo que é dito nos manuais sobre a imaginação

<sup>41</sup> BACHELARD, Gaston; “A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria.” São Paulo; Martins Fontes, 1998. Pág. 15

reprodutora deve ser creditado à percepção e à memória. A imaginação criadora tem funções totalmente diferentes da imaginação reprodutora.”<sup>42</sup>

A nossa capacidade imaginativa é assim conduzida pelas memórias individuais de cada um, no entanto, existem determinados elementos materiais que persistem numa dita memória coletiva, que irracionalmente nos estimulam e levam à imaginação – como é o caso dos arquétipos.

Os arquétipos, segundo Carl Jung<sup>43</sup>, “são imagens primordiais incrustadas profundamente no inconsciente coletivo da humanidade. São algo que resulta da constante repetição de uma mesma experiência durante várias gerações.”<sup>44</sup>

Deste modo, percebemos que, possivelmente, as associações e sensações referentes à água podem estar de tal modo enraizadas no psíquico humano que tornam prudente a sua compreensão como meio de chegar ao imaginário do elemento água.

Consoante a ambiência em que se encontra a água, esta consegue despertar no ser humano diferentes sensações e, consequentemente, diferentes imaginários.

Por exemplo: as águas paradas conduzem-nos para momentos de reflexão, melancolia e até saudade.



09. Water Studies, por Julian Hrankov

<sup>42</sup> BACHELARD, Gaston: “A terra e os devaneios da vontade”- São Paulo: Martins Fontes, 1991. Pág. 2

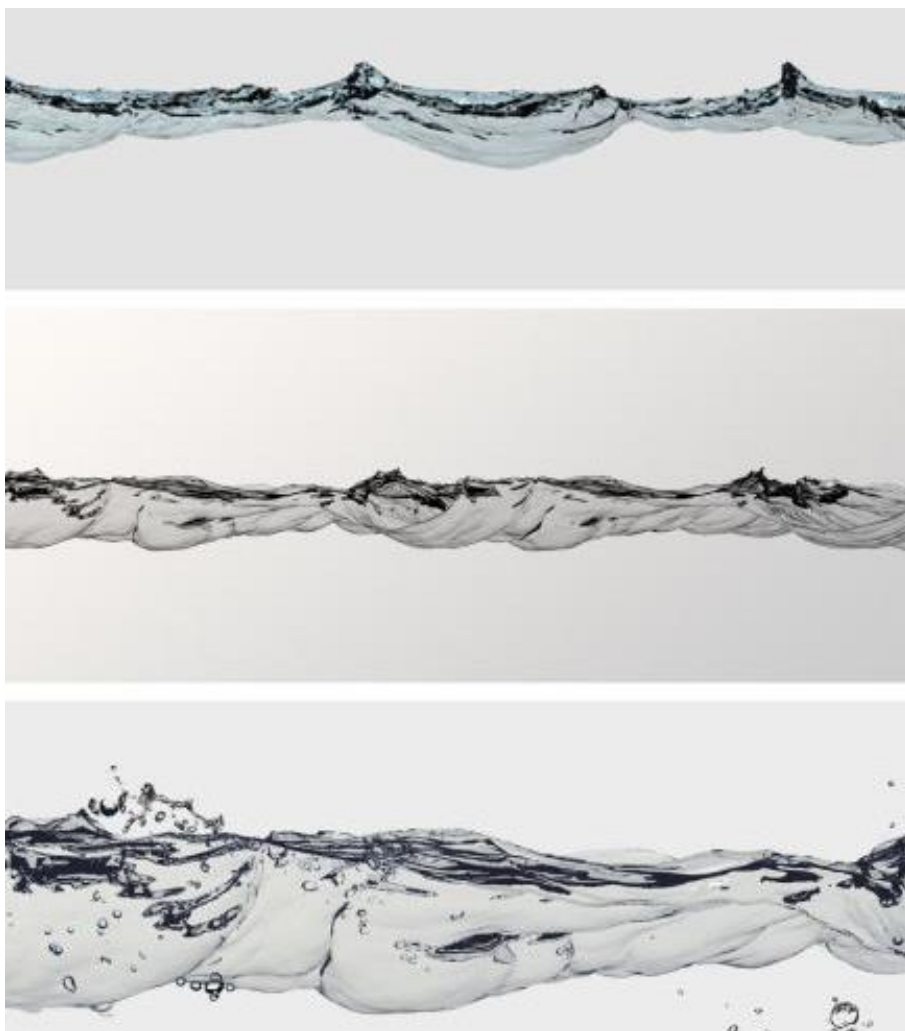
<sup>43</sup> Carl Gustav Jung foi um psiquiatra e psicoterapeuta suíço que fundou a psicologia analítica. Desenvolveu os conceitos de personalidade extrovertida e invertida, arquétipo e inconsciente coletivo.

<sup>44</sup> GUSTAV JUNG, Carl; “Os arquétipos e o inconsciente coletivo” – Editora vozes, 2011



“Reencontro sempre a mesma melancolia diante das águas dormentes, uma melancolia muito especial que tem a cor de um charco numa floresta húmida, uma melancolia sem opressão, sonhadora, lenta, calma.”<sup>45</sup>

O estudo de Bachelard dedica-se, entre outros assuntos, à imagem da água nos seus diversos estados, partindo da premissa de a água é uma “matéria de difícil apreensão”.



10. Water Studies, por Julian Hrankov

<sup>45</sup> BACHELARD, Gaston: “A terra e os devaneios da vontade” - São Paulo: Martins Fontes, 1991. Pág. 17

Segundo o autor, a água deixa-se ver, deixa ver através dela e deixa ver nela o observador. Ao mesmo tempo serve de foco, lente e espelho.

Bachelard destaca de igual modo a importância da luz, pois apenas conseguimos visualizar qualquer elemento na presença da luz. A água não reflete apenas a luz, também a fragmenta.

Ao desenvolver este estudo de imagens e imaginação da água, o autor destaca o potencial determinante deste elemento que se pode traduzir numa imensidão de possibilidades, mas que, no entanto, acaba por se traduzir numa unidade.

“(…) A água nos aparecerá como um ser total: tem um corpo, uma alma, uma voz. Mais que nenhum outro elemento talvez, a água é uma realidade poética completa. Uma poética da água, apesar da variedade de seus espetáculos, tem a garantia de uma unidade.”<sup>46</sup>

Quase todos os exemplos utilizados ao longo desta obra de Bachelard, são extraídos da poesia da água. Segundo o autor, a água é proprietária de uma força capaz de dar à literatura um significado muito maior e mais pertinente.

Para Bachelard, evocar uma pedra num poema é circunscrever-se num universo imaginário definido, pois a pedra já traz em si um reportório de imagens que lhe podem ser atribuídas. Porém, escolher a água como matéria para um poema já se transforma num novo e diverso mundo.

Fazendo o paralelismo da poesia com a arquitetura, a água funciona igualmente como um instrumento enriquecedor da concepção arquitetónica, não só pelas suas características funcionais, mas sobretudo devido às suas características formais e estéticas.

A água “destaca-se como um dos elementos naturais que permite a afirmação da arquitetura no espaço, capaz de proporcionar a percepção da matéria que nos rodeia.”<sup>47</sup>

<sup>46</sup> BACHELARD, Gaston: “A terra e os devaneios da vontade” - São Paulo: Martins Fontes, 1991. Pág. 17

<sup>47</sup> BATISTA, Juliana; “Reinvenção da Quinta Braamcamp no Barreiro”; Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2017

O elemento água revela assim uma enorme capacidade de enriquecer sensorialmente os espaços, sobretudo quando aliada à luz que realça todas as suas características, tal como foi referido anteriormente.

Em suma, se pensarmos na água enquanto elemento primitivo e o aliarmos a todas as suas valências sensoriais, percebemos o quão importante é o seu estudo e entendimento para que possa ser utilizado e reinterpretado na conceção de espaços contemplamos sem que perca todo o seu imaginário e simbologia.



*(de cima para baixo)  
Relação da água  
com a arquitetura:*

*11. Pavilhão de  
Barcelona, Mies  
Van Der Rohe,*

*12. Casa da  
Cascata, Frank Lloyd  
Wright*





### 3.2|

#### ENQUADRAMENTO GENÉRICO DO TERMALISMO

A palavra Termalismo provém do termo “*thermos*” que significa “quente” e foi pela primeira utilizada vez num dicionário médico nos finais do séc. XIX para designar “*a qualidade de uma água que apresenta de forma espontânea um determinado grau de calor mais ou menos pronunciado.*”<sup>48</sup>

Embora não se saiba ao certo quando foram descobertos os benefícios do tratamento termal para o Homem, sabe-se que a relação entre o homem e as águas termais vem da Antiguidade. Relaciona-se não só com “práticas sociais de saúde e convívio, mas também políticas e religiosas, em especial ritos de purificação, que tomaram inicialmente uma especial importância das religiões muçulmana e hindu. Por toda a parte diferentes civilizações consideraram esta prática higiénica e salutar: os Celtas consagravam fontes aos Deuses e o apreço pelas águas foi significativo nas culturas grega e romana, e esta tradição transmitiu-se durante séculos a outras culturas, como a islâmica, e mais recentemente ao mundo ocidental.”<sup>49</sup>

As termas aparecem em locais onde emergem águas minerais com determinadas temperaturas e características que permitem a sua utilização para fins medicinais e de lazer.

Em termos técnicos, estas “águas minerais são resultado da infiltração de águas meteóricas que após longa circulação subterrânea, e sob condição de formações geológicas especiais, retiram delas o quimismo e o geocalor que lhes conferem as potencialidades curativas. A sua dependência dos fatores geológicos regionais, irão conferir a cada fonte termal uma composição química específica com qualidades medicinais próprias.”<sup>50</sup>

<sup>48</sup> 1 MIGUEZ, L. “Conceito Actual do Termalismo in Jornadas técnicas sobre hidrologia médica – III Encontro Internacional de Água e Termalismo”. Ourense: Expourense, 2008. Pág.5.

<sup>49</sup> MANGORRINHA, Jorge; “À Volta das Termas - Viagens no Espaço e no Tempo.”: Nova Galáxia, Caldas da Rainha, 2002. pág. 15

<sup>50</sup> VENTURA, ANDRÉ; “Das Termas à Cidade”, Projeto Final de Mestrado; Universidade de Lisboa, Lisboa, 2017.

O termalismo tem sofrido muitas transformações ao longo das últimas décadas. O seu processo de evolução tem sido irregular, tendo sempre acompanhado as mudanças na sociedade. Passou de acessível a uma cultura mais popular, que misturava tanto elementos lúdicos como terapêuticos, a um produto procurado por um setor mais elitista da sociedade.

Atualmente, o conceito de termalismo tem sofrido algumas mudanças devido aos níveis de qualidade, conforto e segurança exigidos que conduziram à desativação e abandono das infraestruturas termais, levando a uma acentuada quebra na afluência às termas.

No entanto, não nos devemos esquecer da importância das termas pois estas constituem locais privilegiados e de encontro com a natureza e cultura local, e “em qualquer parte do mundo o termalismo (...) trata-se de uma interpretação no tempo e no espaço, de uma Viagem da alma e do corpo, à descoberta das razões mais profundas da existência, da única tentativa razoável de fundir o saber e o estar.”<sup>51</sup> Formando assim, um importante legado patrimonial que não devemos ignorar mas sim, preservar a sua memória adequando-a aos dias de hoje. Como refere Jorge Mangorrinha: “o cidadão não pode nem deve circunscrever ao estudo do seu passado. À contemplação passiva do que fomos deve sobrepor-se a inteligência ativa na defesa do presente e na garantia da continuidade dos locais.”<sup>52</sup>

Neste sentido, serve o presente capítulo para entender a evolução do termalismo até à atualidade e como este aspeto pode constituir uma oportunidade de reflexão, baseada nas suas origens.

<sup>51</sup>MANGORRINHA, Jorge; “À Volta das Termas - Viagens no Espaço e no Tempo.”: Nova Galáxia, Caldas da Rainha, 2002. Pág.11

<sup>52</sup>MANGORRINHA, Jorge; “À Volta das Termas - Viagens no Espaço e no Tempo.”: Nova Galáxia, Caldas da Rainha, 2002. Pág.11

### 3.3| EVOLUÇÃO MORFOLÓGICA – O CONTEXTO EUROPEU

A cultura termal europeia tem raízes na Antiguidade, passando pela experiência de várias civilizações, culmina no franco desenvolvimento greco-romano.

É a civilização grega que inicia a prática termal. São os gregos quem reconhecem as capacidades terapêuticas das águas minerais e aprofunda esta temática. Os banhos públicos começam a generalizar-se e ganham outras funções como a desportiva, de culto do corpo e até de convívio das diferentes classes sociais, funcionando assim como um espaço de urbanidade.

No entanto, são os romanos que melhoram e levam este costume ao expoente máximo de ostentação e grandiosidade. Estes não se limitaram a seguir a herança grega e graças ao seu espírito científico e capacidade técnica desenvolveram fortemente as práticas balneares, dando assim grande importância à água que passou a ser vista como elemento essencial do espaço urbano. Deste modo, as termas acabam por ocupar um lugar central na vida pública.

Os Romanos valorizaram os atributos e potencialidades terapêuticas das águas termais, criando balneários e estâncias termais por toda a Europa. Dá-se uma verdadeira revolução através da utilização de novos métodos e da dedicação de profissionais com capacidades reconhecidas, como médicos e engenheiros, que promoveram a construção e progresso das termas.

As estâncias termais tornaram-se assim símbolos de prazer e luxo com todo o conforto e deleite para o corpo e para alma.

Em termos espaciais, a disposição do piso balnear em si era feita através de uma entrada, onde se realizavam exercícios físicos, seguida dos vestiários. De seguida, podíamos encontrar o ritual dos banhos que era composto por várias câmaras que constituíam os diferentes tipos, dos quais podemos destacar o *Tepidarium* que corresponde a banhos com água a temperatura

média; o *Caldarium* para banhos muito quentes que promoviam a transpiração; e o *Frigidarium* onde era feita uma imersão em água gelada.

Para além destes espaços, podíamos encontrar o *Sudatorium*, que correspondia a uma espécie de sauna; a *Laconicum* para banhos a vapor; a *Exedrae* que servia como sala de conversação e a *Tabernae* que funcionavam como lojas adjacentes às câmaras de banho, onde se vendia comida e bebida, servindo mais como um local de convívio.

O sistema de aquecimento utilizado era o *Hypocaustum* que se tratava de uma estrutura ao nível do subsolo que permitia a circulação do ar quente que seria distribuído para o piso superior, possibilitando uma temperatura específica para cada sala.

Nas imagens 13 e 14 pode ver-se um exemplo desta tipologia termal nas Termas de Caracala, em Itália.

Paralelamente a estes compartimentos, eram articulados espaços de cultura, como bibliotecas, galerias de arte e o pátio (*Palaestrai*) mais ou menos central para onde se abriam todas as salas e que era igualmente utilizado para a prática de exercício físico.

Com a expansão do império romano assistiu-se a uma propagação do ritual dos banhos por toda a Europa, constituindo complexos de maiores ou menores dimensões e que não seguiam uma estrutura tão rigorosa como a anteriormente referida. A queda deste império e as invasões barbaras significaram o fim de uma época faustosa para o termalismo. Em toda a Europa o respeito pela água diminui e as práticas higiénicas estabelecidas pelos gregos e pelos romanos caem em desuso.

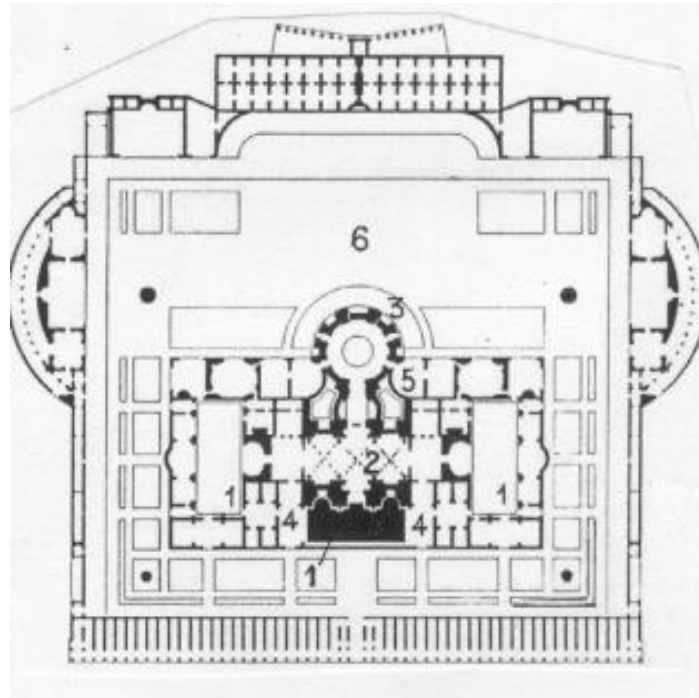
Durante a idade média o termalismo passou por um período de inatividade, verificando-se um verdadeiro retrocesso do desenvolvimento termal na Europa. O luxo e a riqueza de muitos daqueles lugares toraram-se verdadeiros alvos de furtos, tendo a falta de conservação contribuído igualmente para uma degradação progressiva de uma grande parte de lugares termais.

(de cima para  
baixo)

13. Planta dos  
Banhos de  
Caracalla,  
em Itália

1.Frigidarium  
2.Tepidarium  
3.Calidarium  
4Apodyterium  
5Saudatarium  
6Palestra

14. Ambiente  
dos Banhos de  
Caracalla,  
em Itália



Porém, a prática banear não foi totalmente abandonada, foi a igreja católica que, apesar de condenar o luxo e os costumes dos banhos romanos, deu um novo sentido ao termalismo, tomando posse destes lugares termais.

Surge assim o termo das “águas santas” que eram associadas ao culto religioso e que funcionavam como uma purificação para o Homem. Os lugares termais foram reformulados tendo sido construídos lugares de culto junto às termas. Nesta época, o termalismo centrava-se apenas num cariz medicinal, fortemente ligado às entidades religiosas, atribuindo virtudes santas ou curativas aos utentes.

A partir do séc. XIV o declínio do domínio mouro na Península Ibérica corresponde à chegada dos turcos do leste da Europa. A sua expansão deu-se por este vasto território centrando-se em países como a Hungria, Bulgária, Romana e Eslováquia. Os turcos praticavam o termalismo com muito entusiasmo e colocavam a água num lugar de destaque na sua vida social e religiosa. Como tal, começam a construir diversos complexos balneares: “os hammam, na sua maioria compostos por piscina circular coberta por uma cúpula rasgada por vários lanternins de pequenas dimensões.”<sup>53</sup>

Atualmente podemos ainda assistir a esta soberania da prática termal deixada pelos turcos em cidades com Budapeste com as suas termas de Rác e Király.<sup>54</sup>

<sup>53</sup> VENTURA, ANDRÉ; “Das Termas à Cidade”, Projeto Final de Mestrado; Universidade de Lisboa, Lisboa, 2017. Pág.32

<sup>54</sup> MOLDOVEANU, Mihai; “Ciudades Termales en Europa”, Lunwerg Editores, Barcelona, 1999.



*(de cima para baixo)*  
15. Termas de Rácz ,  
Budapestb – Vista  
Interior

16. Termas de  
Kiraly, Budapeste –  
vista interior



Com o Renascimento, após o século XV, as termas ganharam um novo fôlego onde a renovação do termalismo cresce de forma semelhante à época antiga, que só foi possível devido à junção das influências turcas com a abertura intelectual do renascimento.

As novas estâncias termais foram transformadas em lugares de fausto e de elites endinheiradas. Nesta altura dá-se origem ao que se designa por “Termalismo da Corte”, transformando as modestas termas medievais em semelhantes termas romanas da antiguidade, nunca igualando, porém, em magnificência, em virtude dos estragos provocados durante a Idade Média. As termas são, assim, reabilitadas pela aristocracia, nomeadamente a francesa que procurava não só o restabelecimento físico pela cura, mas também pretendiam admirar paisagens, hábitos e costumes estrangeiros. “Neste sentido é explorada a componente estival e turística destes lugares, acentuando-se as suas características pitorescas e de contacto com a natureza.”<sup>55</sup>

Nesta época, as águas curativas viraram “moda” entre a aristocracia e as elites intelectuais europeias nos séculos XVII e XVIII, atingindo o território português no século seguinte.

É no final do séc. XIX, início do século seguinte que o termalismo atinge o seu auge e que se regista a chamada “Idade Ouro” das termas, transformando-as em verdadeiros espaços de lazer e exibicionismo social. “Ir a banhos” tornou-se num hábito que era sinónimo de requinte.

O carácter vernacular das termas é abandonado devido às primeiras experiências realizadas pelo arquiteto John Wood em Bath para onde propôs um conjunto urbano.

As construções ganharam uma dimensão monumental e o contacto com o exterior foi muito valorizado através da ideia da expansão da cura para o exterior. Nesta altura, surge a imagem dos microcosmos termais onde começam a ser desenvolvidos parques cada vez mais complexos.

<sup>55</sup> VENTURA, ANDRÉ; “Das Termas à Cidade”, Projeto Final de Mestrado; Universidade de Lisboa, Lisboa, 2017. Pág. 35



*“O estabelecimento termal converte-se num edifício monumental (...). Aparecem os passeios cobertos, a sala de teatro que se situa umas vezes no casino, outras vezes num edifício independente. As particularidades dos sítios são habilmente exploradas, os hotéis e as residências convertem-se em atrações.”<sup>56</sup>*

Todos estes elementos formam um novo modelo urbano: a vila termal onde o objetivo era oferecer para além de tratamentos físicos, um leque de atividades culturais, lazer e de encontro com a natureza pois estas vilas localizavam-se preferencialmente longe dos centros urbanos. “As valências culturais, desportivas e sociais multiplicam-se, proporcionando ao visitante uma experiência a mais diversificada e prazerosa possível.”<sup>57</sup>

Por fim, acontecimentos como a revolução Francesa, mais tarde, as Guerras Mundiais e a afirmação das praias como novo destino de eleição levaram à queda definitiva desta época “de ouro” do termalismo.



17. Ruínas das termas de Bath

<sup>56</sup> MOLDOVEANU, Mihai; “Ciudades Termales en Europa”, Lunweg Editores, Barcelona, 1999. p.111. [Tradução do Autor]

<sup>57</sup> VENTURA, ANDRÉ; “Das Termas à Cidade”, Projeto Final de Mestrado; Univ. Lisboa, 2017

### 3.3|

#### EVOLUÇÃO MORFOLÓGICA – O CONTEXTO PORTUGUÊS

É através da ocupação do território português por parte do império romano que surge uma apropriação das águas termais pelas populações, apesar de existir a referência da exploração destas águas parte dos Celtas e Iberos, são os romanos quem pela primeira vez procedem à construção de edifícios balneares em Portugal devido ao seu reconhecimento pelo culto do banho.

Estes edifícios foram, primeiramente, contruídos em locais como São Pedro do Sul e Chaves, com as características dos balneários romanos.

Mais tarde, com a ocupação dos povos do norte da Europa, a maioria dos balneários foram destruídos.

Já na idade média, surgem as “águas sagradas” e o termalismo passa a ser visto como atividade religiosa e não de cura física. Este aspeto levou à reconstrução e exploração de alguns balneários por parte de ordens religiosas.

O séc. XV data a fundação de um primeiro hospital moderno com recurso às águas temais: o Hospital de Nossa Senhora do Pópulo, atual hospital das termas onde já eram visíveis algumas influências renascentistas.

No século seguinte, houve um avanço no processo do tratamento termal devido à fundação da Academia das Ciências que contribuiu para a expansão das construções balneares um pouco por todo o país.

Alguns destes balneários foram contruídos como pequenas casas de habitação, segundo as técnicas e materiais de construção de cada região. Normalmente poderiam ser descritas como “uma casa, de planta retangular e com um corredor ao centro que divide os quartos de banho e de duche, uma sala de receção e uma sala de descanso para o médico”<sup>58</sup>

<sup>58</sup> PINTO, Helena Gonçalves; MANGORRINHA, Jorge; “O Desenho das Termas - História da Arquitectura Termal Portuguesa”. Direcção Geral da Energia e Geologia, 1ª Edição, Lisboa, 2009



18. *Hospital de Nossa Senhora de Pópulo, mandado construir por D. Leonor, 1510*

Tratava-se de uma arquitetura vernacular aplicada a uma função específica, os programas eram contidos e os custos baixos. Era uma “arquitetura que não caminhava no sentido do gosto, mas que era uma representação factual da técnica construtiva disponível.”<sup>59</sup>

Porém, os programas iam ficando cada vez mais complexos e o desenho dos balneários passa a basear-se na regra e na disciplina.

De igual modo, os espaços da água evoluíram no interior dos edifícios: “antes do séc. XIX, o contacto com a água manifestava-se por vias da imersão, ingestão e ablução. Com a gradual especialização dos tratamentos e a separação física dos sujeitos, um conjunto de novas aplicações foi disponibilizado ao aquista (...) como banhos de imersão e localizados, duches, inalações, pulverizações e piscinas de natação.”<sup>60</sup>

Os edifícios termais assumem ao longo dos anos as mudanças e as modas, renovam aparelhos e incorporam novos e luxuosos materiais. Porém a estrutura base dos balneários mantém-se e as grandes alterações do séc.

<sup>59</sup> PINTO, Helena Gonçalves; MANGORRINHA, Jorge; “O Desenho das Termas - História da Arquitectura Termal Portuguesa”. Direcção Geral da Energia e Geologia, 1ª Edição, Lisboa, 2009

<sup>60</sup> PINTO, Helena Gonçalves; MANGORRINHA, Jorge; “O Desenho das Termas - História da Arquitectura Termal Portuguesa”. Direcção Geral da Energia e Geologia, 1ª Edição, Lisboa, 2009

XIX baseiam-se na separação por sexos e na imposição da separação por classes que iria ditar a materialidade das salas de banho consoante a classe social a que cada aquista pertencia.

Este século marca ainda a arquitetura termal devido à individualização das funções decorrentes da estada dos aquistas. Se anteriormente as funções eram todas centradas no mesmo edifício, a partir daqui, começam a desenvolver-se as estâncias termais que foram idealizadas por médicos e engenheiros e dispunham de diferentes espaços separados entre si.

Estes novos complexos trouxeram algumas novidades e por isso surgiram áreas mais amplas de tratamento e uma preocupação de melhor integração dos edifícios com a paisagem, bem como na otimização da orientação da luz e da ventilação de forma a criar ambientes mais confortáveis.

A partir do estabelecimento do balneário, que constitui o elemento central, desenrolam-se todos os equipamentos do aglomerado.

No balneário centram-se todos os tratamentos termais daí a importância da sua localização ser sobre as nascentes de águas minerais. A sua disposição interna é caracterizada pelos métodos racionais e higienistas da época, comuns a todos os equipamentos de saúde, assim podemos descrever estes espaços com uma sucessão de salas e gabinetes de tratamentos acedidas por um corredor comum, nunca esquecendo a divisão por sexo e classe social. Ainda no balneário, o átrio de entrada ganha muita importância, trata-se um espaço amplo, emblemático e decorativo, que serve para encaminhar os utentes para as galerias de circulação. Neste espaço a luz e a ventilação são uma preocupação pois o objetivo é criar espaços de convívio.

Ainda neste edifício, encontramos as piscinas que constituem o elemento central e em torno das quais se desenvolvem as galerias de banhos individuais. As áreas de tratamentos eram construídas parcial ou totalmente por piscinas, tanques individuais e banheiras cuja materialidade variava consoante a classe dos utentes: se fosse de primeira classe a banheira seria revestida a lioz e ferro esmaltado; para a segunda classe era utilizado o zinco

pintado ou o revestimento de azulejo e por fim, a terceira classe onde as banheiras eram de alvenaria ou cimento.



19. Vista interior do buvette do complexo Termal da Curia

Por outro lado, temos a *buvette* ou fonte termal que pode estar dentro do edifício do balneário num local central ou no exterior. Este elemento representa a função de ingestão da água termal. Normalmente é revestido em pedra, em ferro ou vitral, devido à sua forte componente simbólica, e no ponto central surge a água. O *buvette* funciona assim como o local de centralização do ritual, é o lugar sagrado onde não existem diferenças de classes nem de sexos que proporciona o convívio dos aquistas.

Em meados do séc. XX com o desenvolvimento industrial assiste-se a uma renovação e aperfeiçoamento dos equipamentos e como tal as estâncias termais completam-se com a junção de outros equipamentos como formas de alojamento, clubes de recreio, capelas e parques.

Os locais de recreio serviam para promover o contacto com a natureza e os salões de festas, ou clubes de recreio, serviam como “medidores” do perfil social dos utentes das termas.

Existia ainda um equipamento religioso para promover a continuidade do culto durante o período os tratamentos.

A estância termal passou a adquirir o estatuto de “festa termal” onde existiam espaços de lazer propícios ao esquecimento do quotidiano e que funcionavam como uma fuga para o desconhecido. Esta fuga do quotidiano representava uma necessidade de renovação e de descoberta de algo novo.

A própria linguagem arquitetónica refletia este espírito assumindo ideologias revivalistas e de confrontações de inspirações culturais distintas.



20. Postal referente ao Vigado Palace Hotel – Restaurante, 1910



21. Edifício do casino do complexo termal das Pedras Salgadas



22. Vista da Estância Termal do Estoril em meados do séc. XX



### 3.4| A REINVENÇÃO DO TERMALISMO NA ATUALIDADE

O conceito de termalismo tem sofrido algumas alterações ao longo da história. As infraestruturas não conseguiram acompanhar a evolução ao nível dos produtos oferecidos, traduzindo-se na descontextualização de equipamentos que originou uma queda da procura e da utilização das estâncias termais.

Com isto, surge a necessidade de procura de novas estratégias de recuperação deste património arquitetónico.

Atualmente, estamos perante uma nova realidade no contexto do termalismo que se traduz numa procura mais virada para o bem-estar, exercício físico e beleza.

Surge então uma nova tipologia denominada de Spa – *Salutem Per Aqua* – que mantém as características ancestrais das águas termais do uso das águas, mas sem as suas características minerais o que faz com que a sua localização não dependa da existência de uma nascente termal.

*“O espírito dos Spa é o mesmo que os das termas da Antiguidade, proporcionarem o exercício físico e a beleza, para além de serem espaços de diversão e de relações sociais”*<sup>61</sup>

Esta nova tipologia, lança um desafio de redesenho das termas para darem resposta a um mundo cada vez mais industrializado onde se procuram locais de refúgio ao stress do quotidiano.

*“O desafio passa por encontrar em cada lugar a serenidade adequada para uma nova ordem no quotidiano do utente, e que esse mesmo lugar forneça impulsos benéficos e suscite a regeneração do corpo.”*<sup>62</sup>

Por forma a dar resposta ao desafio, às intervenções em núcleos existentes soma-se a construção de raiz de novos edifícios adjacentes, respeitando a memória daquilo que foi o termalismo

<sup>61</sup> MIGUEZ, L; “Conceito atual do termalismo” in Jornadas técnicas sobre hidrologia médica – III Encontro Internacional de Água e do Termalismo. Ourense: Expourence, 2008 Pág. 64

<sup>62</sup> MANGORRINHA, Jorge; “À Volta das Termas - Viagens no Espaço e no Tempo.”: Nova Galáxia, Caldas da Rainha, 2002



O objetivo é desenvolver complexos que unam a arquitetura, o património e os novos planos de tratamento que atualmente os utentes procuram e, deste modo, construir aquilo a que hoje podemos chamar de novo Termalismo Patrimonial.

Neste sentido, percebemos que a procura hoje em dia está direcionada para um conjunto de atividades e não apenas o tratamento através das águas termais. Procura-se uma sinergia de equipamentos que proporcionem experiências únicas aos utentes relacionando a cultura com a saúde e o bem-estar, aliado a espaços que sirvam como refúgio.



23. *Spa Botanique, Coletivo Arquitetos*

O termalismo inclui cada vez mais a vertente preventiva e a possibilidade de usufruir de atividades lúdicas e turísticas, aproximando-se do turismo termal, que pressupõe já o usufruto de toda a estância termal. Assim os utentes que não tomam a cura e os efeitos terapêuticos das águas como motivação central encaram as termas muito para além disso, como destinos de lazer, de férias, de ócio, o que os torna mais turistas do que propriamente aqúistas. Daí percebe-se que o turismo termal envolve dinâmicas muito mais complexas em termos de motivações uma vez que a motivação de férias ganha destaque e a atividade de lazer predomina sobre a curativa.

“Hoje em dia, abrem-se novas perspectivas para o futuro do termalismo, mantendo ou subvertendo com experimentalismo as tradições, o que vai muito para além do imaginário circunscrito às vilegiaturas tradicionais.”<sup>63</sup>

O termalismo não se trata de uma tendência, mas sim de uma atividade milenar que hoje se apresenta de forma renovada, podendo inclusive descrever-se como uma “nova era do termalismo”: o “turismo da saúde e do bem-estar.”

O grande objetivo atualmente passa então por ultrapassar o conceito tradicional que reduzia o balneário termal a uma espécie de centro de saúde unicamente destinado à cura e alargar-se a outro tipo de produtos complementares à atividade termal. O termalismo clássico, apologista da doença e da cura é então substituído em função do termalismo moderno assente numa matriz de prevenção onde a oferta está vocacionada para segmentos de mercado com motivações terapêuticas, lúdicas e turísticas.

Esta atitude tem vindo a desenvolver-se um pouco por toda a Europa onde têm encontrado na valência da saúde e bem-estar, aliada à componente turística, uma oportunidade de mudança de paradigma na revitalização e desenvolvimento destes espaços termais.

O termalismo assume-se assim como uma forma crescente de incrementar o turismo e como um produto turístico compósito, cujos fatores terapêuticos deixam de ser os únicos a justificar a deslocação dos turistas.

Ao nível arquitetónico, no longo período da história das termas vários foram os fatores que identificaram a sua arquitetura, exigindo aos projetistas diferentes respostas aos programas termais.

A arquitetura termal apesar de sempre ter sido influenciada por um conjunto de fatores sociais e políticos sempre se revelou cheia de histórias.

<sup>63</sup>MANGORRINHA, Jorge; “À Volta das Termas - Viagens no Espaço e no Tempo.”: Nova Galáxia, Caldas da Rainha, 2002. Pág..43

24 e 25. Hotel e Spa  
Eskisehir, GAD Architecture

Exemplo de reinvenção do  
termalismo, porém,  
recorrendo a elementos do  
passado para conservar a  
memória (cobertura  
semelhante à das termas de  
Király em Budapeste)



Atualmente, com a preocupação da reinvenção do termalismo é importante perceber como se pode preservar a história e o património aliado às novas técnicas da contemporaneidade.

Este objetivo pode ser alcançado com intervenções que permitem modernizar os edifícios preservando o património e valorizando as pré-existências que estabelecem as relações entre o antigo e o novo.

Assim, tem-se assistido à reabilitação de edifícios ou a novas construções tendo em conta as novas práticas de uso dos recursos termais.

Os novos materiais utilizados nos revestimentos para a criação de ambientes de relaxamento tornam-se fatores marcantes da personificação estética da arquitetura termal. Estes materiais criam possibilidades de relação entre os diferentes tempos e “apelam às possibilidades inesgotáveis da relação luminosa com as águas, transparências e cores.”<sup>64</sup>

De igual modo, surgem novos espaços para a revitalização e beleza corporal como é o caso do ginásio e salas para outros tipos de tratamentos.

Percebemos assim que os programas atuais das novas termas exigem uma maior complexidade, no entanto a sua estrutura mantém-se praticamente igual aquilo que era na sua origem, tendo sempre a água como elemento principal da sua arquitetura.

O objetivo atualmente passa por criar sensações de totalidade e de tranquilidade que se estendem além dos seus limites físicos. A arquitetura termal contemporânea responde às novas motivações dos visitantes oferecendo atrações que vão muito além da atividade termal, o que resulta num culto do corpo e da alma.

<sup>64</sup> PINTO, Helena Gonçalves; MANGORRINHA, Jorge; “O Desenho das Termas - História da Arquitetura Termal Portuguesa”. Direcção Geral da Energia e Geologia, 1ª Edição, Lisboa, 2009



26 e 27. Pedras Salgadas Spa Termal, Alvaro Siza Vieira

### 3.5| SÍNTESE DO CAPÍTULO

Após o estudo realizado sobre o panorama do termalismo, podemos afirmar que os lugares termais se destacam desde a sua origem não só pelas suas potencialidades terapêuticas e recreativas, mas também no contacto histórico das populações e dos lugares.

Percebemos que o termalismo tem acompanhado a evolução e transformação dos costumes da sociedade privilegiando sempre a relação com o elemento primordial da água.

Apesar da atividade termal ter demonstrado intermitência ao longo da história, esta revela igualmente ter muito potencial e atualmente verifica-se um aumento da sua procura direccionada sobretudo ao lazer e bem-estar.

Conclui-se que surge uma necessidade de existência de um novo paradigma na atividade termal para dar resposta a uma sociedade cada vez mais industrializada que procura não só locais de paragem para o corpo e para a mente, mas também locais que possam oferecer uma experiência mais completa onde seja possível usufruir de unidades hoteleiras, museus, restaurantes e outras atividades que possam complementar a experiência.

Percebemos então que existe uma tendência semelhante à dos “anos de ouro” do termalismo, como vimos anteriormente, em que a procura não estava restringida apenas à experiência do balneário termal, mas que se expandia para outras atividades.

Importa assim retirar, como conhecimento do presente capítulo, a forma como as estâncias termais se organizavam, quais as suas características arquitetónicas, morfologia e ambientes e assim tentar transpor estes elementos para um desenho atual, contemporâneo e adequando às necessidades dos dias de hoje.

# 04 |

## CASOS DE ESTUDO

Neste capítulo será apresentado um conjunto de casos de projetos de referência que serviram como meio de estudo útil ao desenvolvimento do Projeto Final de Mestrado.

Trata-se de projetos relevantes não só ao nível programático, mas também devido a outras componentes igualmente importantes tais como a forma, a materialidade e a relação com a envolvente.

Neste sentido os casos de estudo escolhidos foram: A Casa em Leira dos Arquitetos Aires Mateus, as Termas de Vals, de Peter Zumthor, o Museu Lascaux dos arquitetos Snohetta, as termas de Tibério da equipa de arquitetos Moneo/Brock Studio e por fim O Panamá Diamond Exchange.

Apesar de nem todos os casos escolhidos se tratar de projetos de revitalização do termalismo, todos eles apresentam elementos importantes que servem como base para a proposta final. Por isso, importou perceber a forma como se desenvolvem e como poderiam ser aplicados noutras situações de modo a constituir uma mais valia para o trabalho final.



#### 4.1|

##### CASA EM LEIRIA Aires Mateus, 2010



*28. Vista Exterior - Casa em Leiria*

A casa em Leiria desenhada pelos arquitetos Aires Mateus situa-se na periferia de Leiria num lote de terreno inclinado, elevado em relação à rua e aberto sobre a vista da cidade, trata-se de um programa banal que se divide entre a zona íntima dos quartos e a zona social da sala e cozinha.

Observada de um certo ângulo, a casa parece introvertida e fechada ao exterior, cujo ponto mais exuberante é a cobertura totalmente branca em duas águas.

Uma das preocupações iniciais do projeto era a proximidade de construções existentes no terreno de intervenção e a forma como seria assegurada a privacidade dos residentes da casa. Tendo em conta este aspeto, o declive do terreno foi o mote para o desenho da casa.

A casa expõe assim as zonas sociais como a sala e a cozinha, que se desenvolvem à cota da rua em torno de uma zona central: o pátio. Este recolhe a luz e faz a sua distribuição para todos os espaços da casa.

No piso mais baixo desenvolvem-se as atividades mais privadas da casa, nomeadamente os quartos. Todos são iluminados por pátios independentes, cuja relação com o exterior é feita através do céu.

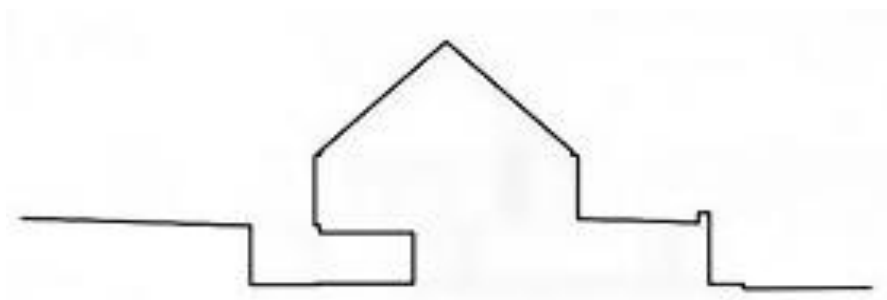
A casa e o pátio são estratificados em três níveis diferentes, o pátio dispõe ainda de 3 geometrias distintas que variam consoante o piso, o que permite que de uns pisos para os outros seja sempre possível ver todos os compartimentos. Os três pisos acabam por estar sempre juntos através da relação exterior do pátio.

O projeto foi desenhado de acordo com a imagem icnográfica que todos reconhecemos como uma casa. Como se fosse um impulso infantil de representar o modo como todos já desenhamos a casa: duas paredes e um telhado inclinado.

É por este motivo que muitos espaços são ocultos em níveis inferiores, pois se tivessem de aparecer nos níveis superiores todas as proporções seriam diferentes e todo o aspeto e imagem seria diferente também. Ao localizarem-se apenas as zonas sociais na parte superior da casa conseguiu-se essa imagem iconográfica sem destruir a ideia da forma.

Devido à mesma materialidade utilizada para fazer a cobertura e as paredes torna-se mais fácil e imediato a compreensão da forma da casa.

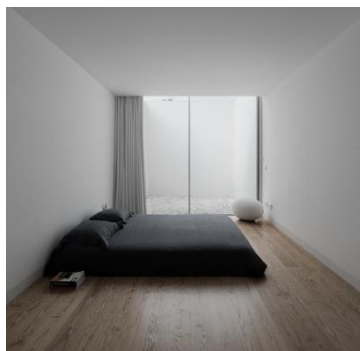
A escolha da Casa em Leiria como um dos casos de estudo recai exatamente sobre este aspeto da materialidade e da forma como foi possível construir uma imagem de continuidade entre os diferentes planos.



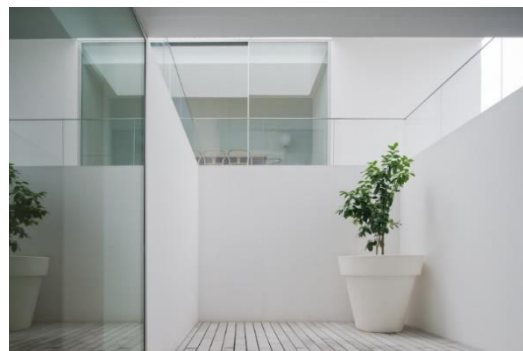
29. Corte esquemático - Casa em Leiria



30. Vista Exterior - Casa em Leiria



31. Vista de um dos quartos



32. Vista do Pátio



33. Plantas Piso – 3 e 0, respetivamente (da esquerda para a direita)  
1. Quartos; 2. Garagem; 3. Pátio Independente; 4. Cozinha; 5. Zona de Refeições; 6. Sala de estar; 7. Escritório; 8. Zona de Convidados; 9. Pátio

## 4.2|

### TERMAS DE VALS

Peter Zumthor, 1996



34. Vista exterior das Termas

Situadas numa pequena aldeia nos alpes suíços, as Termas de Vals representam um dos casos que reflete a revitalização do termalismo hoteleiro.

A envolvente teve um grande impacto no arquiteto, Peter Zumthor, que quis tirar o máximo partido daquele lugar, tentando integrá-lo ao longo de todo o projeto. A montanha onde se insere ganha assim um papel fundamental devido à sua associação a uma caverna que funciona como pretexto para o encontro do Homem com a nascente que deu origem à construção das termas. Com isto, desenvolve-se a ideia de escavação da matéria partindo de um bloco parcialmente embutido na montanha, de modo a que se fundisse com a envolvente.

Este bloco é revestido a gnaiss, uma pedra típica da região e encontra-se coberto superiormente por um manto verde que parece surgir do prolongamento da montanha, resultando assim numa imagem de ancestralidade, como se o edifício tivesse surgido da montanha.

*“O novo edifício devia transmitir a ideia de ser mais velho do que os edifícios circundantes, de ter sempre pertencido àquela paisagem, àquele lugar.”<sup>65</sup>*

<sup>65</sup> ZUMTHOR, P. HAUSER, S. "Vals and the History of the Bath", in "Peter Zumthor: Therme Vals", p.57 tradução do autor: *the new building should communicate the feeling of being older than its existing neighbour, of always having been in this place.*

Outro elemento de destaque neste projeto é o misticismo no espaço interior proporcionado pelo controlo da luz natural, que é obtida através de rasgos na cobertura. Também as relações entre a água, a luz e a pedra são exploradas ao máximo de modo a criar um vasto leque de experiências.

As reentrâncias criadas pelos blocos, a luz refletida na água, a materialidade e a cor dão forma ao espaço, tornando-o único.

A própria escolha dos materiais foi realizada de forma a ter em atenção as qualidades sensoriais que estes poderiam transferir para a arquitetura, de modo a complementar a misticidade do local.

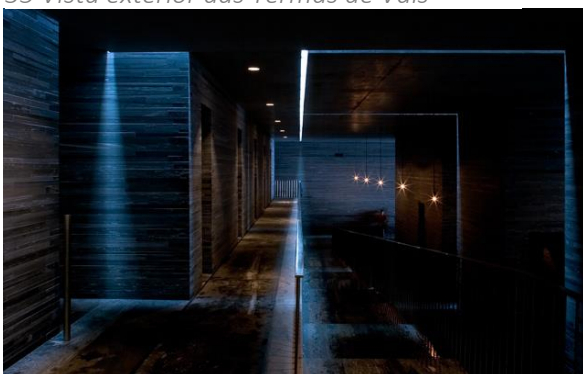
De igual modo, também o desenho do espaço foi essencial para criar um certo estado de introspeção ao visitante. Este aspeto é notório, por exemplo, nas diferentes entradas para a piscina interior que vão contra um percurso pré-definido e funcionam assim como um percurso de autodescoberta.

As termas organizam-se em voltas das duas grandes piscinas existentes, uma interior e outra exterior. Estas são rodeadas por paredes altas e revestidas em pedra escura. O acesso principal para o equipamento é realizado através de um túnel que parte do hotel. Este túnel funciona como uma espécie de transição que prepara o visitante para a experiência que se segue. Já dentro do espaço, este pode ser percorrido livremente sem um trajeto pré-definido de modo a descobrir os magníficos recantos e as paisagens evidenciadas e obstruídas estrategicamente através das aberturas nas grandes paredes.

O projeto das Termas de Vals constitui uma mais valia como objeto de estudo pela forma subtil como são aliados os elementos anteriormente referidos – água, luz e pedra – e também pela forma exemplar como o edifício se encontra inserido na envolvente como se sempre ali tivesse pertencido. A utilização elegante dos materiais e a conjugação da iluminação natural por forma a criar uma variedade de ambientes no interior do edifício são outras das qualidades identificadas no projeto.



35 Vista exterior das Termas de Vals



36. Corredor de acesso às piscinas

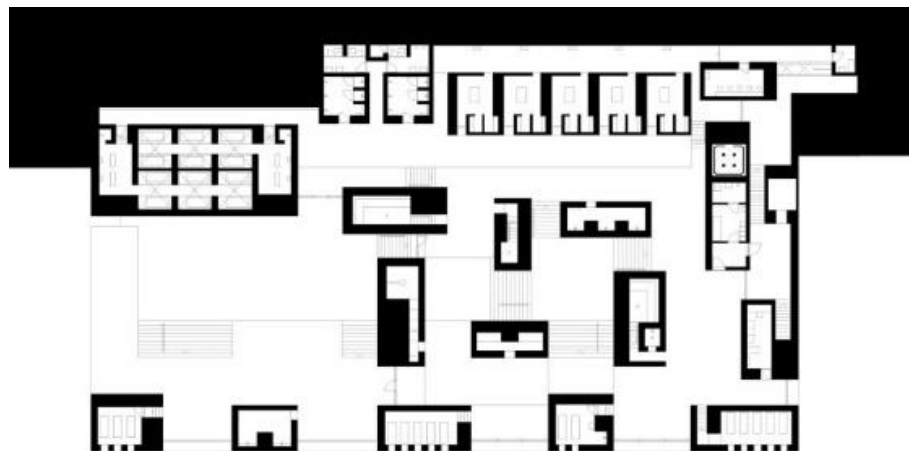


37. Corredor interior

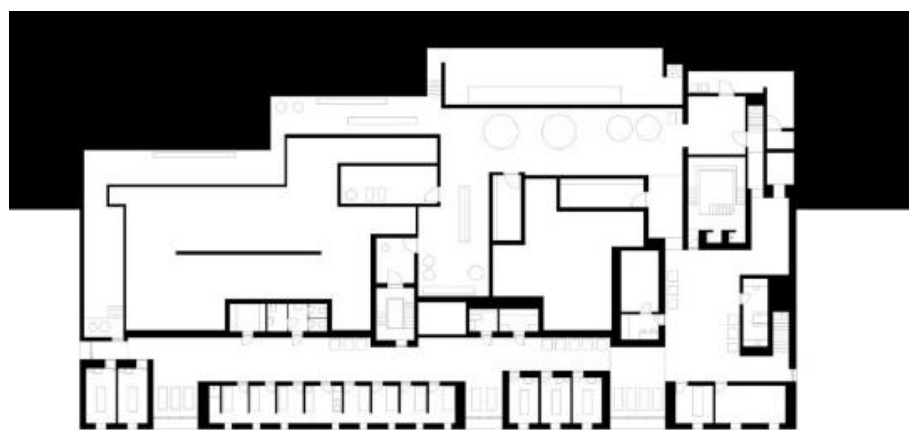


38. Piscina Interior: relação da água com a pedra





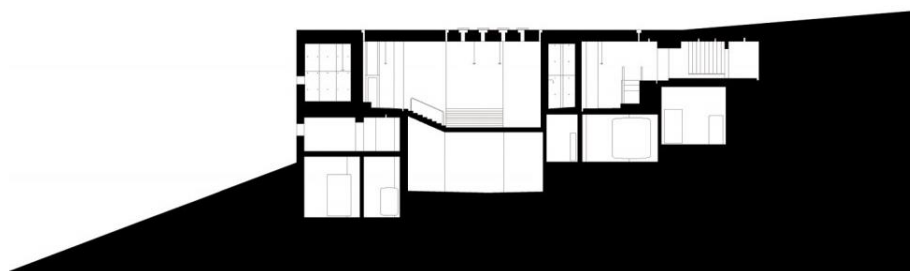
39. Planta do piso 0 das Termas de Vals



40. Planta do piso -1 das Termas de Vals

LEGENDA:

1. Acesso ao Spa; 2. Arrumos; 3. Sala de Beleza; 4. Sala das fontes; 5. Vestiários; 6. Duches; 7. I.S.; 8. Banhos turcos; 9. Piscina Interior; 10. Piscina Exterior; 11. Ilha de Relaxamento; 12. Solário; 13. Banho de som; 14. Banho de Fogo; 15. Banho Frio; 16. Duche; 17. Buvette; 18. Zona de relaxamento; 19. Banho de Flores; 20. Duches exteriores; 21. Zona de relaxamento exterior; 22. Sala de Massagem; 23. I.S. mob. reduzida; 24. Vestiários mob. reduzida e primeiros socorros; 25. Acesso mob. reduzida; 26. Zona de Staff



41. Corte Transversal

### 4.3|

#### TERMAS DE TIBÉRIO

Moneo/Brock Studio, 2007



42. Vista exterior do complexo

O Resort de Panticosa situa-se no Vale do Tena, nos Pirenéus Aragoneses e, após cinco décadas de degradação, sofreu um profundo projeto de revitalização conduzido por Rafael Moneo.

O projeto de revitalização consistiu na recuperação do aglomerado pré-existente, complementando-o com novas valências. Neste sentido, revitalizou-se a igreja, o Grande Hotel, o restaurante e o casino. Os novos edifícios construídos foram um centro de congressos, um centro de alto rendimento desportivo e um balneário termal.

Serve assim para estudo teórico o edifício do balneário termal que foi desenvolvido pelo ateliê Moneo/Brock.

O desafio dos arquitetos passou por encontrar um equilíbrio entre o volume proposto, a paisagem envolvente e o programa exigido. '

Neste projeto é notória a intenção de integração do edifício na paisagem, a sua fachada aparece como uma susceção de planos curvos semitransparentes que são associados aos movimentos de retenção e expansão da montanha. Para além disso, também as coberturas ajardinadas funcionam como um elemento de integração pois permitem a proximidade dos utentes com a montanha.



Ainda neste sentido e, devido às inúmeras condicionantes urbanísticas do local, grande parte do edifício desenvolve-se debaixo de terra, resultando num efeito de que o volume está a surgir da própria montanha. No entanto, a entrada de luz e o sistema de vistas foram as grandes prioridades no desenho do balneário.

Para além destes elementos, também a água foi uma constante preocupação ao longo do projeto. Desde o início que uma das premissas foi reforçar o contraste do calor das nascentes de água termal com o frio da envolvente e dar protagonismo à água em todos os seus estados naturais.

Assim sendo, todos os espaços foram desenhados de modo a criar ambientes de relaxamento e de aproveitamento das águas curativas.

O interior do balneário apresenta uma forma quase labiríntica com diferentes alturas de pé-direito, reforçadas nos espaços mais representativos, nomeadamente as piscinas.

Neste espaço podem distinguir-se três partes diferentes: a zona dos gabinetes onde se realizam os tratamentos destinados unicamente ao bem-estar e beleza; o piso das piscinas onde a água adquire o protagonismo e a zona de relaxamento com vistas para a montanha.

Importa ainda destacar neste projeto os vários tipos de elementos que compõe a fachada, são eles os tijolos trapezoidais de vidro, os planos de quartzo e os planos de vidro. A sua combinação resulta em diferentes graus de transparência que proporcionam diferentes relações entre o interior e o exterior.

Nos espaços mais representativos do balneário a fachada é rasgada por vãos totalmente transparentes que reforçam as relações com pontos estratégicos da envolvente.

O desenho do balneário diferencia quatro zonas de banhos, distribuídas por todos os pisos.

No piso 0, onde é feito o acesso principal, encontra-se a receção e toda a área de serviços de apoio como a bilheteira, os balneários e alguns gabinetes. Imediatamente abaixo deste piso, encontramos um nível

adicional onde predominam as salas de tratamentos individuais que são completadas com uma “praia artificial”.

No primeiro piso é onde se desenvolvem as funções típicas de um balneário termal e, sendo assim, é onde podemos encontrar as piscinas principais e todos os tratamentos que incluem água. Neste piso existe ainda uma ligação direta ao hotel.

No último piso desenvolve-se o resto do programa: um ginásio com uma vista privilegiada para a montanha e as salas de exercícios.

A escolha das Termas de Tibério como caso de estudo reside na semelhança de escala com proposta que será desenvolvida no Projeto Final de Mestrado, bem como o programa e a sua organização funcional.

Para além disso, também é de realçar como aspeto a reter a importância dada ao elemento água e a maneira como é feita a consagração do mesmo através da arquitetura: por diferentes patamares que geram diferentes pés direitos consoante a importância de cada espaço.



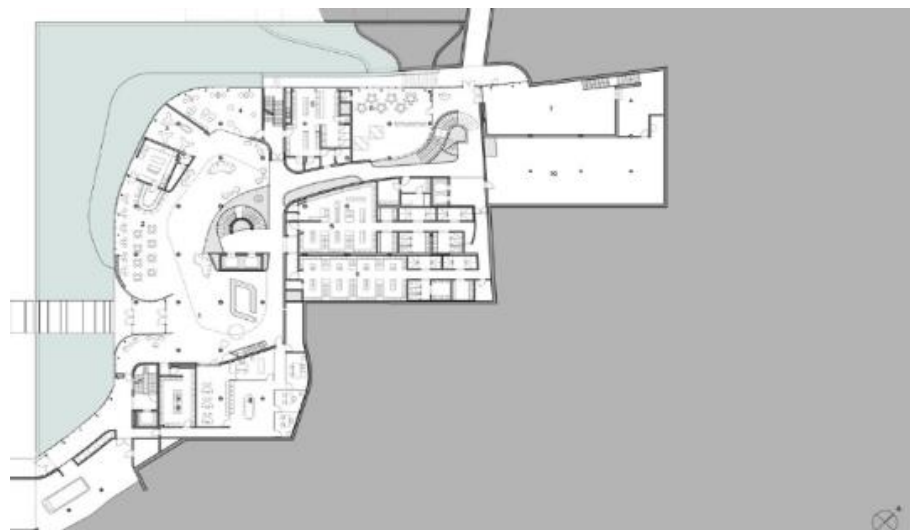
43. Zona de circulação



44. Zona de Relaxamento

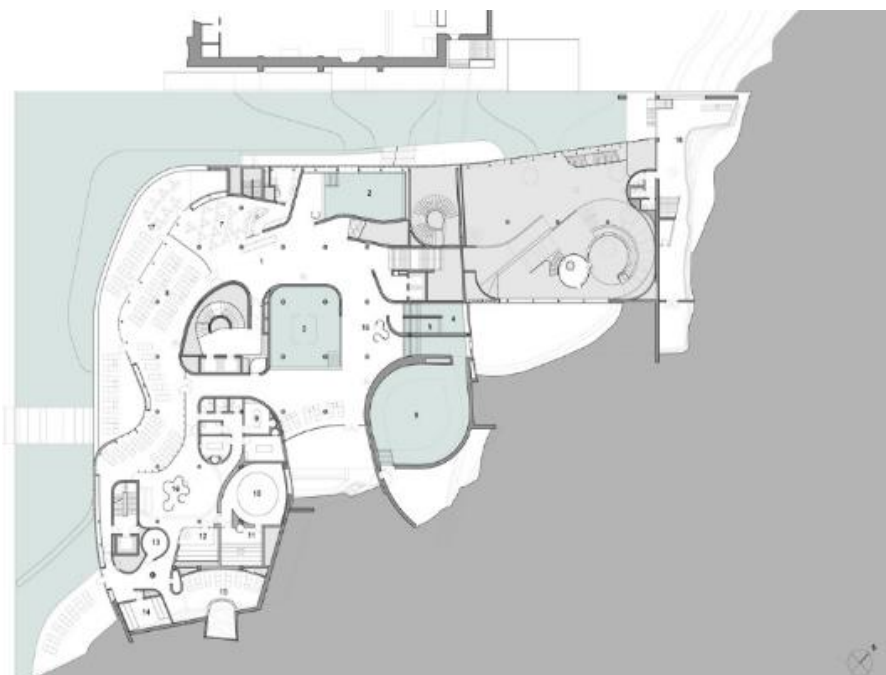


45. Corte Transversal



46. Planta do piso térreo

1. Receção das piscinas; 2. Piscina da cascata; 3. Piscina Hidroterapêutica 4. Piscina aromática; 5. Piscina Fria; 6. Piscina “Oculus”; 7. Café; 8. Solário; 9. Salas de Esfoliação; 10. Hammam; 11. Sala de Vapor; 12. Sauna Finlandesa; 13. Igloo; 14. Caldarium; 15. Sala das rochas; 16. Duches; 17. Terraço; 18. Bar Exterior



47. Planta do piso intermédio entre o piso 0 e 1

1. Receção; 2. Café; 3. Loja; 4. Salão de Beleza; 5. Balneários; 6. Sala infantil; 7. Parque infantil; 8. Escritórios; 9. Balneários; 10. Zona Técnica

## 4.4 |

### MUSEU LASCAUX

Snohetta + Ducan Lewis Scape Architecture, 2017



48. Vista Exterior do museu Lascaux

O novo Centro Internacional de Arte Rupestre situa-se em Montignac em França e recebe os visitantes para uma experiência educativa imersiva das pinturas rupestres pré-históricas de Lascaux.

Foi desenhado pelos Arquitetos Snohetta e a principal preocupação passou por proporcionar aos visitantes uma sensação de maravilha e mistério, como se este se tratasse do primeiro grupo de aventureiros a encontrar pinturas rupestres.

O novo museu está localizado na inserção de duas paisagens únicas: uma colina e um vale, fazendo assim da sua localização um elemento essencial para a elaboração do projeto.

Snohetta concebeu o desenho do museu como se este fosse um recorte na paisagem, associando a sua forma a uma caverna.

A forma e a materialidade do museu revelam assim uma expressão sóbria e com uma estrita relação com a natureza circundante. Neste sentido, o desenho do museu reflete uma ligação às formações rochosas maciças encaixadas nas colinas.

A experiência dos visitantes foi cuidadosamente pensada e, para isso, foram criados percursos sinuosos onde a temperatura, o som e a luz constituem alguns dos elementos chave para que o fator surpresa seja uma constante ao longo de todo o edifício.

As razões da escolha deste projeto como caso de estudo residem na forma como está inserido na paisagem, nomeadamente a sua ideia de rocha que se funde com a envolvente.



49. Vista Exterior do museu Lascaux



50. Detalhe cobertura acessível



51. Relação com a água



52. Vista exterior do museu



53. Materialidade

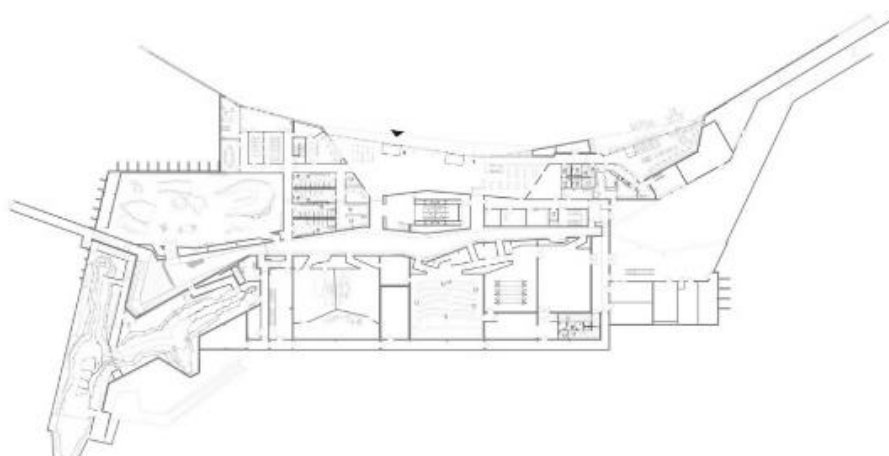


54. Corredor





55. *Relação do museu com a envolvente*



56. *Planta piso térreo*

LEGENDA:

1. Caminho para a Cave; 2. Réplica da Cave; 3. Sala para Workshop; 4. Teatro; 5. Zona de serviços; 6. Espaço de orientação; 7. Jardim da cave; 8. Zona Vertical; 9. Átrio; 10. Loja; 11. Restaurante;



57. *Corte Transversal*

## 4.5| PANAMÁ DIAMOND EXCHANGE Mallol Arquitectos, 2014



58. Vista exterior - Panamá Diamond Exchange

O Panama Diamond Exchange situa-se a meio caminho entre a cidade do Panamá e o Aeroporto Internacional de Tocumen. Trata-se de um centro de comércio de diamantes, pedras preciosas e joias de toda a América do Sul e Central.

O espaço divide-se em dois andares e tem no total 4810 m<sup>2</sup> e encontra-se rodeado por um perímetro de alta segurança que inclui um parque de estacionamento para visitantes e jardins que foram cuidadosamente desenhados.



59. Planta piso térreo - Panamá Diamond Exchange

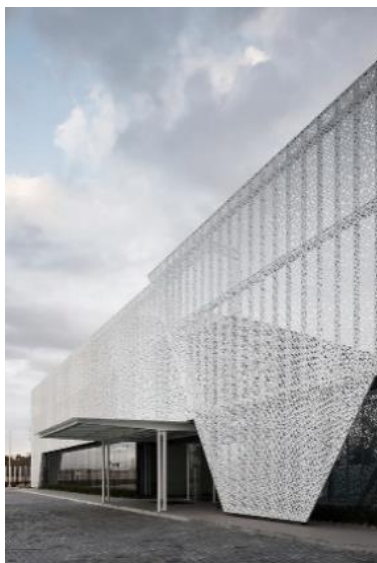
No primeiro andar pode encontrar-se a sede da Bolsa de Diamantes, os seus escritórios e salas de reunião. Para além disso, o espaço dispõe ainda de salas de venda, refeitório e zonas de vigilância.

A fachada é composta por um invólucro de painéis de alumínio perfurado com um padrão que simula os ângulos de um diamante lapidado.

A conjugação destes painéis funciona como um tecido permeável que difunde a luz no interior do edifício, funcionando quase como um filtro que serve simultaneamente para aumentar a segurança das instalações.

O grande objetivo deste projeto é representar e simbolizar a técnica e a beleza dos diamantes através da sua imagem exterior.

O objetivo de reter este projeto como caso de estudo prende-se pela forma como o edifício é revestido, pela conjugação de painéis que originam uma espécie de pele que o envolve e lhe confere uma ideia de uniformidade. Ideia esta que é contrabalançada por rasgos de luz na parte inferior do edifício que acabam por marcar os espaços de entrada e receção dos visitantes.



60. e 61 Vista exterior - Detalhe da materialidade



(da esquerda  
para a direita)

62. Vista exterior  
noturna

63. Detalhe da  
fachada com luz



64. Alçado lateral esquerdo



65. Alçado Frontal

## 4.6| SÍNTESES DO CAPÍTULO

A investigação realizada neste capítulo permitiu clarificar em termos mais genéricos a organização espacial de um Spa e as atmosferas criadas para este tipo de espaços.

No caso dos edifícios termais estudados, tanto nas Termas de Vals como nas Termas de Tibério, é de realçar a importância dada ao elemento água. A forma como a materialidade e a própria forma do edifício evidenciam este elemento, criando experiências únicas aos utilizadores.

No caso do museu Lascaux, também pode ser feito um paralelismo do fator surpresa que pretende ser criado aquando da descoberta das grutas, se o transcrevermos para uma descoberta da água.

De igual modo, todos os casos estudados têm em comum a integração na paisagem. Esta é feita de forma subtil e de forma a integrar o máximo possível os edifícios no meio envolvente para que se fundam com o mesmo. Neste aspeto, deve dar-se especial desta à Casa em Leiria, pela imagem iconografia que nos mostra, resultando da apropriação com o terreno.

Em termos da materialidade, tornou-se relevante o estudo do edifício do Panamá pois constituiu um exemplo de como conjugar a ideia de uniformidade com a necessidade da entrada de luz através da criação de uma “pele” com chapa metálica perfurada.

De acordo com as premissas dos projetos de referência selecionados, acredita-se que podem ser materializadas formalmente no exemplo prático da construção do Spa em Castelo de Vide.

# 05 |

## O LUGAR: CASTELO DE VIDE

## 5.1|

### A VILA DE CASTELO DE VIDE – Enquadramento Geral

*“Castelo de Vide constitui um daqueles sítios, únicos, em que a natureza de imediato convida à fixação humana. O relevo, a hidrografia e o clima são os três elementos definidores dessas peculiares condições do meio ambiente, mas é sobretudo o primeiro, através da tutelar Serra de São Mamede, que mais contribui para a caracterização paisagística de Castelo de Vide.”<sup>66</sup>*

A vila situa-se nos contrafortes da Serra de São Mamede, no Alto Alentejo. Esta serra, constituiu uma sub-região dentro do contexto alentejano, dado o relevo vigoroso, clima e vegetação que a caracteriza. Contudo, no que respeita à ocupação do território, a Vila de Castelo de Vide apresenta as características típicas das estruturas urbanas do restante Alentejo, como sintetiza Nuno Teotónio Pereira: “compacidade e continuidade do tecido urbano, seriação das tipologias habitacionais das classes populares e recorte muito nítido relativamente ao espaço rural envolvente”.<sup>67</sup>

Ainda que contida na sua cintura muralhada, Castelo de Vide oferece uma leitura clara das diferentes morfologias urbanas, ditadas não só pelas características geográficas onde se implantou, mas também pelas vicissitudes históricas por que passou e que foram determinantes da sua evolução e relação com a envolvente.

A escolha do local para o presente trabalho recai no elevado interesse pelo interior do país, não só por considerar que este tem muito para explorar, mas também por se tratar de um território pleno de histórias e memórias que podem constituir oportunidades únicas de intervenção de modo a combater a desertificação desta parte do país.

<sup>66</sup>CID, PEDRO; “As fortificações medievais de Castelo de Vide”, IPPAR, Ministério da cultura, 2005. Pág.9

<sup>67</sup> Nuno Teotónio Pereira, Plano Geral de Urbanização, vol. I, Análise da Camara Municipal de Castelo de Vide, Castelo de Vide, 1983, pág. 36



66. Rua para a Fonte da Vila



67. Rua do centro histórico de  
Castelo de Vide



68. Vista panorâmica da Vila de Castelo de Vide

## 5.2|

### CARACTERIZAÇÃO URBANA – Morfologia e Imagem Urbana

No processo de formação dos aglomerados urbanos, as características físicas do sítio determinam, na maior parte das vezes, a sua localização. Castelo de Vide é um exemplo disto, pois, a elevação onde se implantou (entre os 540m e os 600m de altitude) favorecia a sua inacessibilidade, sendo por isso um local privilegiado em termos defensivos.

Para além das necessidades de defesa, também a presença abundante de cursos de água e a consequente fertilidade das suas margens terão sido igualmente fatores decisivos para a fixação humana.

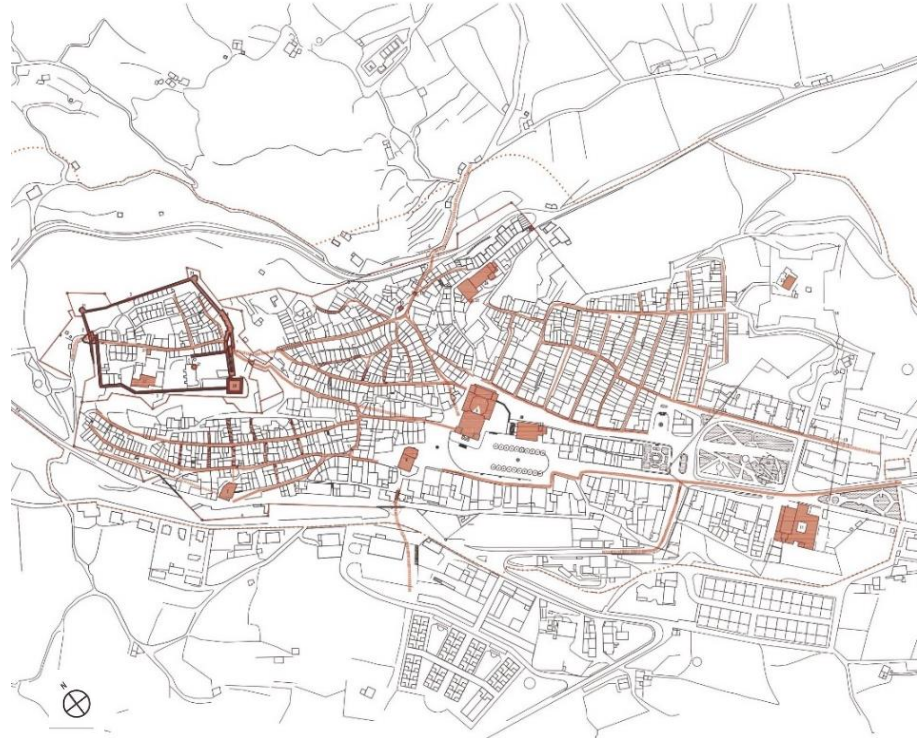
O traçado da Vila de Castelo de Vide tem origem nas cidades medievais, como tal é composto pelo conjunto do castelo e da cerca urbana. O castelo terá sido o primeiro elemento a ser construído, sendo as muralhas construídas posteriormente. A vila, inicialmente, desenvolvia-se dentro destas muralhas e as portas existentes consolidavam um alinhamento noroeste-sudeste de toda a povoação, retomando o princípio romano do *cardum* e *decumanum*.

“A formação das cidades medievais é fruto de um crescimento lento, resultado de um contínuo juntar de pedaços a outros já existentes, de uma forma espontânea e orgânica.”<sup>68</sup> Castelo de Vide constitui um excelente exemplo de ocupação do território devido à relação com o espaço natural e à forma tão coerente como se adapta à topografia.

A implantação do tecido mais antigo no local mais elevado e a forma como surgem os primeiros arrabaldes – ao longo das curvas de nível do arrabalde Sul e em forma de concha o arrabalde a Nascente – são exemplos da estrita relação que se estabeleceu entre a forma urbana e o relevo.

Outros elementos foram estruturantes no tecido urbano como as várias cinturas muralhadas e as suas portas de entrada, a Fonte da Vila e as várias igrejas, estabelecendo ruas preferenciais de circulação entre elas.

<sup>68</sup> BICHO, Susana; “A Judiaria de Castelo de Vide”, Dissertação Final de Mestrado, Universidade de Évora, Évora, 1999



69. Planta dos elementos estruturantes da Vila de Castelo de Vide

*Adaptado do plano de ação de Castelo de Vide, Vol. 2, Análise, Camara Municipal de Castelo de Vide, 2003*

No bairro da Fonte da Vila um elemento de carácter físico veio determinar a configuração do traçado: a fonte. Este elemento gerou um traçado urbano *radioconcêntrico*, que é muito comum nos aglomerados medievais e que segundo Lavedan se explica como um processo de “envolvimento e atração.”<sup>69</sup> Este monumento hierarquiza o espaço envolvente e a sua função, fazendo convergir para ele o sistema viário de modo a estabelecer uma comunicação direta com os locais à sua volta.

“A Fonte da Vila data do séc. XVI, mas antes dela já existia a nascente, que era utilizada pela população do burgo para abastecimento do castelo (...) a rua da fonte terá sido um caminho antes de ser rua.”<sup>70</sup>

<sup>69</sup> PIERRE Lavedan; “Histoire de l’Urbanism. Antiquité – Moyen Age”, Henri Laurends Ed, Patris, pág.252

<sup>70</sup> BICHO, Susana; “A Judiaria de Castelo de Vide”, Dissertação Final de Mestrado, Universidade de Évora, Évora, 1999





70. *Morfologias Urbanas:  
Fonte da Vila*  
*Adaptado do plano de ação  
de Castelo de Vide, Vol. 2,  
Análise, Camara Municipal de  
Castelo de Vide, 2003*

Neste sentido, percebemos que a fonte foi um ponto fulcral que determina o modelo urbano e que funciona como polo irradiador de crescimento. A partir daqui surgem novas ligações viárias, nomeadamente com a ermida de Santa Maria, no local da atual igreja. Os edifícios foram-se posicionando junto do traçado viário estabelecendo quarteirões e novos arruamentos.

Para além da Fonte da Vila, outros elementos foram estruturantes do tecido urbano como as várias cinturas muralhadas e as suas portas de entrada bem como as igrejas que estabeleceram ruas preferenciais de circulação entre elas. “O tecido urbano é assim organizado por ruas estruturantes que ligam os diversos elementos estruturantes e que, por sua vez condicionam outros arruamentos, que no seu conjunto definem os diferentes traçados.”<sup>71</sup>

Sobre o construído, os quarteirões apresentam um recorte muito nítido no espaço urbano, encontra-se fortemente densificados: “são

<sup>71</sup> *Plano de Ação Castelo de vide plano de ação de Castelo de Vide, Vol. 2, Análise, Camara Municipal de Castelo de Vide, 2003*



essenciais para a definição da morfologia urbana, uma vez que constituem o elo entre vários dos seus elementos, como o traçado, as ruas, os lotes e os edifícios, articulando-os entre si.”<sup>72</sup>

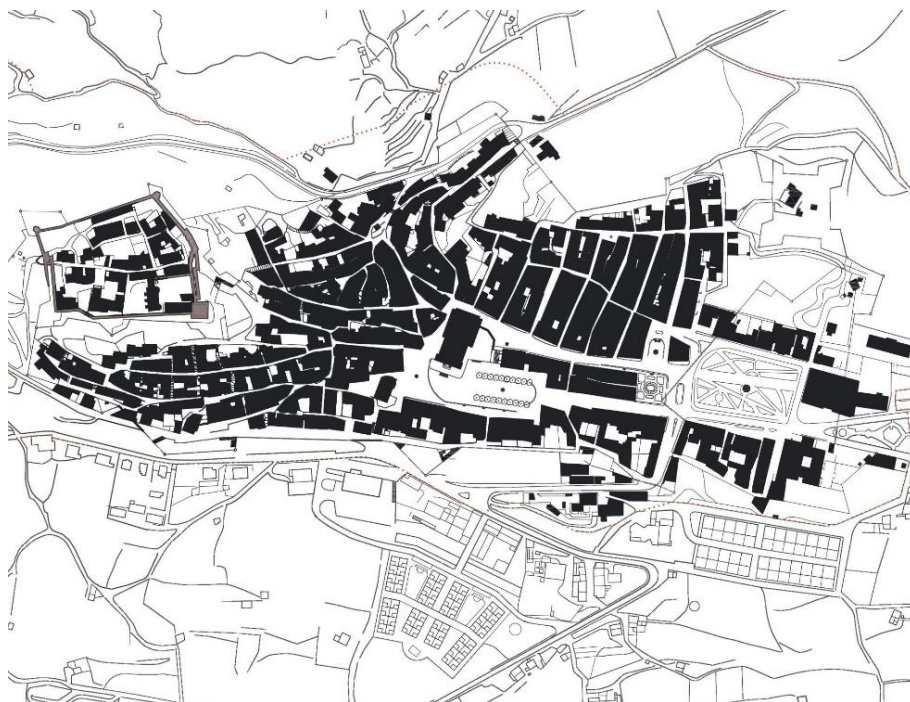
Em contrapartida, o vazio urbano assume uma maior expressão em volta de edifícios referenciais, como as igrejas ou em áreas historicamente não densificadas. “O vazio urbano constitui a parte não construída do aglomerado urbano, como uma imagem em negativo deste.”<sup>73</sup> Este espaço funciona não só como lugar público, mas também como um lugar privilegiado de encontro social e de circulação.

A vila de Castelo de Vide resulta numa imagem homogénea devido à repetição de uma tipologia formal e construtiva, sendo o carácter específico de cada rua dado essencialmente pelo ondular do terreno e pela forma como as construções nele se implantam. A estreita relação existente entre os edifícios e o quarteirão a que pertencem formam uma comunhão entre a arquitetura e a estrutura urbana que anula a individualidade e reforça a unidade formal do conjunto.

Existe ainda outro elemento que caracteriza a imagem urbana da Vila, trata-se dos planos inclinados das coberturas que funcionam como um quinto alçado e que cuja presença é particularmente marcante nos pontos mais altos como o castelo. “Da convergência do traçado e acentuada topografia resulta uma imagem irregular e compacta, onde o vermelho dos telhados contrasta com o branco predominante das paredes”.

<sup>72</sup> BICHO, Susana; “A Judiaria de Castelo de Vide”, Dissertação Final de Mestrado, Universidade de Évora, Évora, 1999

<sup>73</sup> BICHO, Susana; “A Judiaria de Castelo de Vide”, Dissertação Final de Mestrado, Universidade de Évora, Évora, 1999



71. Planta de Cheio Vazio

Adaptado do plano de ação de Castelo de Vide, Vol. 2, *Análise*, Camara Municipal de Castelo de Vide, 2003



72. Castelo de Vide: referência ao quinto alçado

## 5.3|

### A VILA DE CASTELO DE VIDE – Tipologia habitacional predominante

No presente capítulo irá ser desenvolvido um estudo sobre a tipologia habitacional predominante na Vila de Castelo de Vide, que se distribui cronologicamente entre os séculos XII e XIX.

Importa estudar este tema, uma vez que na área de intervenção do Projeto Final de Mestrado surge um conjunto de casas do séc. XV, cujas características correspondem às da tipologia mais recorrente na Vila.

No que diz respeito à arquitetura, o valor da Vila de Castelo de Vide não se prende com a presença de edifícios monumentais, reside antes na chamada arquitetura anónima.

A grande maioria dos edifícios presentes na Vila correspondem a habitações de raiz medieval de construção corrente. Estas constituem a grande massa construída que forma o tecido urbano, tendo-se generalizado em toda a Vila intramuros, com especial destaque na zona do Castelo, do bairro da Fonte da Vila e na encosta sul.

A linguagem arquitetónica destas habitações é, de um modo geral, estilisticamente pobre. “Trata-se de uma arquitetura formalmente simples que, para dar resposta a preocupações de ordem estética, recorre a elementos de baixo custo, como os sub-beirados em vez de cornijas ou as molduras argamassadas em vez de cantarias.”<sup>74</sup> Ressaltando sempre o branco das fachadas, o vazio ritmado dos vãos térreos e por vezes também cantarias ogivais, sempre a acompanhar tanto a planura ou o declive dos arruamentos da Vila.

Estas habitações, estavam fortemente relacionadas com a presença judaica em Castelo de Vide, e a sua origem deve-se à emigração de judeus perseguidos, vindos de Espanha e de cidades portuguesas.

<sup>74</sup> Susana Bicho: “A Judiaria de Castelo de Vide: contributos para o seu estudo na ótica da conservação do Património urbano” (dissertação de mestrado policopiado), Universidade de Évora, 1999

Segundo os autores do livro da “Arquitetura Popular em Portugal”, estas habitações resultam do facto de os judeus não se poderem dedicar ao trabalho agrícola, e como consequência, centravam-se na atividade comercial e de artesanato, evidenciando estas casas essa situação com a *“utilização do rés-do-chão para estabelecimento ou oficina, com comunicação interna para a habitação”*.<sup>75</sup>

Neste sentido, percebemos a sua organização interior que era condicionada pelas características do lote, normalmente retangular cujas dimensões variam entre os 5 e 7m de frente por 10 a 13m de profundidade. “A frente estreita impõe um sistema distributivo em escada de tiro lateral e uma estrutura interna com compartimentos privilegiados que dão para a rua e, na parte posterior, para o interior do quarteirão.”<sup>76</sup>

Esta tipologia habitacional organiza-se, normalmente, em três pisos devidamente hierarquizados, o que se reflete claramente na sua fachada, através da qual é possível perceber o seu interior.

Começando pelo piso térreo onde encontramos outro detalhe muito característico da Vila: o ritmo da porta larga / porta estreita correspondendo ao acesso à loja e à habitação, respetivamente. Deste modo, no piso mais próximo da rua, verificamos a existência da loja, *“estabelecimento para oficina”*, ou espaço para animais, consoante a profissão dos habitantes das mesmas.

A habitação propriamente dita desenvolve-se nos restantes pisos, acedida pela porta estreita e a escada de tiro que dá acesso, no primeiro patamar, ao piso intermedio que assume um papel de maior relevância. Neste piso podemos encontrar normalmente uma sala ampla com uma janela para a rua e outros compartimentos interiores de menor importância. O segundo lance de escadas continua na direção do primeiro e dá acesso ao segundo piso, entrando-se para a cozinha.

<sup>75</sup> AAVV - Associação dos Arquitetos Portugueses (1998) “Arquitetura popular em Portugal”. Lisboa, AAP, 3ª Edição.

<sup>76</sup> Susana Bicho: “A Judiaria de Castelo de Vide: contributos para o seu estudo na ótica da conservação do Património urbano” (dissertação de mestrado policopiado), Universidade de Évora, 1999

“As escadas são de tiro e apresentam aspetos diferenciados: no primeiro lance, que liga a loja à habitação, os degraus são feitos em cantaria de granito; o segundo lance que liga o primeiro ao segundo piso, é totalmente construído em madeira e geralmente apresenta uma inclinação mais acentuada.”<sup>77</sup>

A cozinha fica sempre situada no último piso destas habitações e é onde podemos encontrar novamente outro elemento que caracteriza Castelo de Vide: as chaminés tradicionais são de fumeiro e possuem grandes dimensões, constituindo assim o elemento mais importante do espaço da cozinha. “Os planos da chaminé são construídos em alvenaria de tijolo de burro e o pavimento onde faz fogo, em laje de granito. A terminação da chaminé assume, no exterior, diversos modelos de grande interesse e qualidade arquitetónica, adquirindo uma grande visibilidade em toda a vila dada a topografia onde se implantou.”<sup>78</sup>

Em relação às coberturas, estas são em telhado de uma ou duas águas, de cumeeira paralela à fachada e vertente pouco inclinada que termina num beirado. A telha utilizada é a de canudo. O madeiramento onde se assenta o telhado é construído por madres, normalmente de castanho.

Estruturalmente, é interessante perceber o modo como todas estas habitações se agrupam. Para além do alinhamento das fachadas principais e posteriores, também as paredes internas que lhes são paralelas e bipartem o espaço, estando na maioria dos casos alinhadas. “Este facto que ocorre, sem dúvida, por exigência construtivas, permite constatar o modo como estas estruturas não funcionam isolada e autonomamente, mas em conjunto, estabelecendo entre elas e o quarteirão a que pertencem relações de interdependência e continuidade.”<sup>79</sup>

<sup>77</sup> Plano de Ação Castelo de Vide plano de ação de Castelo de Vide, Vol. 2, Análise, Camara Municipal de Castelo de Vide, 2003

<sup>78</sup> Plano de Ação Castelo de Vide plano de ação de Castelo de Vide, Vol. 2, Análise, Camara Municipal de Castelo de Vide, 2003

<sup>79</sup> Susana Bicho: “A Judiaria de Castelo de Vide: contributos para o seu estudo na ótica da conservação do Património urbano” (dissertação de mestrado policopiado), Universidade de Évora, 1999

Construtivamente, tratando-se de uma época de reduzida mobilidade, as características geográficas, geológicas e físicas do sítio ditam os materiais utilizados na construção. Estes ditam as técnicas e sistemas construtivos adotados, traduzindo-se muitas vezes em soluções formais muito próprias de cada região.

“Na grande generalidade das edificações, estamos perante uma baixa qualidade construtiva, patente nas paredes de alvenaria ordinária e sem travamento ou nos vigamentos de barrotes toscamente moldados.”<sup>80</sup>

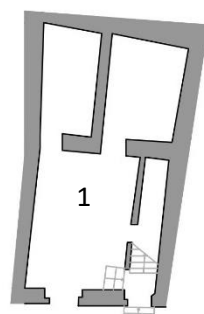
As fundações das habitações eram diretas, constituindo um muro contínuo ao longo do perímetro da habitação, sobre o qual era construída a alvenaria em elevação feita de fragmentos de pedras e tijolos e argamassada com barro ou cal e areia, ficando com uma espessura final de 60 a 75cm.

Nesta tipologia habitacional, de um modo geral, com mais ou menos variantes, todos estes elementos repetem-se na arquitetura da Vila conferindo-lhe uma grande unidade, que se traduz no grande valor de conjunto que a vila possui.

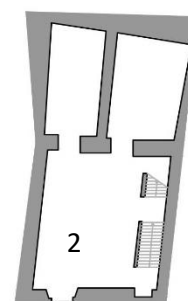


73. Habitação típica de Castelo de Vide

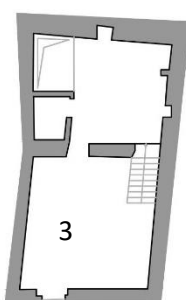
<sup>80</sup> Susana Bicho: A Judiaria de Castelo de Vide: “contributos para o seu estudo na ótica da conservação do Património urbano” (dissertação de mestrado policopiado), Universidade de Évora, 1999



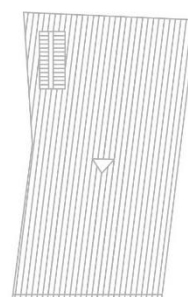
Planta do Piso Térreo



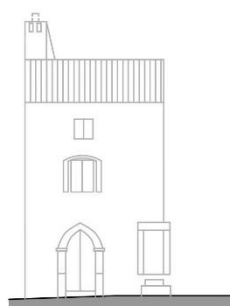
Planta do Piso 1



Planta do Piso 2



Planta de Cobertura



Alçado Principal

- 1 – Loja
- 2 – Habitação
- 3 – Fumeiro

*74. Habitação corrente – Raiz Medieval  
(escala 1:200)*

*Adaptado do Plano de Pormenor da Zona Urbana Mais Antiga de Castelo de Vide, vol III, Elementos anexos, Câmara Municipal de Castelo de Vide, in Susana Bicho: "A Judiaria de Castelo de Vide: contributos para o seu estudo na ótica da conservação do Património urbano" (dissertação de mestrado policopiado), Universidade de Évora, 1999*

### 5.3.1| AS CASAS DE ESTUDO

Na área mais próxima da igreja de Santa Maria surgem alguns lotes de maior dimensão, correspondentes a situações tipológicas mais tardias, como são exemplo de algumas habitações no Largo da Fonte da Vila.

É neste largo que encontramos as três casas que foram escolhidas como objeto de estudo para o presente Trabalho Final de Mestrado.



75. Morfologias Urbanas: Fonte da Vila (sem escala) Adaptado do plano de ação de Castelo de Vide, Vol. 2, Análise, Camara Municipal de Castelo de Vide, 2003

 Identificação das três casas de estudo

Como é possível observar na imagem a seguir, as casas escolhidas têm todas as características de uma tipologia corrente de raiz medieval, no entanto, formalmente, demonstram alguns indícios de riqueza.

A composição e a linguagem arquitetónica esteticamente mais cuidada e erudita revelam algumas características que levam a querer que estas habitações pertenciam à burguesia.





76. Alçado das casas de estudo – imagem da autoria de UMA COLLECTIVE

Uma das características que distingue estas habitações é a marcação dos cunhais que raramente eram marcados a não ser em habitações burguesas.

De igual modo, as guarnições nos vãos revelam a diferença social. Numa das casas é notória a presença de uma janela de sacada no primeiro piso com uma pequena consola e guardas em ferro forjado, demonstrando assim alguma riqueza, como é possível ver na imagem acima.

Para além disso, também socos, pilastras e cornijas constituem elementos compositivos que destacam este conjunto de habitações perante as restantes que se distribuem na mesma zona da Vila de Castelo de Vide.

Em termos espaciais, este conjunto de habitações revela as características da casa medieval, nomeadamente a loja no piso térreo, as escadas de tiro que fazem a ligação com a habitação que se desenvolve nos pisos superiores e, por fim, a cozinha com a chaminé que se situa no último andar.

As principais diferenças encontradas foram as dimensões que se revelaram maiores do que o habitual, bem como a localização das escadas de tiro que numa das casas de estudo se situa a meio, fazendo a divisão para os dois lados. (ver as plantas em anexo – pág. 159)



77. Fonte da Vila

78. Conjunto urbano:  
Fonte da Vila e casas  
de estudo



## 5.4|

### AS TERMAS DE CASTELO DE VIDE – Um contexto histórico

Portugal sempre foi um país rico em nascentes de águas minerais naturais especialmente no norte e centro, o que desde cedo permitiu considerar a água mineral como um importante recurso sob o ponto de vista socioeconómico. Por conseguinte, surge a consciencialização de que a exploração dessas águas minerais terapêuticas pode ser o recurso chave do desenvolvimento da região de Castelo de Vide.

Assim, uma das primeiras referências às águas de Castelo de Vide data de 1706 e refere-se à Fonte da Vila. Apesar da excelência reconhecida da água e das suas propriedades terapêuticas com fim de eliminar o açúcar excessivo no sangue, estas só foram consideradas para fins medicinais em 1918, data a partir da qual começou a ser estudada a captação da nascente. Nesta altura, surge um novo período de ascensão económica e social, com o aumento do turismo na região, tendo por base as águas minerais abundantes e diversificadas das várias nascentes da vila.

Pela primeira vez desde o meio do século XVIII, Castelo de Vide sofreu um desenvolvimento socioeconómico motivado pelo turismo.

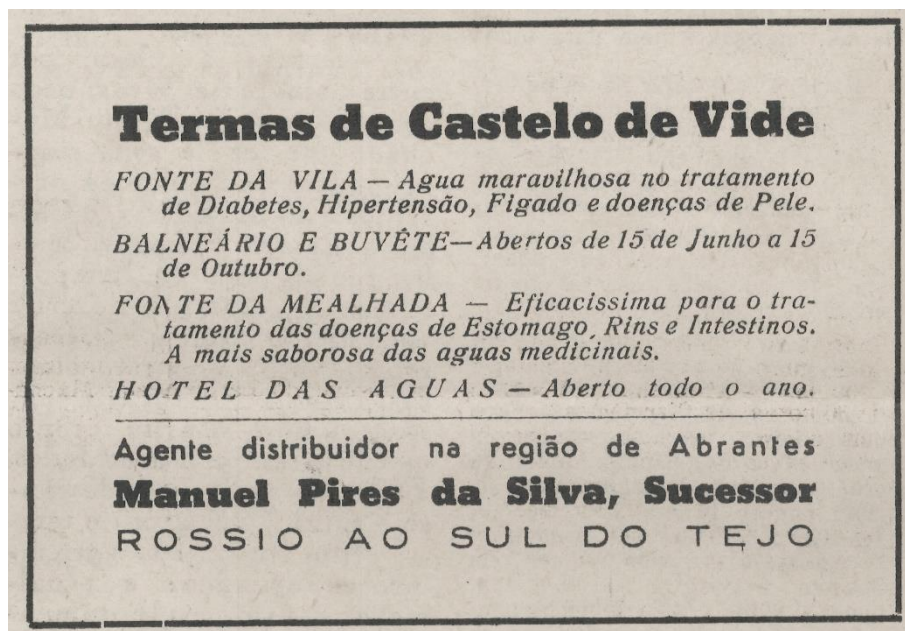
No fundo, estas águas originaram a fixação de pessoas e como tal, foram criadas uma série de atividades capazes de render os aqistas à vila alentejana, motivando assim inúmeras alterações no tecido urbano.

Neste sentido, a corrida àquelas águas era tal que justificou a criação do Balneário Termal mais tarde, em 1942.

A partir deste período, a pacata “Sintra do Alentejo” assumiu um importante papel no setor turístico e, consequentemente económico, cultural e social, fruto da construção das termas.



79. Panfleto de propaganda, 1931



80. Panfleto de propaganda - Recorde de Jornal de Abrantes, 1953



## 5.4. 1|

### AS TERMAS DE CASTELO DE VIDE – Características Tipológicas

O balneário termal de Castelo de Vide foi projetado pelo arquiteto Ernesto Korrodi<sup>81</sup> em parceria com o seu filho Camilo Korrodi, está localizado nas imediações da Fonte da Vila, no lado Norte do centro histórico da Vila, dentro do aglomerado urbano da mesma.

O facto de estar construído dentro do aglomerado, ao invés de outras situações em que as termas são localizadas isoladamente, leva à integração dos aquistas na localidade e à interação com a população residente, estabelecendo novos vínculos e, deste modo, proporcionando uma nova vivência urbana.

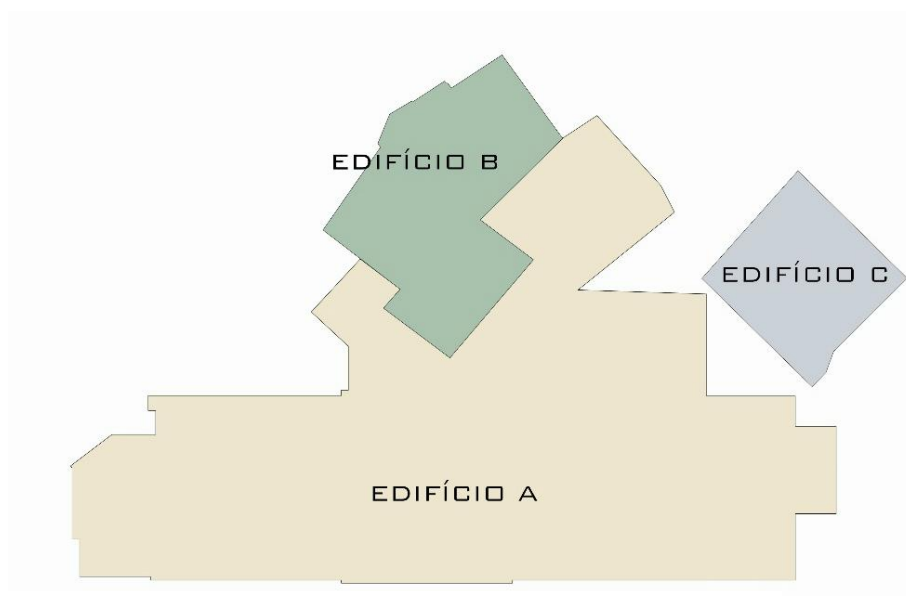
Como podemos observar na imagem abaixo, o edifício funciona como charneira entre a zona da judiaria e a Estrada da Circunvalação, encontramos assim um edifício aberto para a paisagem voltada a norte/ nordeste.



81. Vista aérea da Vila de Castelo de Vide – localização do Balneário Termal

<sup>81</sup> Ernesto Korrodi, arquiteto de nacionalidade suíça, nasceu em 1870 e faleceu em 1944. Fixou-se em Leiria, no entanto desenvolveu a sua atividade um pouco por todo o país. Foi um dos pioneiros e dos mais bem-sucedidos arquitetos da Arte Nova em Portugal.

Em termos espaciais, o conjunto do edifício do balneário das termas, organiza-se em três partes distintas (A, B e C).



82. Esquema de organização do balneário termal

No volume principal (edifício A), que se encontra adjacente à Estrada da Circunvalação, é notória a presença de um “programa convencional com um bloco central de planta quadrangular e duas pequenas alas laterais, organizadas axialmente a partir de um corredor interior longitudinal que as divide simetricamente dando origem a compartimentos dispostos à frente e atrás”.<sup>82</sup>

Na ala da esquerda concentram-se os duches subaquáticos, em quatro espaços iguais, e na sequência do respetivo corredor, existem duas instalações sanitárias, às quais se segue uma sala de repouso. Na ala da direita localiza-se o duche escocês, espaço para banho carbogasoso e compartimentos para fisioterapia. Para além disso, podemos ainda encontrar o posto médico, sala de observações e, para rematar o corredor desta ala, existe uma escada para aceder à parte funcional da cave.

<sup>82</sup> Memória Descritiva e Justificativa – Centro Garcia d’Orta – Recuperação de coberturas, Camara Municipal de Castelo de Vide, 22 de julho e 2015

Nas traseiras do edifício, por onde é feita a entrada, encontra-se um hall de distribuição que articula com a sala das bicas, também denominada de *buvette*, à qual se segue uma sala de repouso.

O edifício apresenta um único piso, distribuído por várias construções adjacentes (edifícios B e C). “O volume principal assume uma expressão horizontal, destacando-se o corpo central, cuja cota principal esta sobrelevada face à estrada cerca de 1,50m. Sob o pavimento existe uma caixa de ar onde foi instalada a canalização de abastecimento.”<sup>83</sup>



83. Planta do piso térreo do Balneário Termal

No que diz respeito à ligação do edifício na paisagem, este “adquire uma certa organicidade, acabando por integrar construções habitacionais anexas com características tradicionais que se relacionam com o largo da Fonte da Vila.”<sup>84</sup>

É notório que o balneário foi um edifício concebido de acordo com as preocupações da época, impondo-se pela escala e pela racionalidade que nele encontramos, este constitui um exemplo típico da arquitetura pública

<sup>83</sup> Memória Descritiva e Justificativa – Centro Garcia d’Orta – Recuperação de coberturas, Camara Municipal de Castelo de Vide, 22 de julho e 2015

<sup>84</sup> Memória Descritiva e Justificativa – Centro Garcia d’Orta – Recuperação de coberturas, Camara Municipal de Castelo de Vide, 22 de julho e 2015

do Estado Novo. De certo modo, somos remetidos para um vocabulário “regionalista”, eventualmente cruzado com paradigmas externos resultantes da interpretação do respetivo programa, originando uma arquitetura não monumental.”<sup>85</sup>

Neste sentido, a imagem do balneário vai absorvendo pequenas adições e vai sendo ajustada às necessidades encontradas ao longo do tempo, “refletindo um processo evolutivo, ou intencionalmente, procurando uma transição de escala de modo a recriar ambientes mais intimistas no contacto com a vila”.<sup>86</sup>

É assim que surge nas traseiras do balneário o edifício B, com comunicação direta a um pequeno quintal rebaixado em contacto com a entrada alpendrada, onde podemos encontrar um laboratório no piso inferior e um escritório de apoio.

Ainda no piso inferior, mas já no edifício C, surgiram espaços onde se instalaram a caldeira e outros equipamentos fundamentais ao bom funcionamento do balneário termal.

Formalmente, é notório que o alçado que, em termos compositivos obedece a regras explícitas é o do edifício principal. Neste podemos observar uma forte expressão horizontal, evidenciada pela presença de uma cornija contínua ao longo do alçado. Neste verificamos ainda a existência de um embasamento que sinaliza a diferença de cotas entre a estrada e o piso elevado. Ao longo deste embasamento, verificamos, em cada uma das alas, bancos corridos que se assumem como elementos decorativos integrados no próprio alçado. No piso superior, em cada uma das alas, verifica-se uma sequência de vãos intercalados por alvenaria de tijolo maciço vidrado.

<sup>85</sup> Memória Descritiva e Justificativa – Centro Garcia d’Orta – Recuperação de coberturas, Camara Municipal de Castelo de Vide, 22 de julho e 2015

<sup>86</sup> Memória Descritiva e Justificativa – Centro Garcia d’Orta – Recuperação de coberturas, Camara Municipal de Castelo de Vide, 22 de julho e 2015



“Quanto á cobertura, esta é um dos elementos expressivos do edifício, devido à própria implantação do mesmo, sobrelevado à frente e rebaixado a tardoz. (...) em termos globais, pela sua dimensão, destaca-se o volume corrido com telhado de duas águas que cobre o edifício principal, sobretudo as duas alas anteriormente mencionadas, visto que o volume central, por ter o pé direito mais elevado do que o restante balneário, é ligeiramente mais alto, para além de saliente, o que permite criar uma cobertura com quatro águas que reforça a sua afirmação volumétrica.”<sup>87</sup>

Em suma, conclui-se que a importância da Vila de Castelo de Vide advém essencialmente do seu conjunto como um todo, no entanto, são edifícios como o balneário das termas que o enriquecem, não só pelas suas características formais, como por todas as mais valias sociais que trouxe para a Vila.



84. Corte longitudinal do balneário termal



85. Alçado frontal do balneário termal

<sup>87</sup> Memória Descritiva e Justificativa – Centro Garcia d’Orta – Recuperação de coberturas, Camara Municipal de Castelo de Vide, 22 de julho e 2015

#### 5.4.2 | SITUAÇÃO ATUAL DO BALNEÁRIO DAS TERMAS

O balneário das termas foi encerrado na época termal de 1994, tendo sido justificado pela contaminação da água. “Microbiologia fecal e patogénica” é a causa apontada no despacho de encerramento, emanada do Ministério da Saúde.

Depois disso, seguiu-se um período de grande agitação marcado pelas várias tentativas de reabertura das termas, através de novos e dispendiosos estudos, análises, sondagens e perfurações. Todavia, estas sucessivas experiências acabam por não dar resultados e o final foi o encerramento do balneário até aos dias de hoje.

Atualmente, a autarquia encontra-se a reabilitar os edifícios afetos ao balneário, prevendo a edificação de um núcleo museológico.

Apesar da afluência às termas ter terminado aquando do seu encerramento, Castelo de Vide continua a ser uma vila de eleição para o turismo, que dispõe de um conjunto de outras atividades que continuam a render todos os que passam pela “Sintra do Alentejo”.



86. Vista exterior do Balneário termal inserido no conjunto urbano

# 06 |

## PROPOSTA ARQUITETÓNICA: Um novo complexo termal em Castelo de Vide

## 6.1| INTRODUÇÃO

Finalizadas as etapas e estudo que foram propostas no início do presente trabalho, chega-se ao ponto de refletir sobre as mesmas e trabalhá-las de forma a que possam ser utilizadas como suporte para o desenvolvimento prático do trabalho.

Após um aprofundamento dos paradigmas associados ao panorama termal, percebemos a sua importância no contexto histórico das populações e concluímos que o termalismo para vencer os desafios do futuro deve modernizar-se e constituir-se como um ponto de atração turística, contribuindo deste modo para o desenvolvimento económico local.

Assim sendo, neste capítulo apresenta-se a proposta para um novo complexo termal em Castelo de Vide.

Este plano inclui a recuperação do edificado existente, do espaço circundante e a construção de novos edifícios, tendo como objetivo a introdução de um conteúdo programático atual que valorize e dinamize a zona, de modo a colmatar as fragilidades encontradas atualmente.

A reabilitação do edifício das antigas termas bem como o conjunto de casas senhoriais deve ser realizada com o maior cuidado de forma a não adulterar o seu valor patrimonial nem a sua identidade visual.

De igual modo, também o novo edifício será proposto tendo em conta o património existente, para que se integre, mas que ainda assim se constitua como um marco para a Vila de Castelo de Vide.

## 6.2| ESTRATÉGIA DE INTERVENÇÃO

Tendo como ponto de partida o enquadramento e objetivos descritos no capítulo 1, é notório que a estratégia de intervenção passa por reforçar o potencial da Vila de Castelo de Vide e, desta forma, permitir o seu desenvolvimento.

A estratégia de revitalização deste local tem como intenção primária reutilizar o espaço de forma a devolver à Vila um lugar que, embora esquecido, nos conta muito sobre o que outrora foi a sua realidade.

Assim sendo, com a presente proposta pretende-se preservar todos os fatores de referência e memória do local, adicionando novas qualidades que respondam às necessidades atuais, e proporcionem uma reaproximação dos habitantes e da sociedade aquele sítio.

Devido à densidade do tecido urbano de Castelo de Vide e às suas características tão específicas, torna-se importante definir a escala de intervenção de forma a compreender como será possível interligar as preexistências e a envolvente com as novas construções.

Consequentemente, o objetivo passa por encontrar no estudo realizado acerca da memória sobre o construído, as premissas base que irão definir o trabalho de projeto, isto é, importa entender as informações que o local nos pode oferecer de forma a conseguir devolvê-lo à população com a qualidade que esta merece.

Para além disso, é igualmente importante definir quais os usos dos diversos espaços para compreender as infraestruturas necessárias.

Fruto do estudo da história do termalismo e da análise da sua evolução ao longo dos anos, conclui-se que o novo complexo termal de Castelo de Vide deverá comportar uma valência de equipamentos que enriqueçam a experiência do termalismo associado a beleza e bem-estar, aliado à cultura e lazer.

Assim sendo, o complexo termal proposto é constituído por um Spa, um museu/espço para a comunidade e por um hotel que serve como elemento de apoio a toda a estrutura.

Começando por aquele que revela ser o elemento principal da proposta, o Spa, que constitui o *terceiro momento da água* <sup>88</sup>, pretende resgatar a memória da água e das vivências daquele local bem como devolver um ponto de interesse para a vila.

No antigo edifício das Termas, desenvolve-se um museu e espaço dedicado à população. Este edifício será requalificado tendo em conta as necessidades que um espaço museológico exige, no entanto sem nunca perder a sua identidade e memória daquilo que foi outrora.

De forma a complementar o complexo termal, é proposta uma unidade hoteleira com o objetivo de colmatar a carência de espaços qualificados existentes e desta forma, devolver vida ao centro histórico da Vila.

Por fim, mas não menos importante, o espaço público surge para unificar o complexo e para oferecer à população um local qualificado de encontro e convívio.

No fundo, a proposta pretende que todos os usos e espaços atribuídos ao complexo termal trabalhem em sintonia de forma a atingir o objetivo final de revitalizar a zona e devolver as vivências a um local que outrora foi repleto histórias e memórias e que atualmente se encontra esquecido. Valorizando assim o território existente, tanto o natural como patrimonial, que uma vez associado à identidade do local permite manter um diálogo com a sua história.

Pretende-se então a criação de uma proposta arquitetónica com um carácter referencial, que funcione como um marco não só para a população local como para os visitantes que este possa atrair.

<sup>88</sup> O primeiro momento remonta à Fonte da Vila (séc. XVI) e segundo momento trata o edifício das Antigas Termas de Castelo de Vide (Séc. XIX).

## 6.3| A IDEIA CONCEPTUAL

Conforme referido anteriormente, o mote do presente trabalho prende-se, por um lado, com as questões teóricas ligadas à memória e ao património, e por outro lado, está relacionado com a água e o termalismo.

O grande desafio reside no facto de pretendermos unir todos os elementos utilizando a água como fio condutor para desenvolver o projeto.

Tendo em conta a importância da água naquele lugar, importa conseguir alcançar de forma clara, o objetivo de distinguir os três momentos da água que contam uma história desde o século XVI até aos dias hoje.

A ideia passa por conseguir consagrar a água através da arquitetura para que a sua memória não seja esquecida e possa ser transmitida a gerações futuras.

Para além da importância do elemento da água, também a integração da proposta com a envolvente se traduz numa constante preocupação, devido à complexidade do tecido urbano de Castelo de Vide.

À semelhança daquilo que foi analisado nos casos de estudo presentes no capítulo 4, o objetivo será utilizar materiais e formas que permitam esta relação.

Após toda a pesquisa teórica, importa perceber que intervir no património não significa recuperar rigorosamente tudo o que outrora foi, mas sim ter consciência de que um lugar representa um processo cíclico capaz de gerar novos ambientes num novo tempo e ainda assim estabelecer um confronto harmonioso entre o presente e o passado.

Para definir a ideia conceptual, o grande desafio passa por conseguir criar uma proposta arquitetónica capaz de refletir o presente e o futuro, respeitando as pré-existências.

Conseguindo, deste modo, contribuir para a criação de mais uma camada de história para Castelo de Vide.

## 6.4| O PROGRAMA

Após definir as estratégias de intervenção e os aspetos que servem como fio condutor a nível conceptual, importa pensar nos aspetos que levam à definição do programa.

Posto isto, como foi referido anteriormente, o projeto divide-se em três partes: o Spa, o museu e a unidade hoteleira, constituindo assim um novo complexo termal onde será possível desenvolver um vasto leque de atividades que proporcionam uma experiência que vai para além do termalismo.

No Spa, que constitui o elemento central da proposta, desenvolvem-se espaços relacionados com a “beleza” e “bem-estar” que proporcionam uma experiência de relaxamento e contacto com a água. Este divide-se em quatro pisos: no piso à cota da rua podemos encontrar o espaço de receção e o restaurante. No piso -1 desenvolvem-se zonas que não dependem diretamente de água e que se dividem em dois núcleos: um dedicado à beleza com salões de estética e outro dedicado a um centro médico para consultas e salas de recuperação.

No piso imediatamente abaixo é onde decorre a entrada para a zona húmida e trata-se de um piso destinado ao culto do corpo onde se pode encontrar o ginásio, salas de exercício, salas de massagens e uma piscina aquecida interior para exercícios e recuperação muscular.

No último piso, correspondente ao -3, desenvolvem-se todas as atividades que implicam a utilização de água como elemento principal, tais como: as piscinas interior e exterior, o banho turco, o banho frio, o duche Vichy, o Hamman e ainda o banho de fragrâncias e de imersão.



A unidade hoteleira desenvolve-se num conjunto de casas do séc. XVI, com elevado valor patrimonial, tal como foi descrito no capítulo 5. Neste espaço, prevê-se a reabilitação das casas e a adição de um novo volume onde se pode encontrar cerca de 20 quartos, restaurante, bar, biblioteca e espaços de convívio.

O edifício das antigas termas, dadas as suas características, funciona como museu e espaço dedicado à população onde podemos encontrar uma sala de conferências e auditório, uma sala para exposições permanentes e outra para exposições temporárias. De modo a trazer a população de novo para este espaço pretende-se transformar uma das suas alas num centro de estudos, que dispõe de salas polivalentes para que possam ser utilizadas de forma livre sempre que necessário.

Por fim, o espaço público pretende unir todos estes equipamentos e concentra-se sobretudo na criação de uma praça e de um auditório ao ar livre que pretendem valorizar o antigo edifício das termas e funcionar como um espaço de convívio, onde possa ser possível apreciar um espetáculo ou simplesmente funcionar como um local de reunião como foi outrora a Fonte da Vila.

## 6.5| O DESENHO

### 6.5.1. | O SPA

A decisão de construir um novo edifício destinado ao Spa prende-se pelo facto do edifício das antigas termas não possuir escala suficiente para o impacto que se deseja.

Assim sendo e, fruto do estudo da história do termalismo e da análise do próprio terreno desenvolveu-se um programa, uma ideia conceptual e um desenho para o novo edifício.

Tal como acontece na Casa de Leiria dos Arquitetos Aires Mateus, o mote para começar a desenhar o Spa foi o terreno e o seu acentuado declive. Posto isto, a primeira decisão que se tomou foi que todo o edifício iria desenvolver-se abaixo da cota da rua, ficando deste modo semienterrado. Deste modo, o novo edifício não se impõe sobre o terreno evita uma quebra visual da imagem do local funcionando simultaneamente como um prolongamento da encosta do castelo, sem contrariar o declive natural.

Posto isto, pretende-se tirar o máximo partido desta decisão através da criação de espaços exteriores de convívio, como uma praça que irá funcionar na cobertura do novo edifício.

Para além do declive também a referência às coberturas inclinadas, normalmente de duas águas, muito típicas da Vila de Castelo de Vide, constitui um elemento a seguir e a integrar na nova edificação. Tal como acontece no Museu Lascaux, a ideia foi utilizar a cobertura tornando-a acessível e, deste modo, fazer com que o desnível seja visto como parte integrante do projeto.

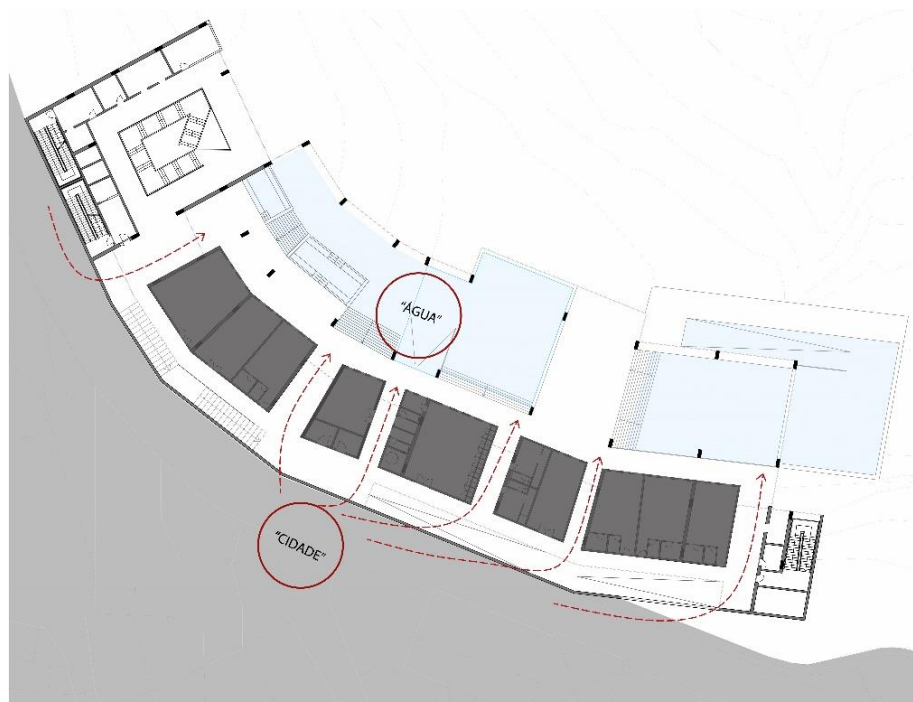
A ideia foi utilizar esta referência para desenhar um edifício que se funda com a paisagem envolvente, tal como podemos observar nas Termas de Valls, mas que em contrapartida funcione como um marco para a Vila.

O grande desafio passou por conseguir desenhar um edifício que se fosse integrando com a paisagem como se fosse uma rocha que ia sendo

esculpida e adaptada ao terreno. O objetivo foi criar a ideia de que este objeto arquitetónico foi exatamente pensado para aquele local, que ali pertence e se adapta a cada curva de nível e assim sendo não poderia ser colocado em mais lugar nenhum sem ser naquela precisa encosta.

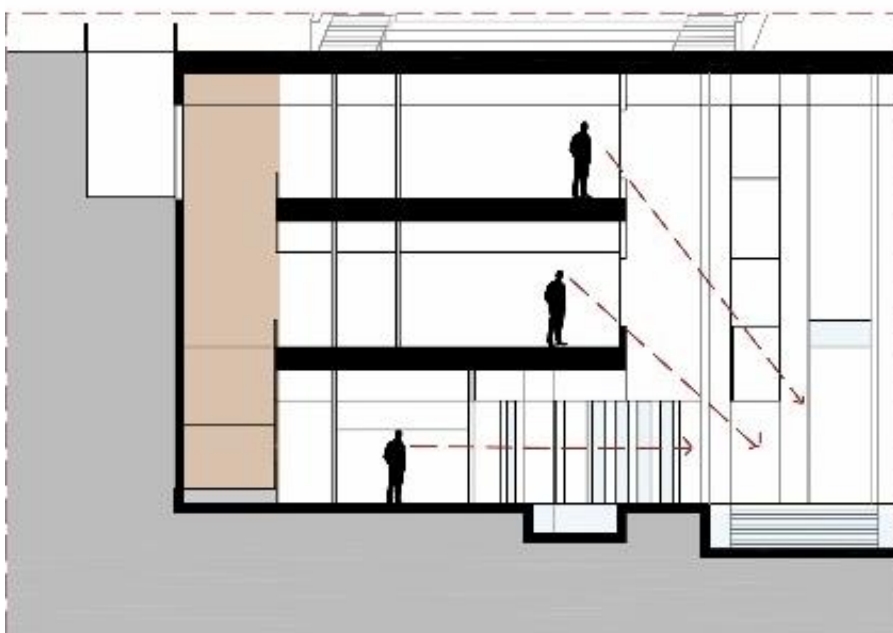
Relativamente ao espaço interior, o intuito foi tirar partido do desnível de modo a proporcionar uma vivência diversificada entre espaços de permanência e de circulação com vistas e relações diferentes entre cada patamar e também entre o interior e o exterior, tal como acontece no caso de estudo das Termas de Tibério.

A ideia conceptual para a organização espacial do edifício partiu da vontade da criação de um percurso que culminaria no encontro com a água. Neste sentido, a água ganha um papel de destaque e funciona como o elemento gerador do projeto. Conceptualmente, a ideia seria “vir da cidade para a água; do construído para natural; da terra para a água”.



87. Planta esquemática da ideia conceptual do desenho

O objetivo seria assim a descoberta da água, para isso desenhou-se um percurso capaz de conduzir o visitante até ao nível mais baixo onde a água é o elemento principal. No entanto, em todos os patamares é possível estar em contacto visual com a água, sempre numa relação vertical “de cima para baixo”. Deste modo pretende-se estimular a curiosidade para seguir o percurso e encontrar o elemento água.



*88. Corte esquemático da ideia conceptual do desenho – vistas*

Para além desta tentativa de consagração da água enquanto elemento principal do projeto, também a sua associação ao terreno que surge em patamares constitui um argumento para o projeto, no sentido em que se desenhava cada piscina num patamar diferente, tendo como objetivo a criação de uma imagem da água quase infinita que culmina no seu estado mais natural: no exterior e em contacto com a natureza.

O edifício compõe-se então por quatro pisos tao como foi referido na descrição do programa. Interessa agora realçar para o desenho do edifício as relações estabelecidas entre cada elemento e como podem enriquecer o projeto.

O piso 0 é, portanto, o piso da entrada que se encontra dividido em dois momentos: um restaurante aberto à população e a receção do SPA, que constitui o ponto de partida do percurso que leva os visitantes aos pisos inferiores. Este momento é marcado por um átrio com uma escadaria que se desenvolve em pequenos patamares e faz a distribuição para os restantes pisos, mantendo sempre uma relação visual com o exterior. Novamente é utilizada a técnica de aumentar o pé direito para enfatizar este espaço.

No piso imediatamente abaixo da receção, desenvolvem-se atividades de estética e um centro médico. Este piso pode ser descrito como uma zona de “pé sujo” que por ser aberta não implica a passagem por balneários e sendo assim, pode ser utilizada como um espaço que não necessita de água para o seu funcionamento. Através deste piso não é possível aceder ao Spa propriamente dito, no entanto é sempre possível manter uma relação visual com a água a partir dos espaços criados para esta contemplação e simultaneamente que permitem a entrada de luz para o corredor.

No piso -2 encontra-se uma segunda receção de apoio à entrada para as atividades terapêuticas. Neste piso começa a zona de “pé limpo” e surge então a primeira piscina do espaço dedicada à recuperação muscular. Esta situa-se no nível mais elevado em relação às restantes piscinas o que permite ter uma visão global de todos os planos de água existentes, planos esses que apenas podem ser alcançados depois de seguir o percurso, feito através de uma rampa que conduz os visitantes até ao piso inferior.

O piso -3 constitui o nível mais importante de todo o edifício, é aqui que culmina o percurso. Este é o piso húmido, onde as piscinas principais estão estrategicamente colocadas numa relação visual com o exterior. No restante espaço localizam-se as piscinas lúdicas onde foi criada uma sequência de experiências sensitivas distintas, quer pelas temperaturas da água contrastantes, quer pela exploração dos sentidos permitindo a deambulação livre pelo espaço que contrasta com percurso predefinido que traz os visitantes até este espaço.

Destaca-se ainda no desenho a utilização de um triplo pé direito na zona das piscinas principais que tem como objetivo evidenciar a importância deste

espaço. Pretende-se deste modo criar uma sensação de grandiosidade na zona de maior presença da água que contrasta com um pé direito mais baixo nos restantes espaços de modo a criar ambientes mais intimistas.

A diversidade de escalas e ambiências criadas pretende proporcionar diferentes níveis de sociabilidade e introspeção, completamento assim a terapia física e psicológica fundamental neste tipo de espaços pensados exclusivamente para o corpo e para a mente.

#### 6.5.2. | A UNIDADE HOTELEIRA

A unidade hoteleira proposta, como já referido, encontra-se situada numa pré-existência de três casas senhoriais do século XVI. Apesar de se tratar de um conjunto de casas, estas não possuíam escala suficiente para albergar o número de clientes que a construção de um novo complexo termal poderia atrair.

Assim sendo, à pré-existência foi adicionado um novo volume que permite a criação de novas infraestruturas mais adaptadas à procura atual de alojamento.

Tal como acontece no desenho do Spa, também uma das características que motivou o desenho do hotel foi o acentuado desnível que acabou por servir como ponte de partida para a sua organização espacial.

Formalmente, o hotel segue as mesmas linhas de pensamento do Spa de uma rocha que foi esculpida até chegar à sua forma final.

Porém, para realizar esta intervenção foi necessário analisar e definir à partida quais os elementos a manter e a demolir, bem como os aspetos que deveriam ser tidos em conta para que a memória das casas fosse preservada. Assim sendo, e dado o elevado estado de degradação da pré-existência, constatou-se que as paredes principais e a escada de tiro de acesso ao piso superior seriam elementos a manter. No entanto, para todos os elementos que demonstrem terem sido construídos depois do século XVI, propõe-se a sua demolição por forma a dar lugar ao novo volume.

Ainda nesta intenção de preservação da memória, outro dos elementos primordiais a manter será a fachada virada para a Fonte da Vila, dada a sua elevada carga simbólica.

Posto isto, o desafio passou por adaptar as novas funções à pré-existência e conjugar o novo volume proposto. Devido ao desnível do terreno foi possível criar um piso semienterrado para zona técnica e de funcionários, com acesso a partir da estrada de circunvalação.

Acima deste piso, correspondente ao nível da rua do lado da Fonte da Vila, encontra-se a entrada principal para os hóspedes. A ideia passou por

tentar recriar a vivência antiga, deste modo, colocou-se a receção no espaço da pré-existência, como como a sala de espera e a biblioteca.

Para além destas funções, as casas senhoriais albergam ainda, nos pisos superiores, as suites mais importantes do hotel que possuem uma vista privilegiada para a Fonte da Vila e para o castelo.

Para o novo volume propõem-se então para o piso zero as restantes funções sociais, nomeadamente o bar e o restaurante, bem como todas as áreas técnicas que lhes estão subjacentes. Nos pisos seguintes desenvolvem-se mais quartos. Este volume encontra-se totalmente ligada à pré-existência de modo a que no interior não seja notório a passagem de um espaço para o outro.

De modo a alcançar este objetivo, o novo elemento foi desenhado de forma a seguir as linhas da pré-existência, tentando assim recriar as suas ambiências. Para isso, foram desenhados espaços irregulares e tentou recriar-se a ilusão de paredes grossas através da colocação de artefactos como armários embutidos na parede ou vãos recuados de modo a criar a ideia de profundidade.



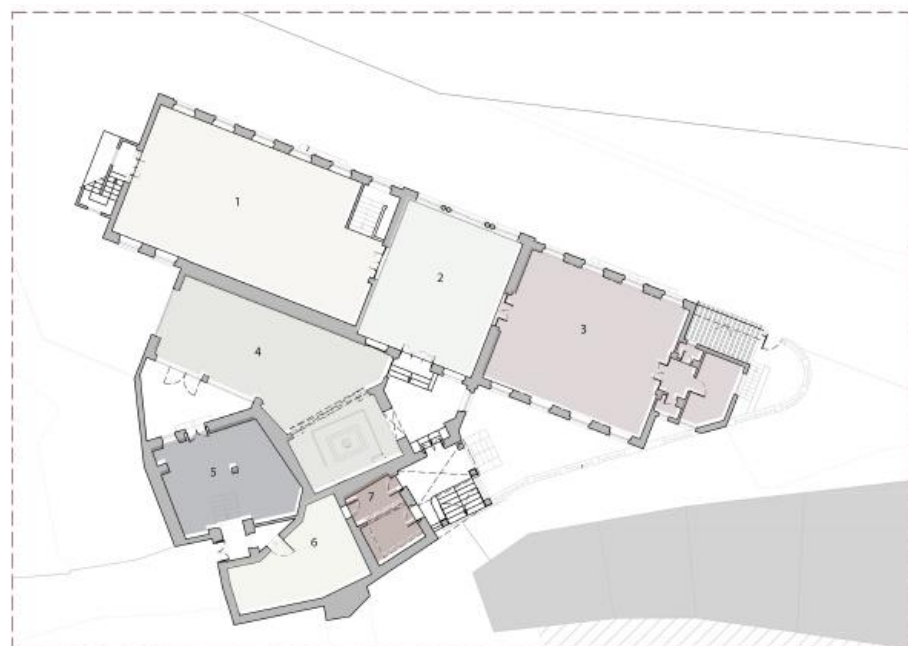
### 6.5.3. | O MUSEU

Por se tratar de um edifício com elevado valor patrimonial, prevê-se que as intervenções no antigo balneário das termas, passem essencialmente pelo seu interior, de modo a manter a sua imagem exterior original.

A criação de um museu reside não só na vontade de dar um espaço à população para que esta se sinta parte integrante do novo complexo termal, mas também para colmatar a lacuna deste tipo de equipamentos na Vila de Castelo de Vide.

Propõe-se então um espaço museológico que disponha simultaneamente de outras valências úteis à população.

Assim sendo, este projeto pretende com o programa definido criar memórias e novas histórias, sendo para isso inevitável a construção de novos usos para a contemporaneidade. Para que tal aconteça torna-se necessário tomar a decisão de demolir os antigos compartimentos dos gabinetes para tornar o espaço mais amplo e adequado às necessidades atuais.



89. Esquema de organização do Museu - Piso térreo

Legenda:

1- Auditório ; 2 – Sala de exposições permanentes; 3 – Centro de estudos; 4 – Sala Polivalente;  
5 – Núcleo I.S. ; 6 – Zona funionários; 7- Bengaleiro

Posto isto, o espaço desenvolve-se num único piso cuja entrada é feita pelas traseiras do edifício, onde se pode encontrar a receção e bengaleiro.

O átrio principal das antigas termas, por se tratar do local mais nobre do espaço, foi o escolhido para albergar a sala de exposições permanentes.

Para as laterais do edifício prevê-se a criação de um auditório do lado esquerdo e de um centro de estudos do lado direito.

O espaço dispõe ainda de uma sala polivalente que pode ser utilizada para exposições temporárias.

O piso -1, que se encontra semienterrado será destinado a áreas técnicas, arrumos e zonas administrativas.

Pretende-se com a criação deste espaço proporcionar condições para que todas as faixas etárias e classes sociais o possam utilizar e tirar partido novamente de um lugar que outrora foi tão importante para a Vila.

## 6.6 | A MATERIALIDADE

A materialidade aplicada neste projeto ganha um relevo acentuado devido à forma como relaciona os novos volumes propostos com o local onde se inserem.

São essencialmente utilizados três elementos na composição das fachadas: o betão branco, o metal e o vidro.

O betão branco surge como um material fundamental deste projeto devido à sua associação à cor típica das casas alentejanas.

Ao longo de todo o projeto, a utilização deste material é levada ao extremo: decidiu-se que este iria ser utilizado não só como revestimento de paredes como também das coberturas dos edifícios, tal como acontece no caso de estudo da Casa de Leiria.

A utilização da mesma materialidade em ambas as superfícies pretende criar uma ideia de pele que reveste todo o edifício, facilitando a compreensão da sua forma que segue o mote inicial do projeto de uma pedra esculpida em que não são perceptíveis os limites das superfícies.

Apesar do grande objetivo a alcançar ser esta ideia de uniformidade e de um bloco rijo quase impenetrável, surge a necessidade de resolver a questão da entrada de luz no espaço.

Por forma a dar resposta a esta necessidade, a solução encontrada passou pela utilização de uma chapa metálica perfurada, igualmente de cor branca que pretende resolver a problemática da entrada de luz sem pôr em causa a ideia de quebras na pele branca que reveste todo o edifício.

Assim sendo, para além de assegurar a continuidade nas superfícies, a chapa metálica perfurada permite que os espaços interiores beneficiem da entrada de luz natural filtrada, o que reduz a sua intensidade e resulta num ambiente propício ao relaxamento, como como um Spa assim o exige.

Posto isto, a ideia passou então por utilizar o betão branco nas coberturas e em algumas paredes exteriores, dado que nas restantes o

revestimento seria feito com a chapa metálica. O grande desafio passou por unir os materiais de forma quase impercetível.

O vidro, que constitui o terceiro elemento desta composição surge sempre associado à chapa metálica e é sobretudo utilizado para realçar a importância do elemento água. Ou seja: sempre que exista um contacto direto com a água, não se recorre ao “filtro” da chapa metálica, ficando apenas a camada de vidro.

O grande objetivo deste “jogo de filtros” prende-se com o intuito de despertar a curiosidade dos visitantes. Isto é, ao longo da fachada principal do Spa existe um filtro que impede a total visibilidade da paisagem, porém uma vez em contacto direto com a água, não existe qualquer obstrução de visibilidade, originando assim uma relação plena com a envolvente.

Assim, pretende-se que os visitantes tenham curiosidade em chegar o mais próximo possível do elemento água para que possam descobrir na totalidade aquilo que se encontra por trás do filtro.

De modo a garantir um maior contacto com a natureza, o elemento água ao longo do próprio desenho do Spa foi sempre estrategicamente colocado nos patamares inferiores do edifício. Assim sendo, nestes momentos como já foi referido anteriormente, o filtro metálico desaparece e não cobre a camada de vidro. Esta associação de fatores faz com que o edifício nos transmita uma ideia de leveza, como se não tocasse no solo, resultando numa contradição que desperta alguma curiosidade e confere ao edifício um carácter único e singular: trata-se de uma rocha pesada que foi esculpida com o intuito de parecer que se encontra suspensa sobre o terreno.

Pretende-se que a volumetria proposta para o hotel siga as mesmas linhas de pensamento das que regem o edifício do Spa, e deste modo unir e quase “coser” o novo edifício à pré-existência.

# 07 |

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegados ao final deste trabalho e após o estudo realizado sobre o panorama do termal, percebeu-se a sua relevância no contexto histórico das populações e dos lugares.

Ao longo da história do termalismo, este tem acompanhado a evolução e a transformação dos costumes da sociedade, adquirindo diferentes rituais que se refletem não só a nível tipológico como também ao nível territorial, porém privilegiando sempre a relação primordial com o elemento água.

Atualmente tem-se verificado a necessidade de revitalização das estâncias termais que demonstram a criação de um novo paradigma na atividade termal, cada vez mais direcionada ao lazer, à cultura e ao bem-estar.

O grande objetivo consiste em tirar partido dos lugares onde se inserem e proporcionar experiências que vão muito além da cura termal.

No caso concreto do presente trabalho, refletir sobre o passado quer do termalismo, quer da Vila de Castelo de Vide e a relação entre ambos, tornou-se crucial para que se conectasse o passado e a e a memória do lugar com a vontade de desenvolver uma nova camada de história.

Percebemos com o estudo teórico desenvolvido que todos os lugares reúnem em si um conjunto de memórias e histórias, tendo sempre pré-existências capazes de lançar pistas para intervenções futuras.

Assim sendo, o papel da Arquitetura passa por tentar recolher todas estas pistas e fragmentos de histórias e memórias para que possam servir como estímulos criativos e como um meio para melhorar a adaptação do projeto ao lugar onde se insere.

O projeto apresentado é então o resultado de uma combinação teórica e prática que direciona o pensamento para os três principais conceitos apresentados: a memória, o património e o termalismo.

É assente nestas três ideias que surgiu a proposta para a criação de um novo complexo termal para Castelo de Vide, com o intuito de preservar e promover a memória do lugar.

A escolha das formas, volumes e materiais resultou assim de uma reflexão sustentada para tirar o máximo partido das características singulares do local para que o resultado fosse a criação de um projeto que tivesse em consideração a imagem da vila.

Desta forma, foi desenvolvida uma proposta que visa remeter para a intervenção no património e que, ao mesmo tempo, evidencia a importância da memória.

Pretendeu-se com este projeto valorizar as potencialidades socioeconómicas, culturais e funcionais do local, tendo como principal objetivo melhorar as condições de vida das populações residentes e a apropriação do seu património cultural.

Em suma, percebemos que a memória deve ter um papel de destaque no que diz respeito à reinvenção de um lugar pois só assim se torna possível manter uma harmonia de formas no espaço e uma evolução gradual da relação entre a Arquitetura, o lugar e aqueles que nele habitam.





# 08 |

## FONTES DOCUMENTAIS

AAVV - “Memória”, in AAVV, “Dicionário Prático de Filosofia”; Trad. Manuela Torres, Madalena Bacelar, João Silva Saraiva, Rui Pacheco; Lisboa: Terramar, 2007

AAVV - Associação dos Arquitetos Portugueses; “Arquitetura popular em Portugal”. Lisboa, AAP, 3ª Edição, 1998

AAVV in - “Enciclopédia Luso Brasileira de Cultura”, Editorial Verbo, Volume 13, 1992

AGUIAR, José; Cor e cidade Histórica, estudos cromáticos e conservação do património, Porto: publicações FAUP, 2005

AGUIAR, José; Dificuldades na conservação e reabilitação do património português. Revista de estudos urbanos e regionais – (sub) Urbanismos e modos de vida. Nº21, março, 1995

AZEVEDO, Clara.; VASCONCELOS, Lúcia; “Termas Portuguesas”. Inapa, Lisboa, 1995

BACHELARD, Gaston: “A terra e os devaneios da vontade” - São Paulo: Martins Fontes, 1991

BACHELARD, Gaston; “A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria.” São Paulo; Martins Fontes, 1998

BAEZA, A. Campo; “Principia Architectonica”, Caleidoscópio, 2013

BATISTA, Juliana; “Reinvenção da Quinta Braamcamp no Barreiro”; Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2017

BICHO, Susana; “A Judiaria de Castelo de Vide”, Dissertação Final de Mestrado, Universidade de Évora, Évora, 1999

CANATÁ, Michelle; Fernandes, Fátimo: Construir no Tempo. ESTAR, Lisboa, 1999

CANDAU, Joel, “Antropologia da Memória”, Instituto Piaget, Lisboa, 2013

CHOAY, Françoise; “A Alegoria do Património”, Edições 70 LDA, Lisboa, 2000  
CHOAY, Françoise; “As questões do Património: Antologia para um combate”, Edições 70, Coimbra, 2009

CID, PEDRA; “As fortificações medievais de Castelo de Vide”, IPPAR, Ministério da cultura, 2005.

FORES, Joaquim; in COUCEIRO, João; Urbanidade e Património, IGAPHE, Lisboa, 1998

GOURHAN, Leroi in GOFF, Jacques le – “Memória” in AAVV, “Enciclopédia Einaudi”; Trad. Bernardo Leitão, Irene Ferreira; Porto: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1997

GRACIA, Francisco; “Construir en lo Construido – La Arquitectura como Modificación”. Nerea, Madrid, 1992

HALBWACHS, Maurice; “On collective Memory”; University Chicago Press, Chicago, 1992

MANGORRINHA, Jorge; “À Volta das Termas - Viagens no Espaço e no Tempo.”: Nova Galáxia, Caldas da Rainha, 2002

Miguel Tomé – “Património e restauro em Portugal”; Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, Porto, 2002

MOLDOVEANU, Mihai; “Ciudades Termales en Europa”, Lunwerg Editores, Barcelona, 1999.

Termas de Castelo de Vide: Uma história que se perpetua no presente, Lídia Barradas, 2017

Pierre Lavedan, Histoire de l’Urbanism. Antiquité – Moyen Age, Henri Laurends Ed, Patris

PINTO, Helena Gonçalves; MANGORRINHA, Jorge;” O Desenho das Termas - História da Arquitectura Termal Portuguesa”. Direcção Geral da Energia e Geologia, 1ª Edição, Lisboa, 2009

PIO, Mariana; “Memória como desencadeante da reinvenção Arquitetónica” – Dissertação final de mestrado, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2016

VENTURA, Andre; “Das Termas à Cidade” – Dissertação final de mestrado, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2017

# 09 |

ANEXOS

## 9.1 | REGISTOS FOTOGRÁFICOS DO LOCAL



*Largo da Fonte da Vila*







*Largo da Fonte da Vila*





*Antigo edifício do balneário termal de Castelo*







*Antigo edifício do balneário termal de Castelo*





*Vista do antigo edifício do balneário*



## 9.2 | BASES DE ARQUITETURA - PRÉ EXISTÊNCIA



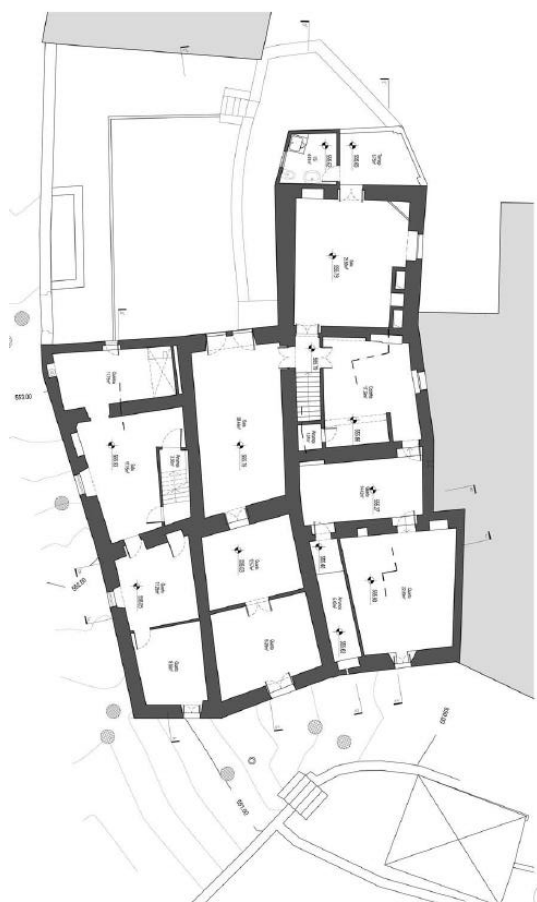
*Planta do Piso 0 da casa do séc. XVI*



*Planta do Piso 1 da casa do séc. XVI*



*Corte CC'*



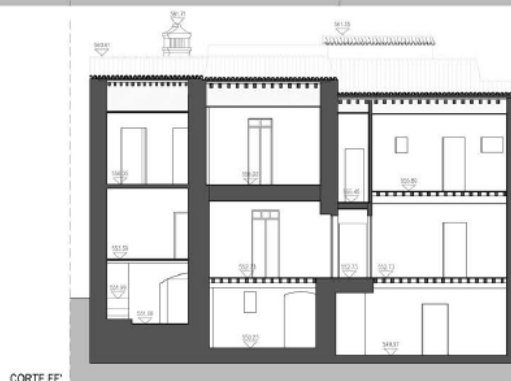
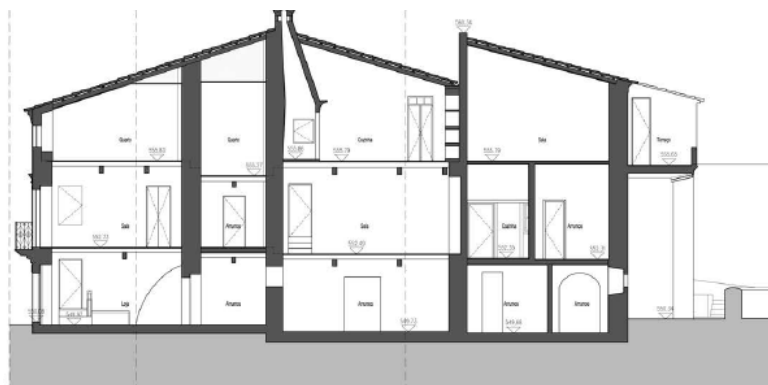
*Planta do Piso 2 da casa do séc. XVI*



*Planta de cobertura da casa do séc. XVI*

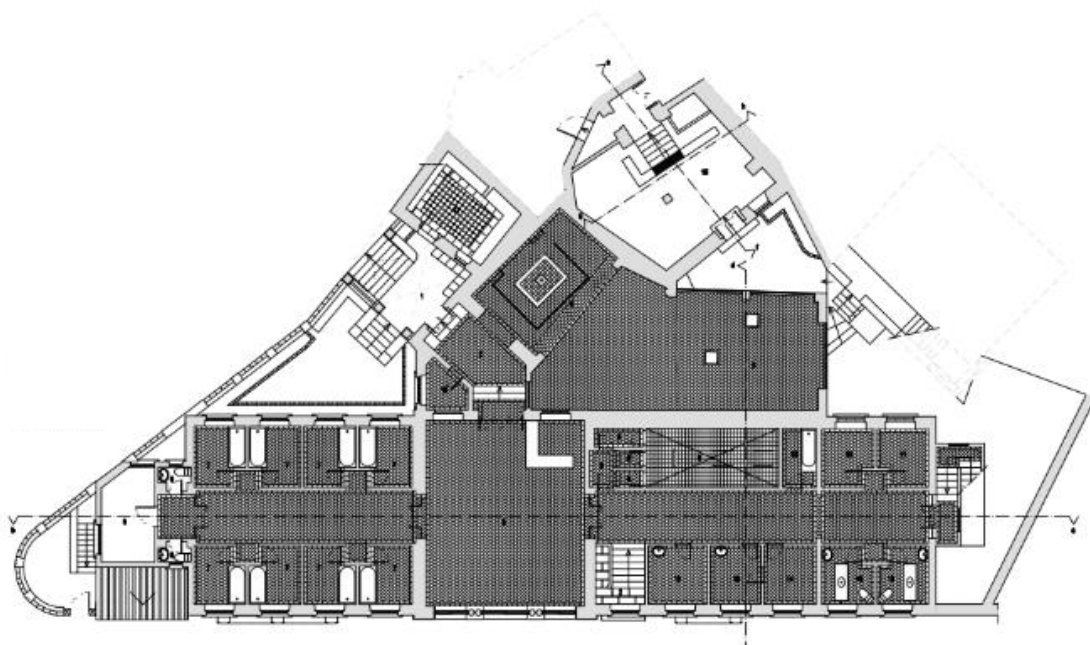


*Corte DD'*



*Alçado principal da casa do séc. XVI*



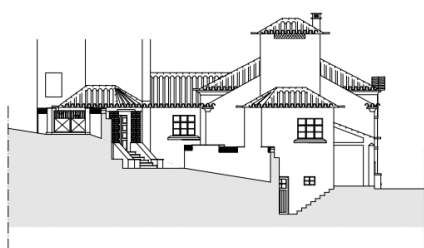


*Planta do Piso 1 do antigo edifício das*



+

*Alçado principal do antigo edifício das termas*

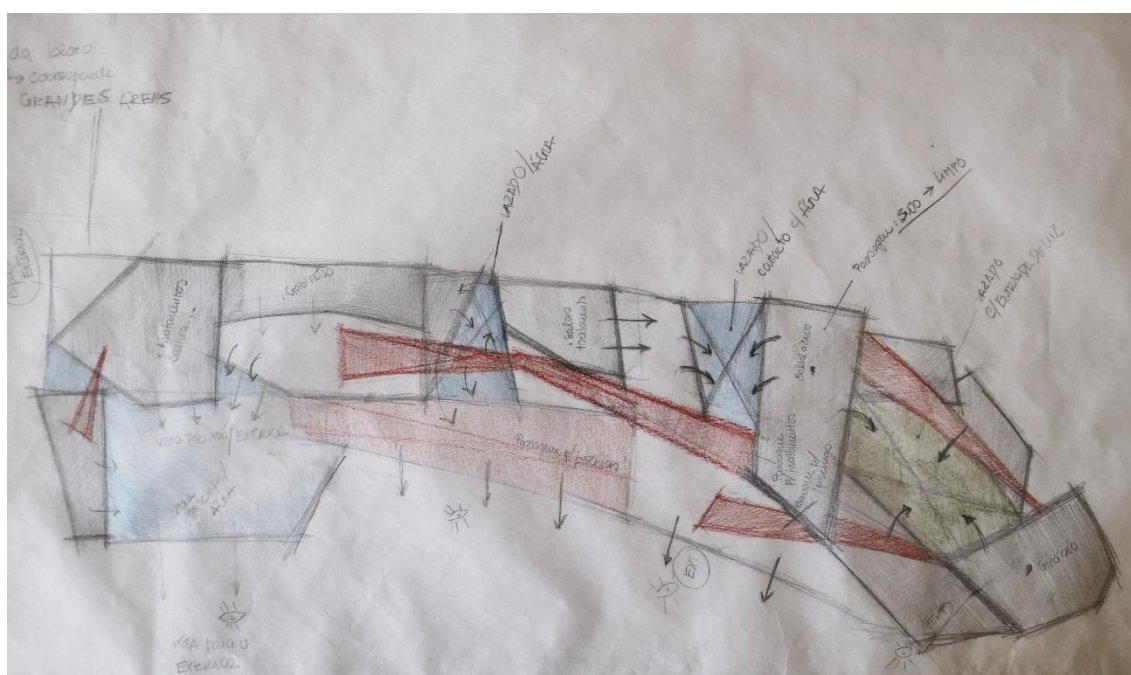
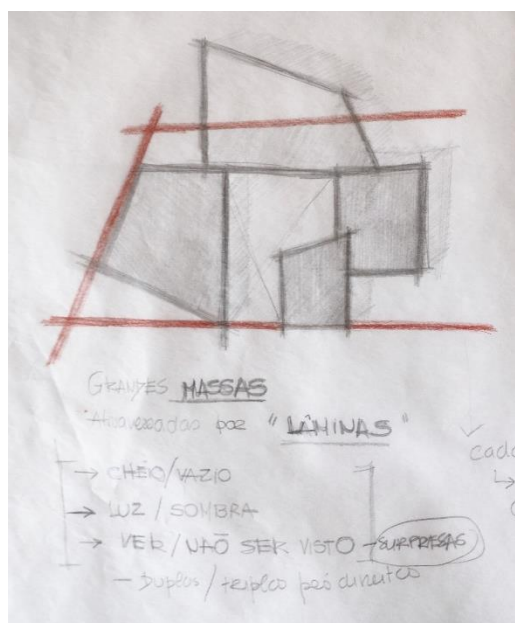


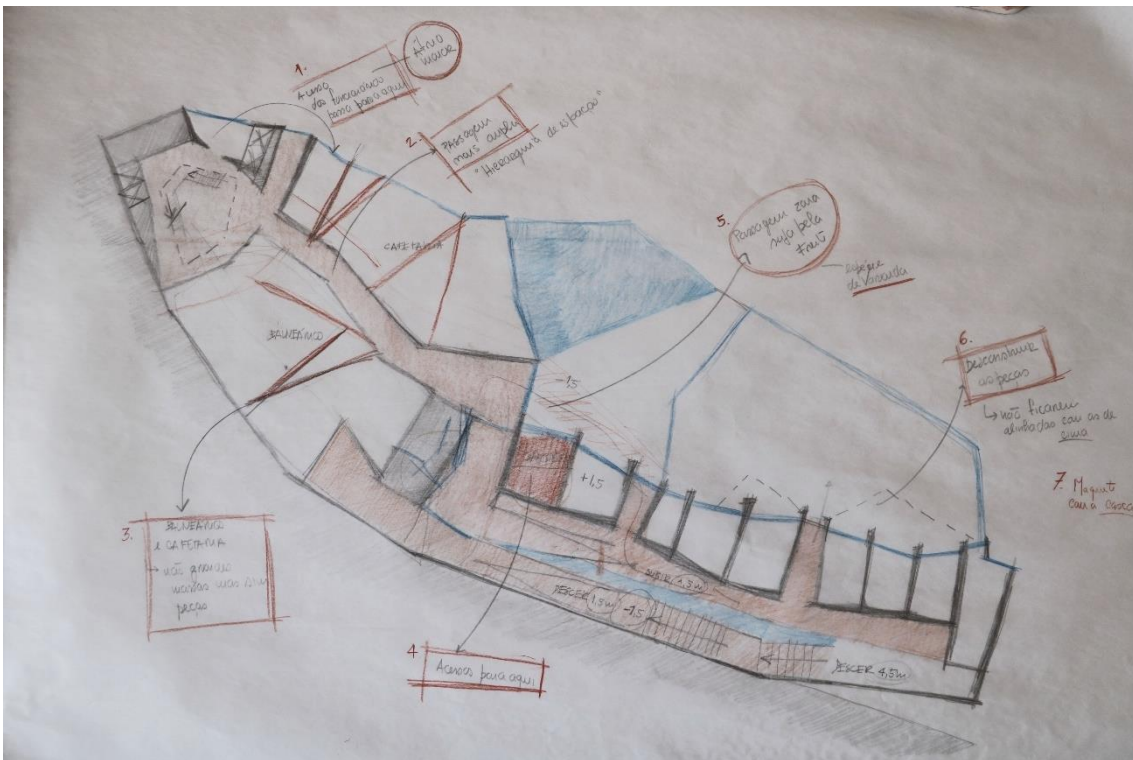
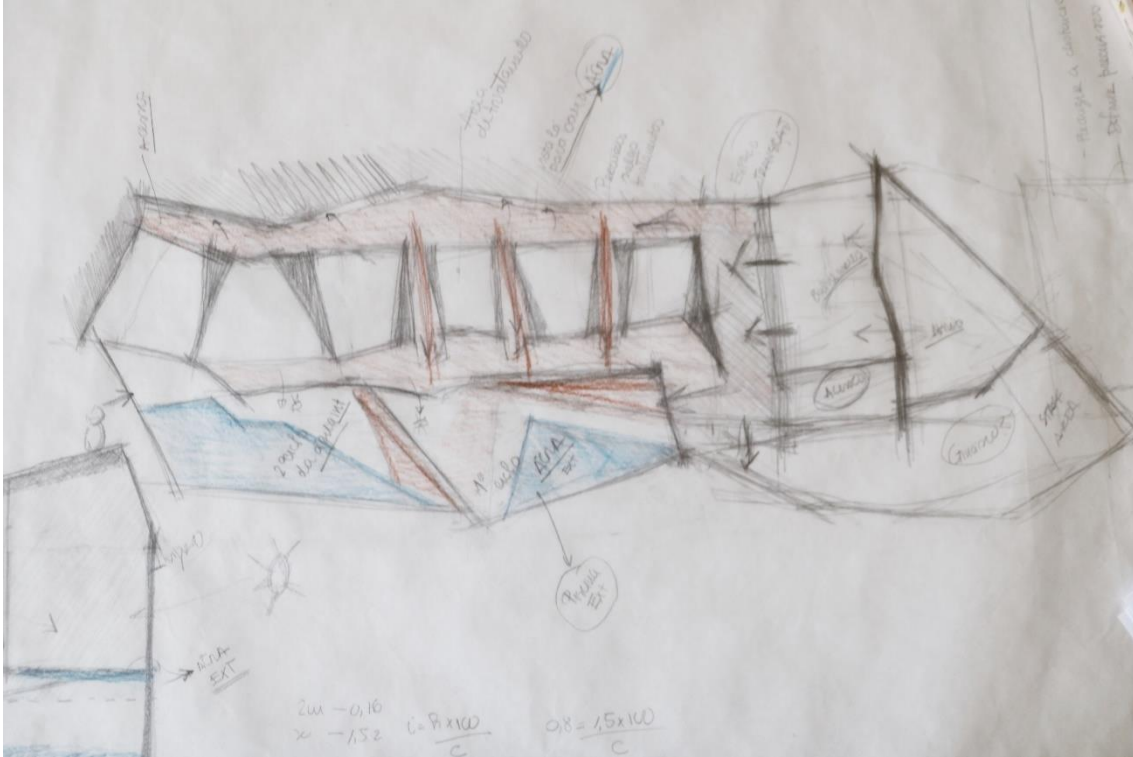
*Alçado lateral esquerdo do antigo edifício das termas*



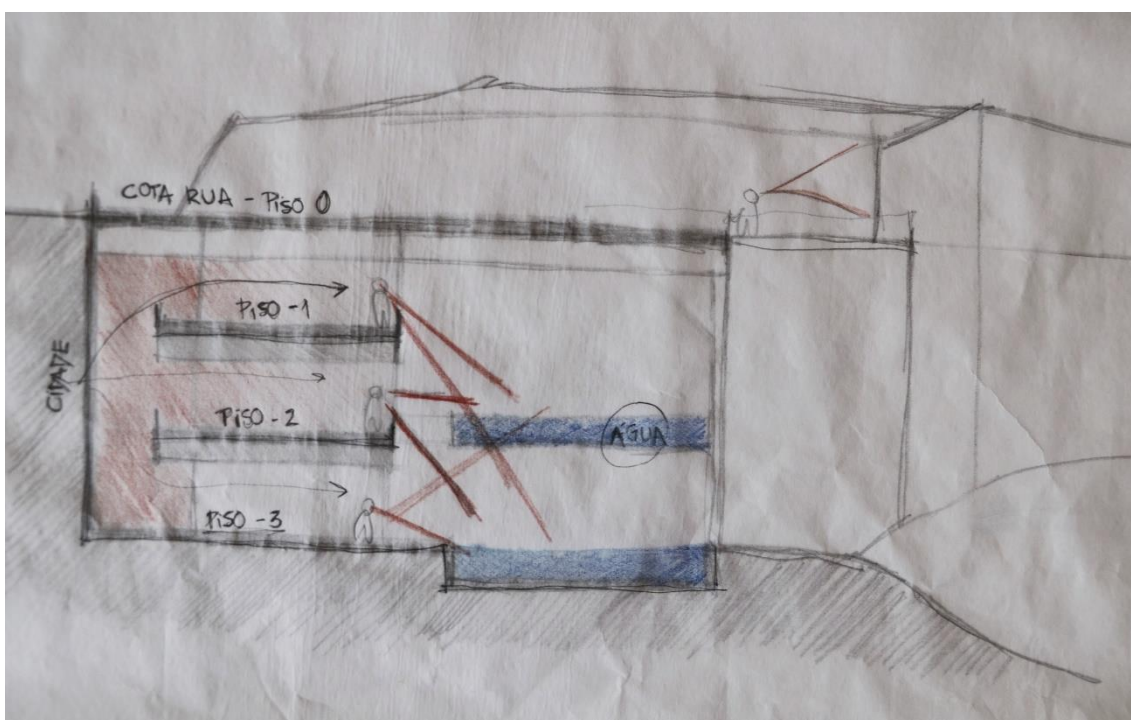
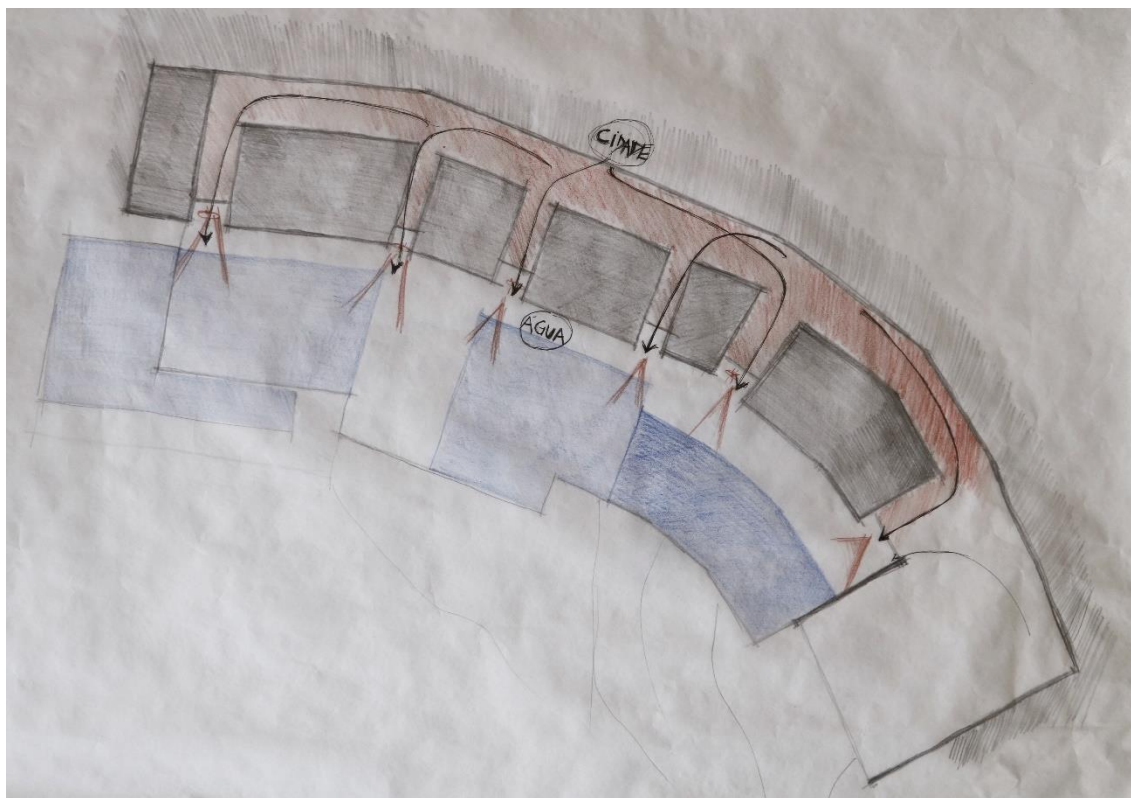
*Alçado lateral direito do antigo edifício das termas*

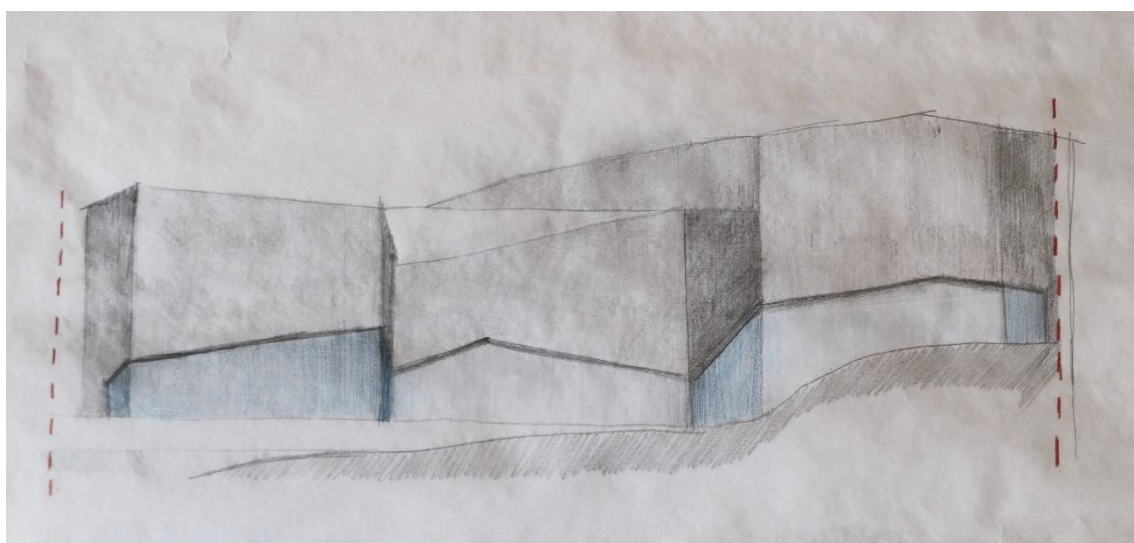
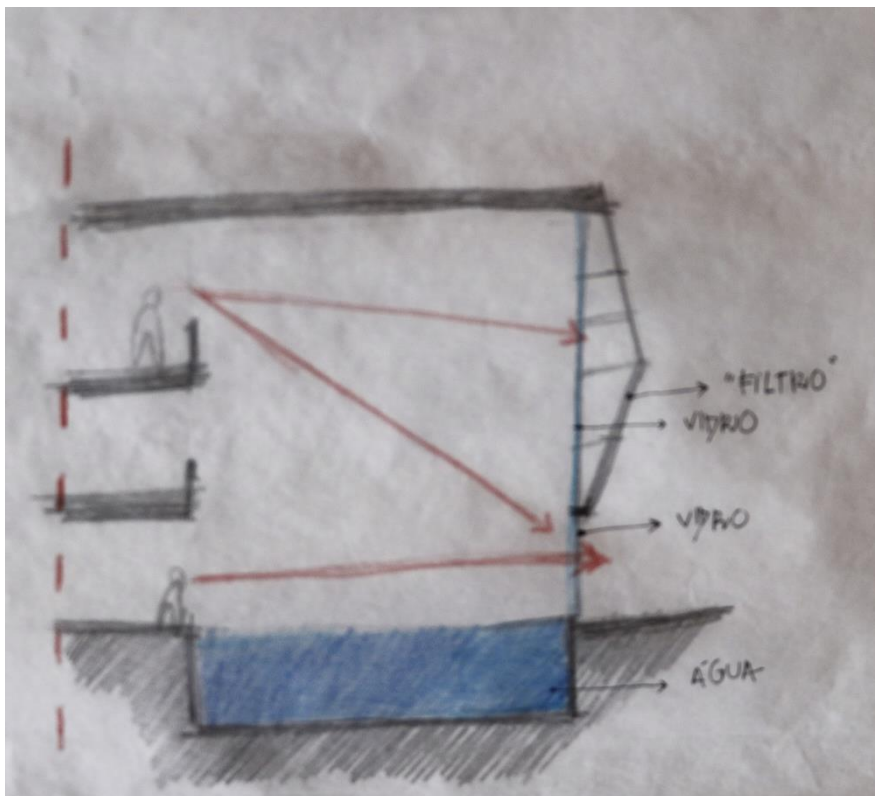
## 9.2 | ESBOÇOS



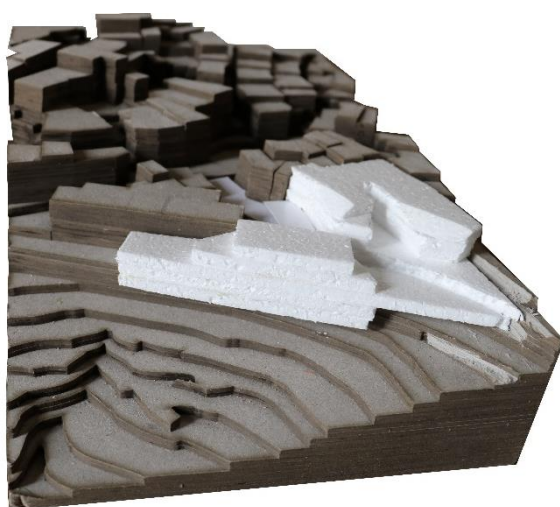








### 9.3 | MODELOS

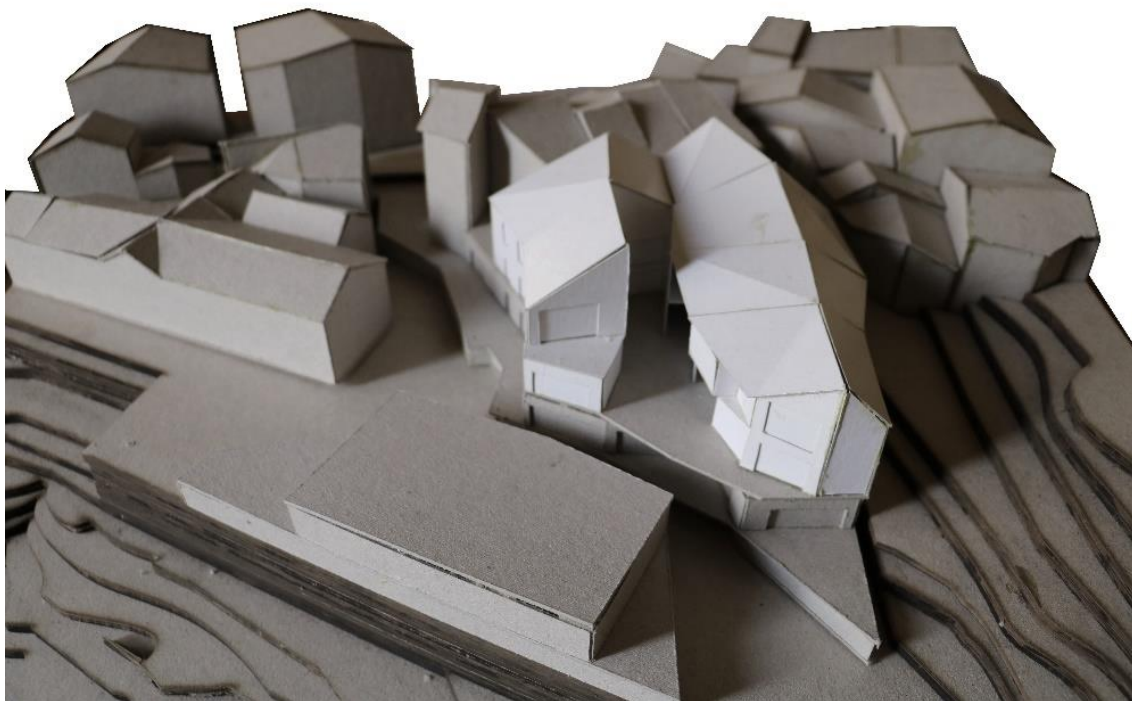


*Modelo de estudo | escala 1:500*

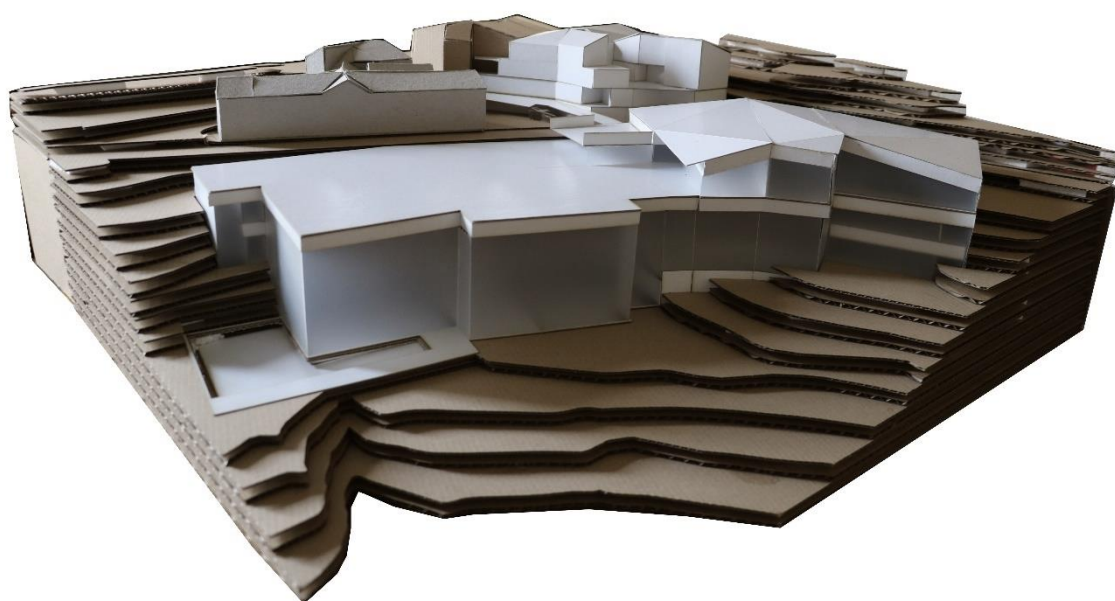
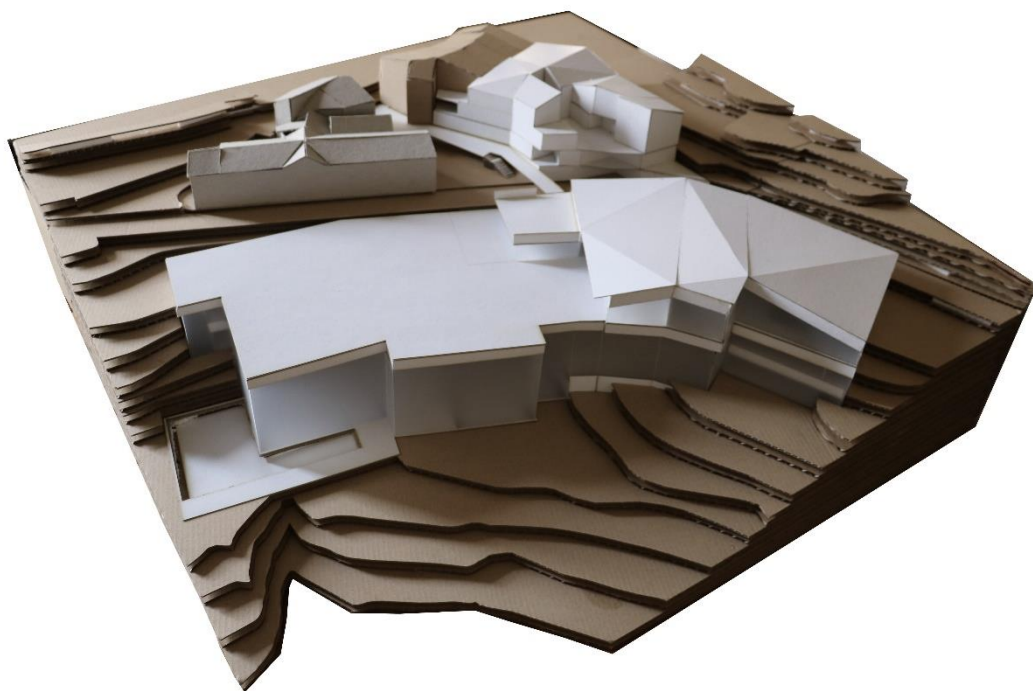


*Modelo de estudo | escala 1:200*

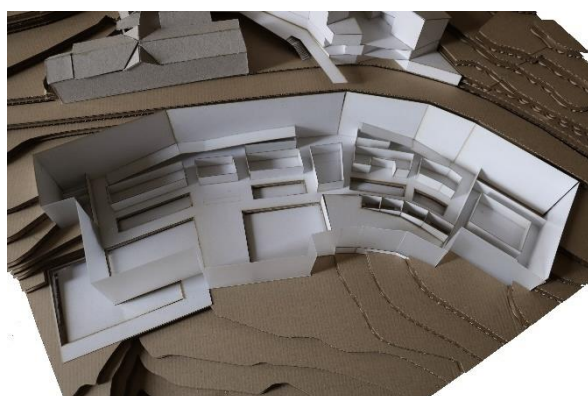
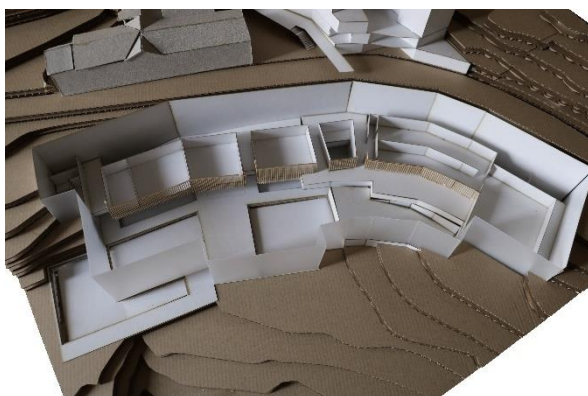
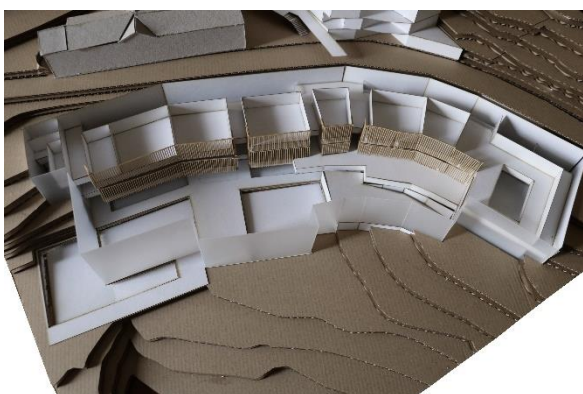
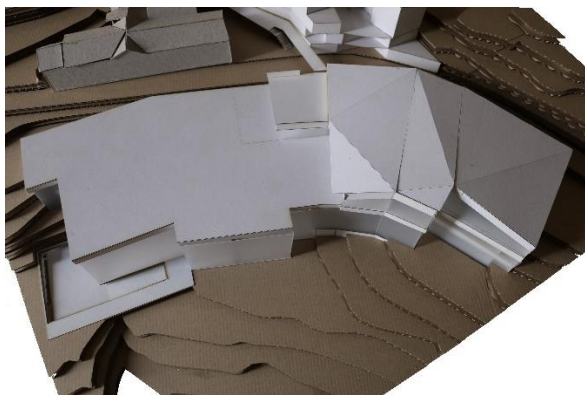




*Modelo de estudo | escala 1:200*

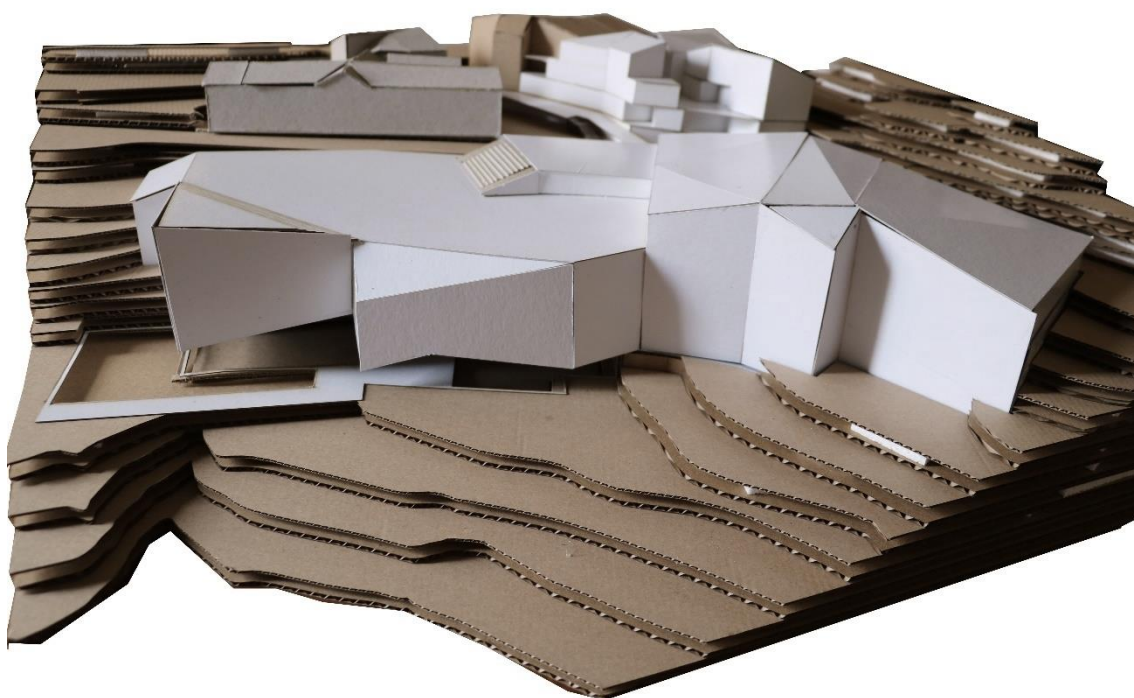
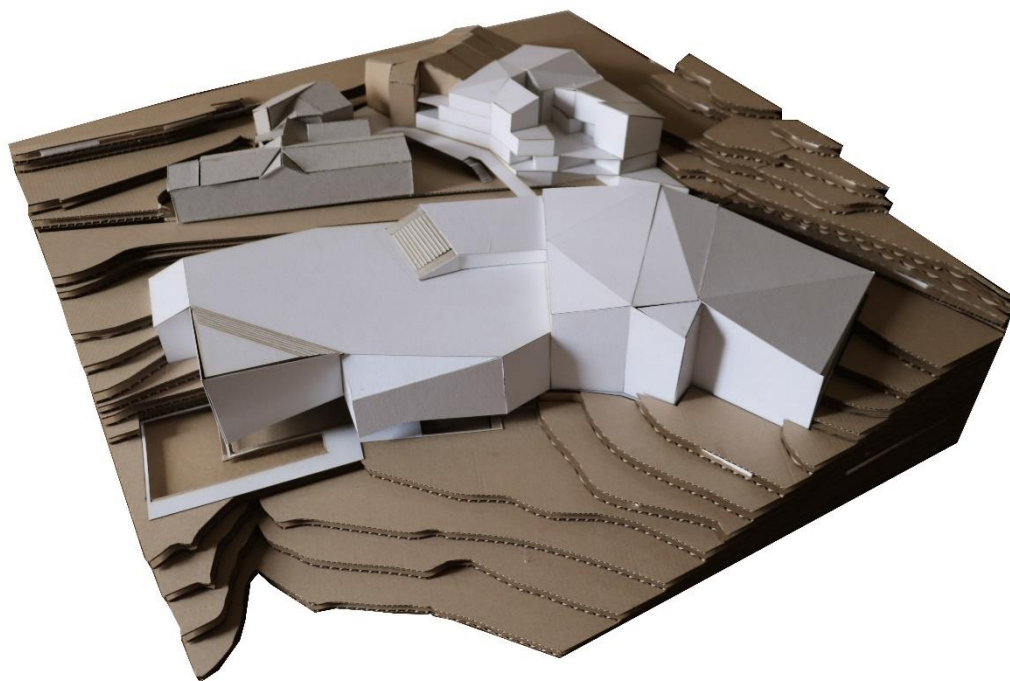


*Modelo de estudo | escala 1:200*

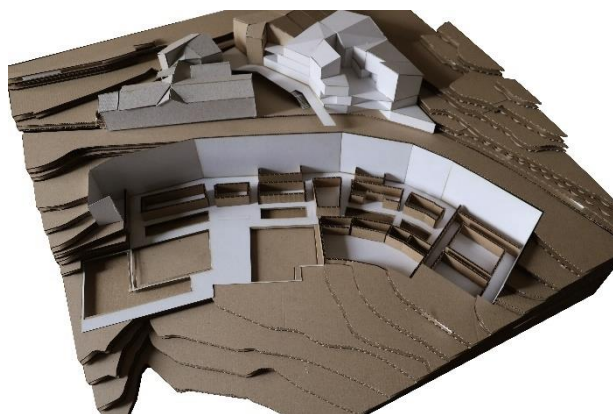
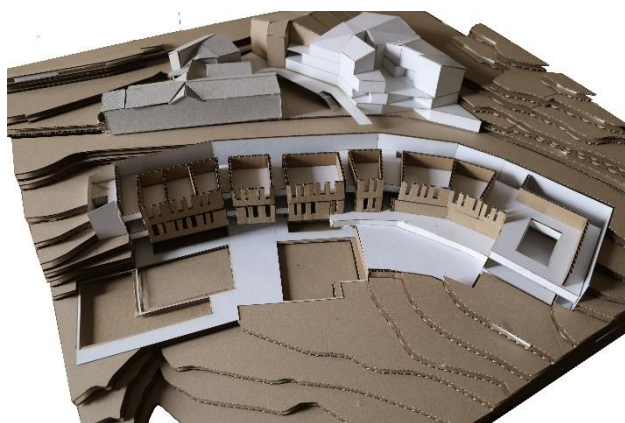
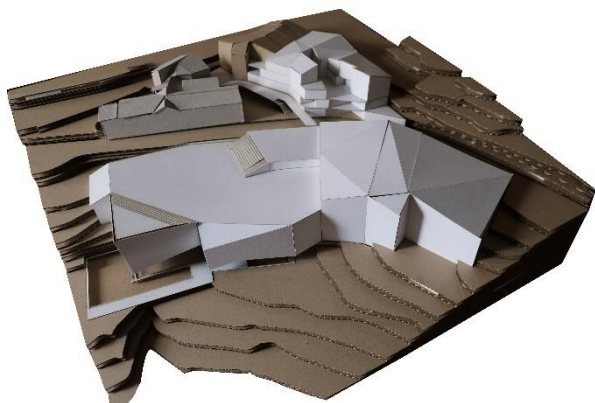


*Modelo de estudo / escala 1:200*



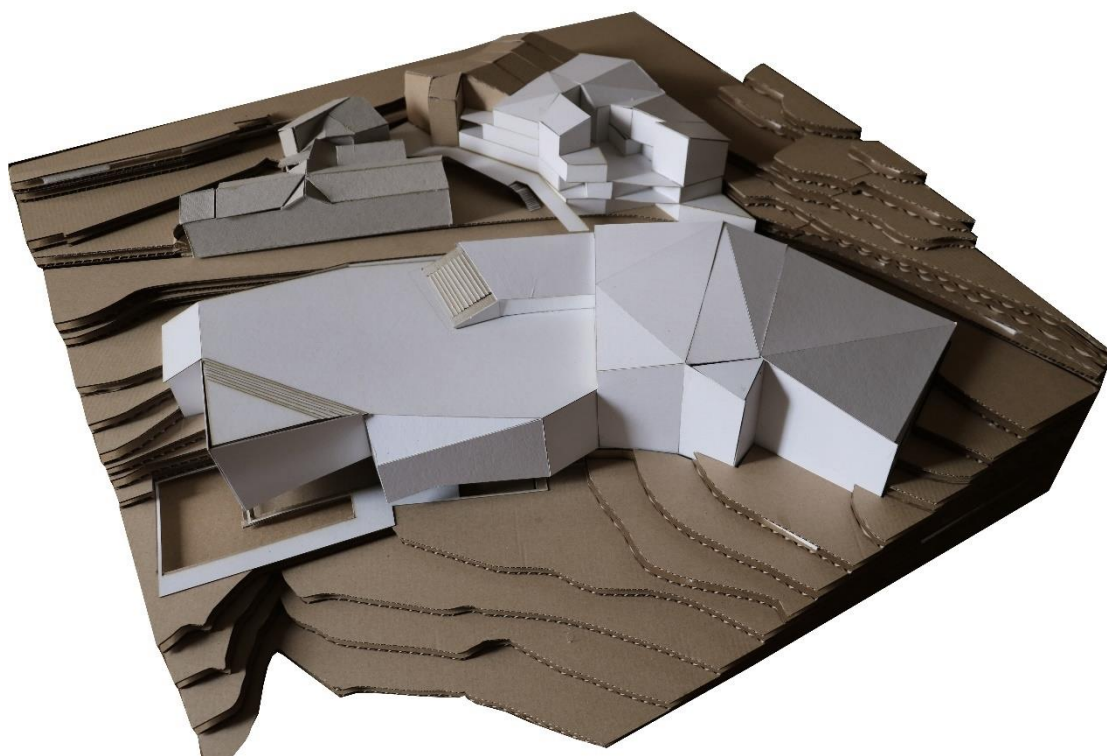


*Modelo de estudo | escala 1:200*



*Modelo de estudo | escala 1:200*





*Modelo de estudo | escala 1:200*

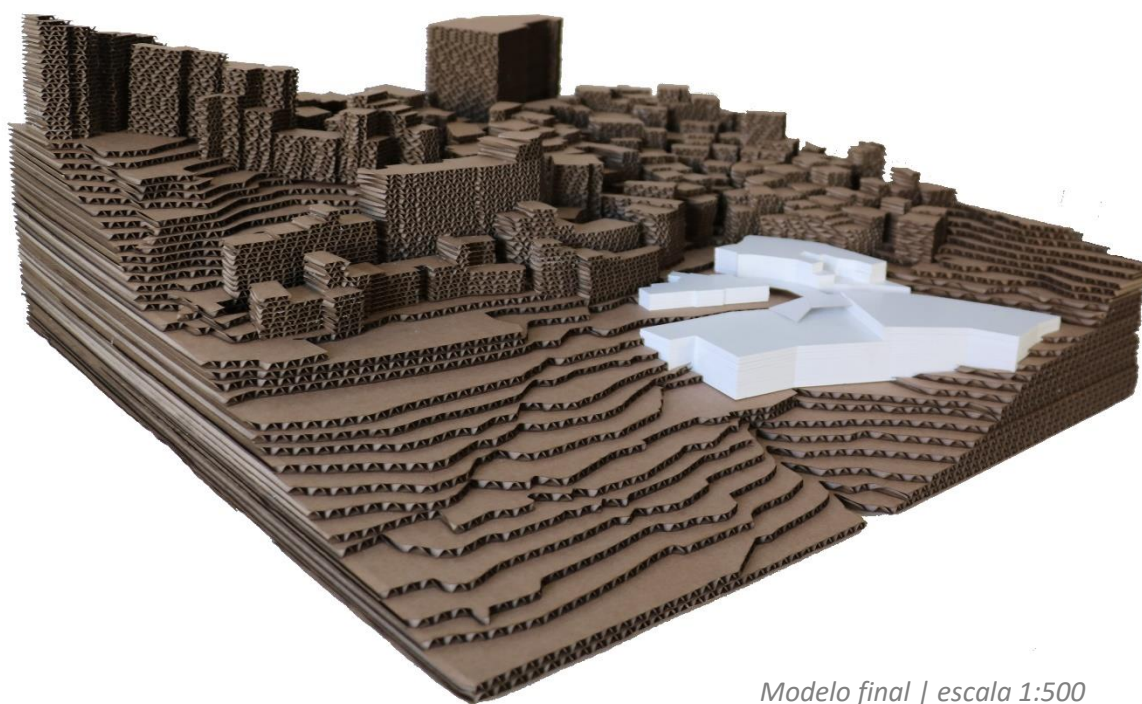
MODELOS FINAIS:



*Modelo final | escala 1:500*



*Modelo final | escala 1:500*

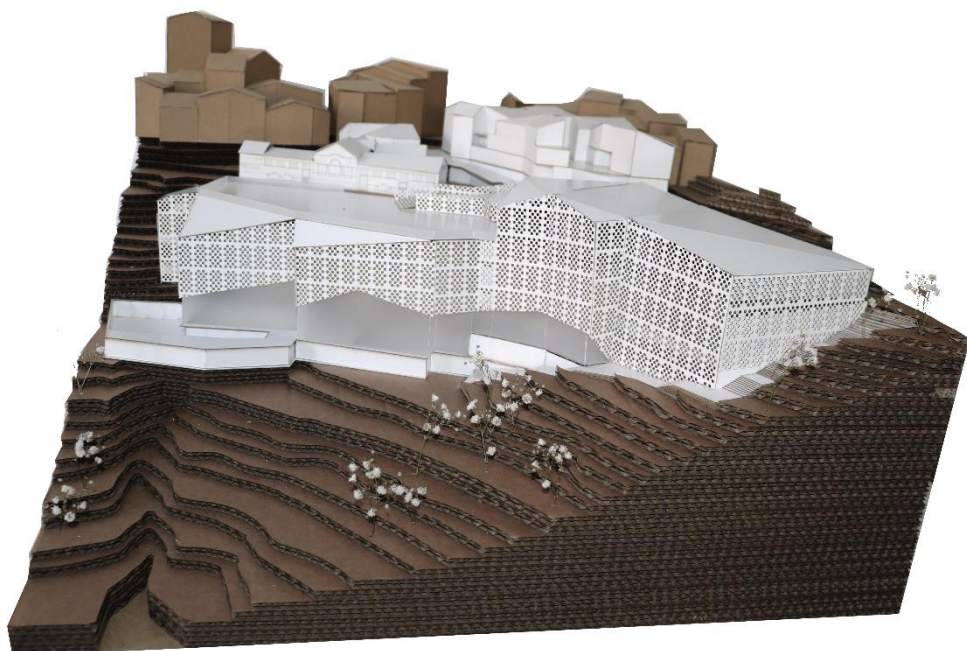


*Modelo final | escala 1:500*

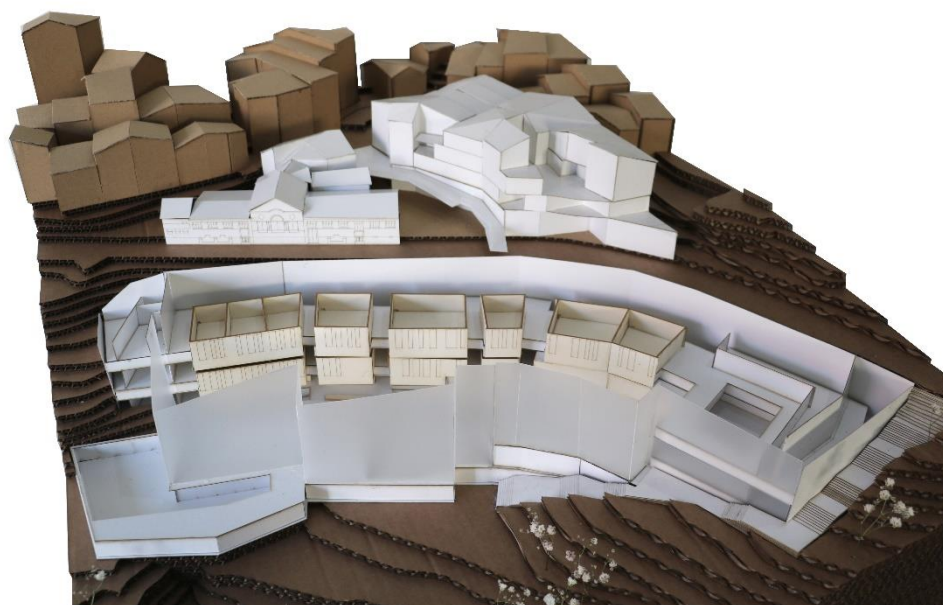




*Modelo final | escala 1:200*



*Modelo final | escala 1:200*



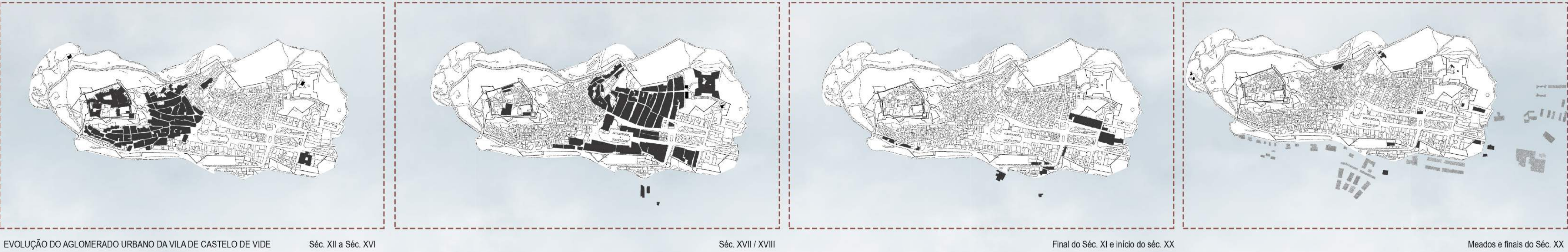
*Modelo final | escala 1:200*



*Modelo final | escala 1:200*

#### 9.4 | APRESENTAÇÃO GRÁFICA DO PROJETO FINAL



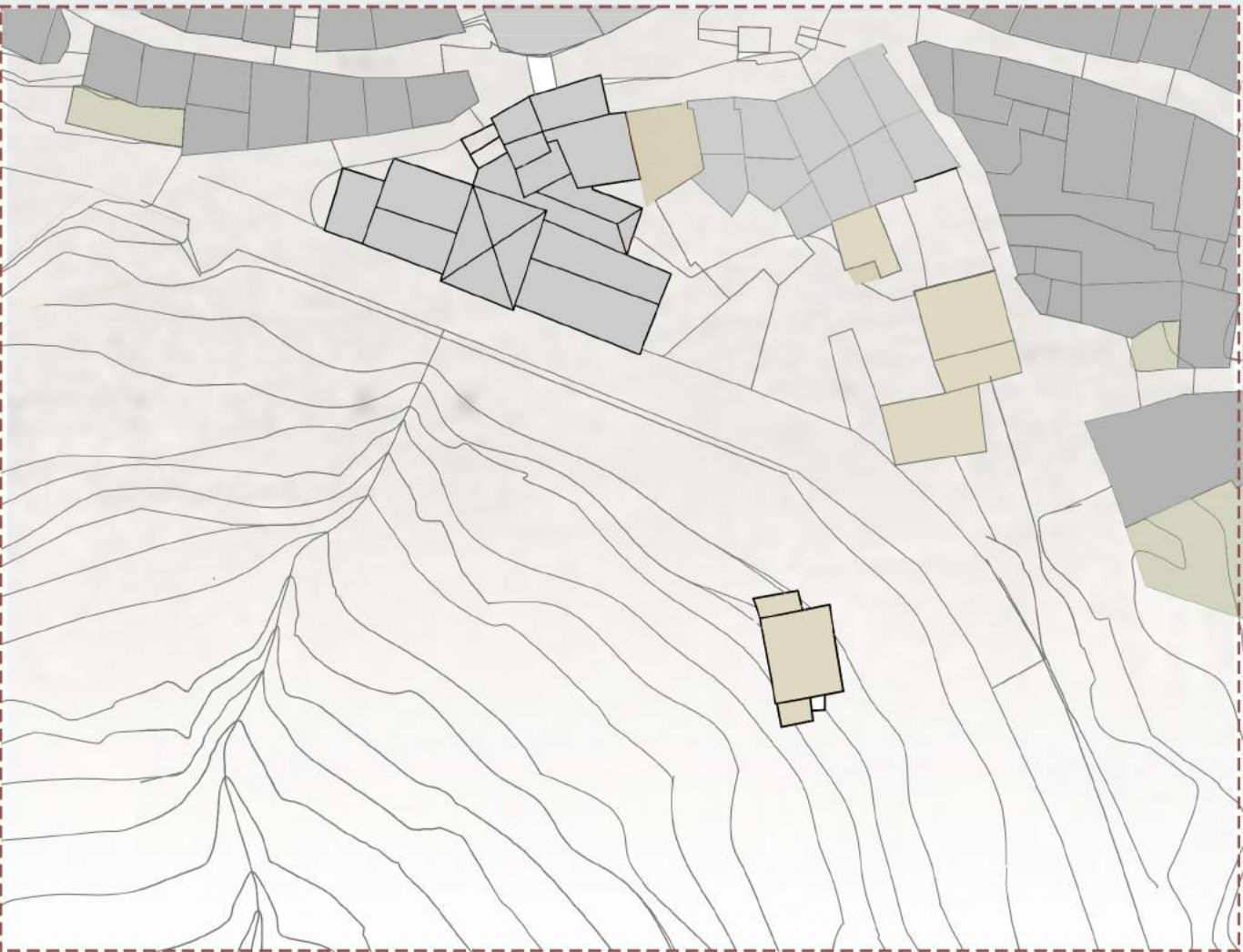


INTERPRETAÇÃO DA VILA:  
- Vias e Elementos estruturantes do tecido  
Esc: 1 : 2000

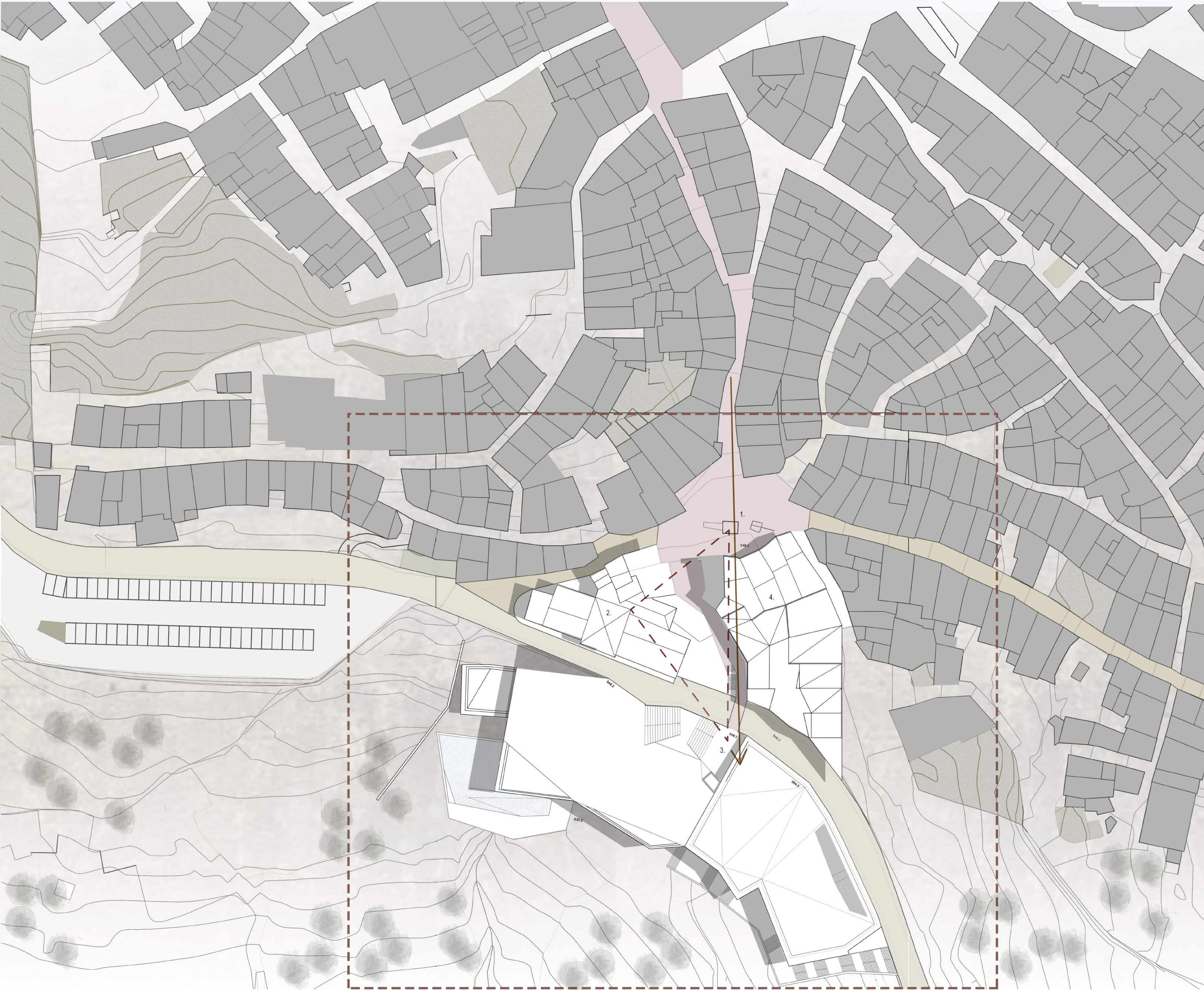
1. Porta da Vila; 2. Porta de São Pedro; 3. Postigo na Muralha Medieval; 4. Muralhas; 5. Antiga Porta de São João; 6. Porta Nova; 7. Igreja de Santiago; 8. Igreja de São João; 9. Igreja de Santa Maria da Devesa; 10. Fonte da Vila; 11. Convento de S. Francisco; 12. Porta da Devesa; 13. Porta da Aramenha; 14. Forte de S. Roque; 15. Igreja do Espírito Santo; 16. Arco de São Pedro; 17. Arco da Barreira; 18. Arco da Porta Nova; 19. Porta de Santa Catarina; 20. Torre de Menagem; 21. Torre; 22. Torre da Câmara; 23. Igreja de São Roque; 24. Igreja de Sto Amaro







ESQUEMA DE DEMOLIÇÕES/ NOVAS CONSTRUÇÕES: DEMOLIDO NOVAS CONSTRUÇÕES



EIXO DE LIGAÇÃO DESDE A IGREJA MATRIZ ATÉ AO NOVO EDIFÍCIO  
ÁREA DE INTERVENÇÃO

1. Primeiro momento da água: Fonte da Vila; 2. Segundo momento da água: edifício das termas; 3. Terceiro momento da água: Proposta de reinvenção do Termalismo - SPA; 4. Unidade Hoteleira

PLANTA DE IMPLANTAÇÃO | 1:500



Enquadramento da Fonte da Vila e do Castelo



Fonte da Vila e as casas de estudo



Enquadramento das Termas e do Castelo



Enquadramento das Termas no aglomerado urbano



PLANTA PISO 2 HOTEL:  
- QUARTOS

PLANTA PISO 1 HOTEL:  
- QUARTOS

PLANTA PISO 0 HOTEL:  
- RECEPÇÃO  
- BAR  
- BIBLIOTECA  
- RESTAURANTE

PLANTA PISO 0 DO MUSEU DAS TERMAS  
- ESPAÇO EXPOSITIVO  
- AUDITÓRIO  
- CENTRO DE ESTUDOS

ACESSO PARA O ESPAÇO DE CONVÍVIO EXTERIOR DO SPA

PLANTA PISO -1 HOTEL:  
- ZONA TÉCNICA E DE FUNCIONÁRIOS

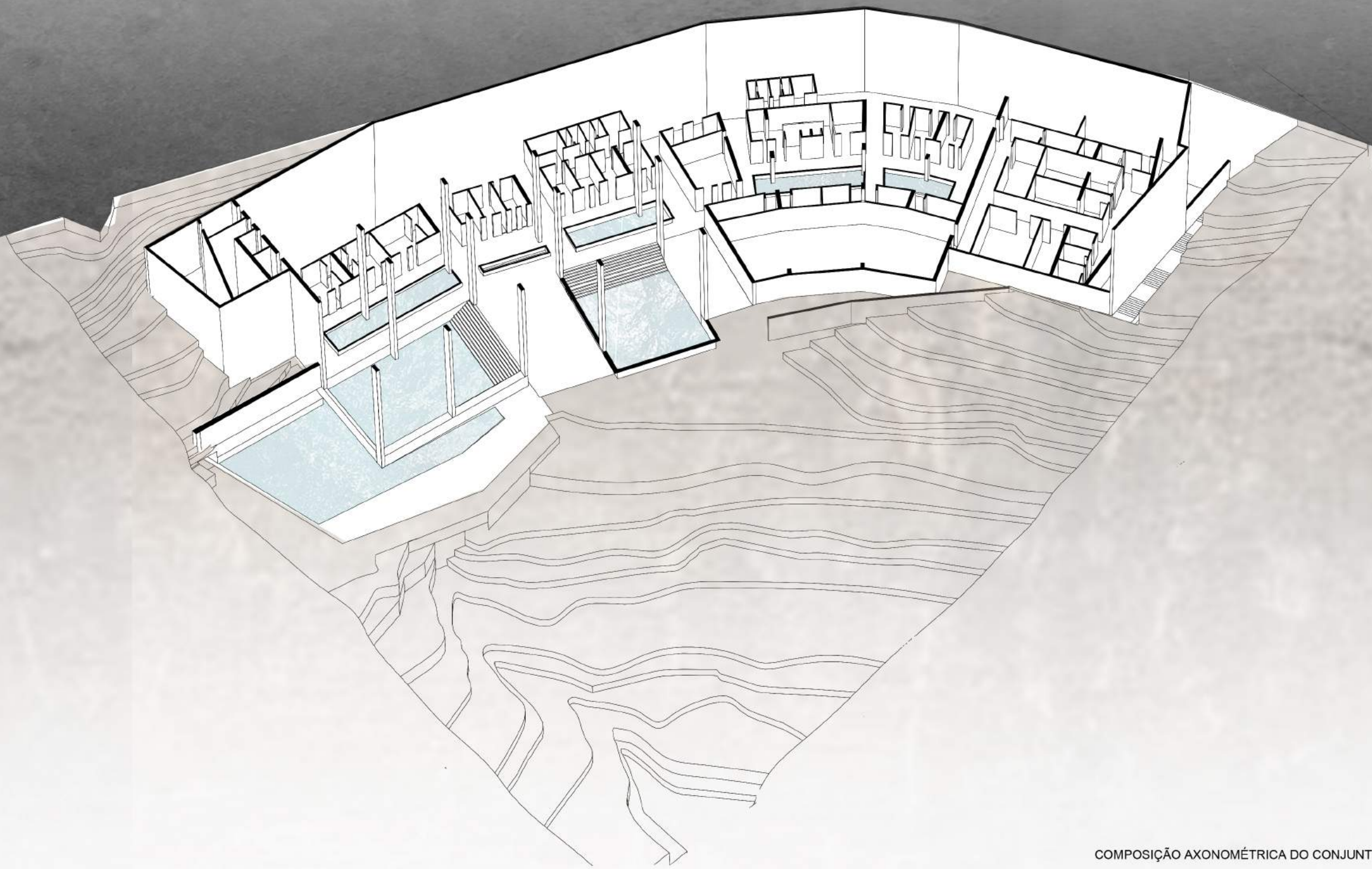
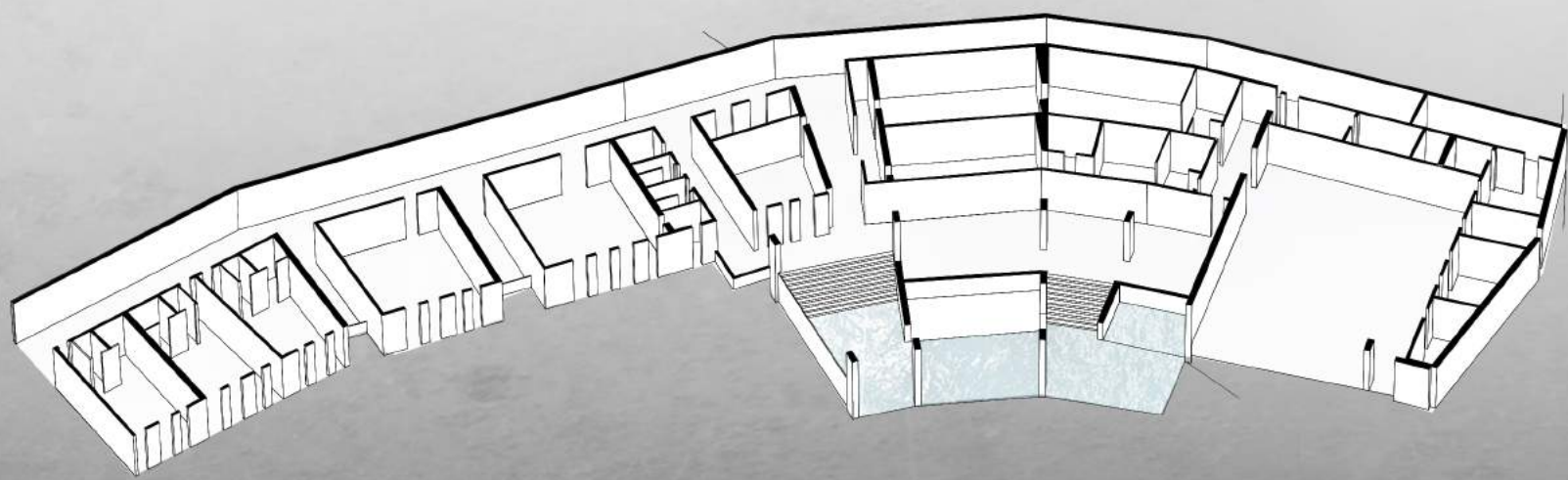
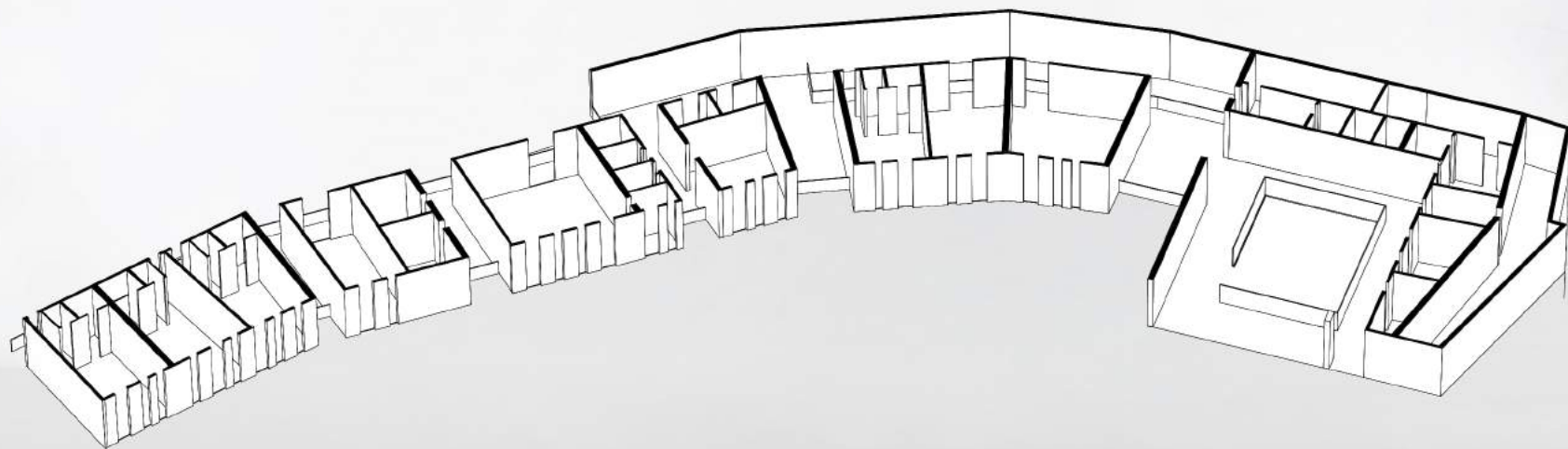
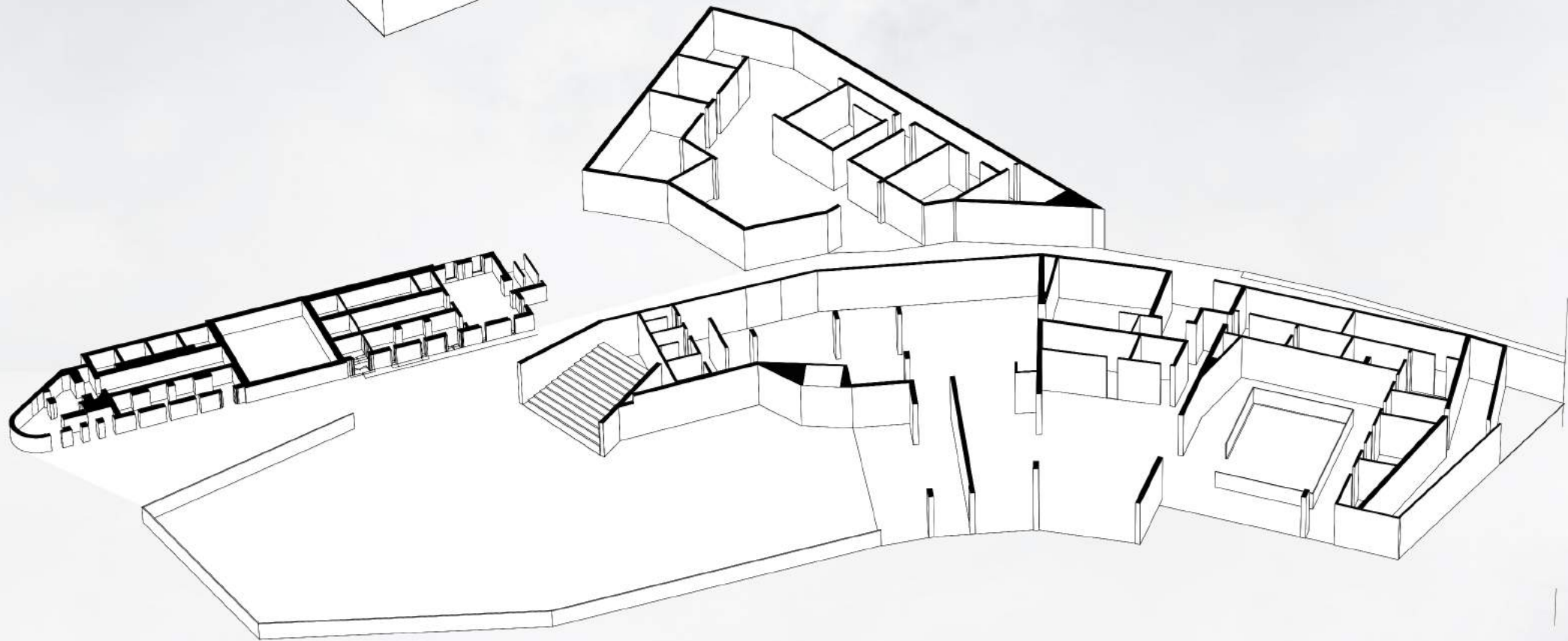
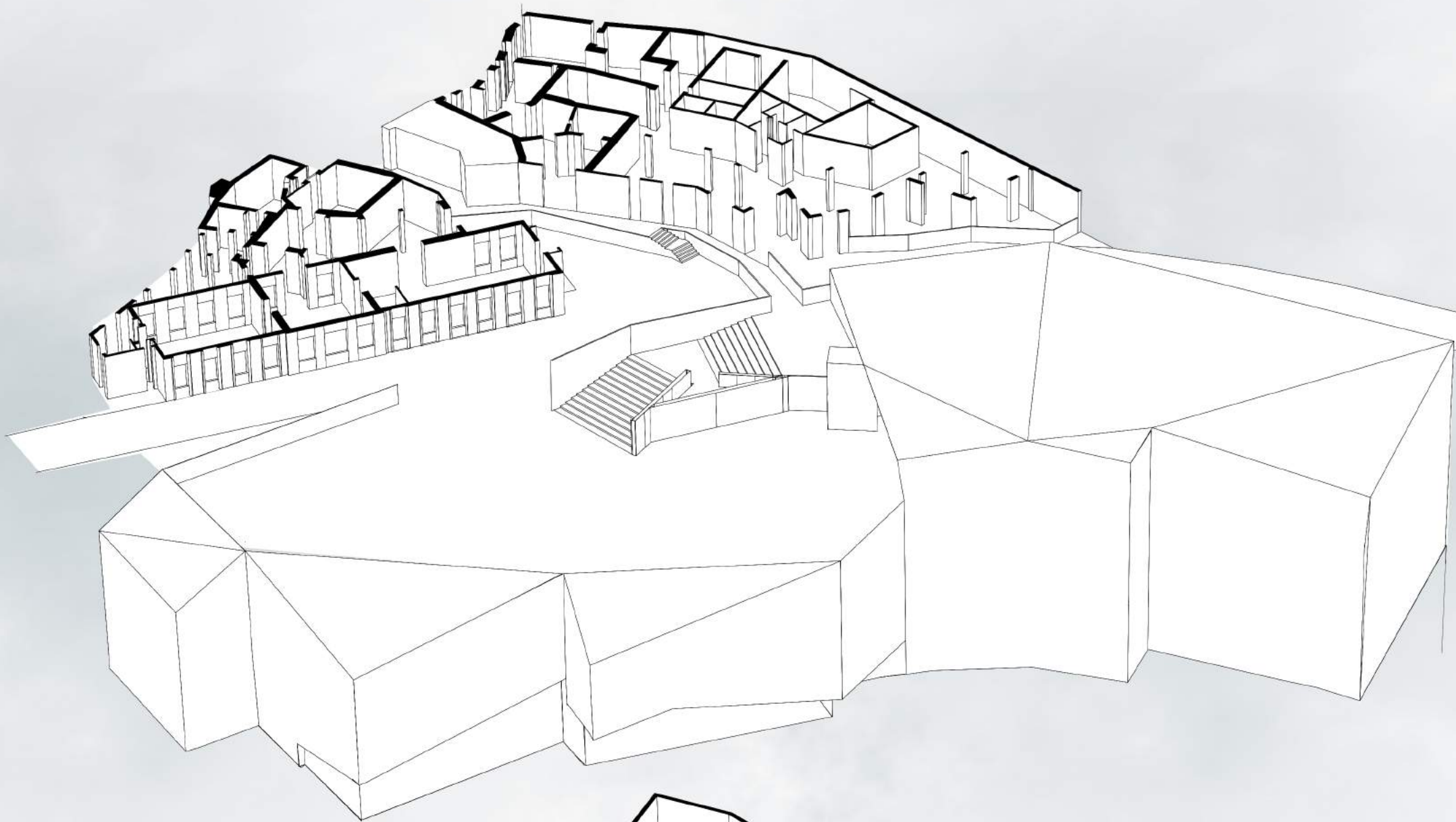
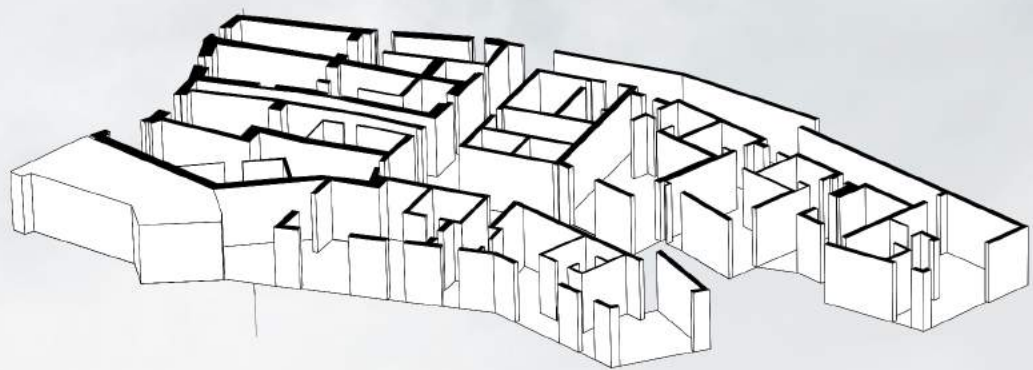
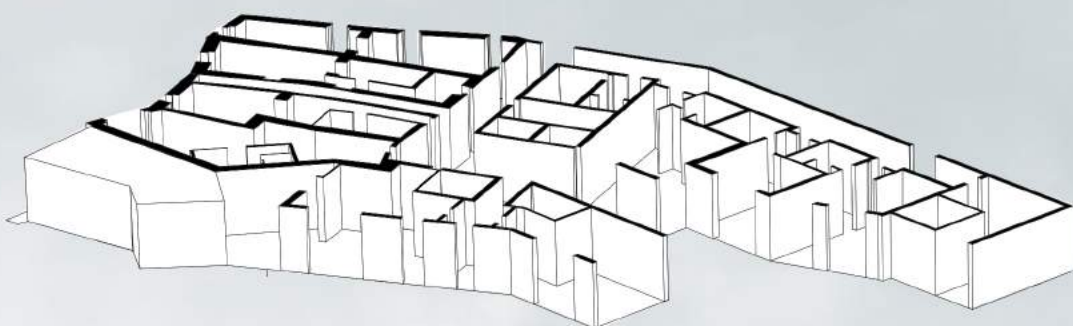
PLANTA PISO -1 DO MUSEU DAS TERMAS  
- ESPAÇO ADMINISTRATIVO  
- ZONA TÉCNICA

PLANTA PISO 0 DO SPA  
- RESTAURANTE  
- RECEPÇÃO

PLANTA PISO -1 SPA:  
- ZONA DE BEM-ESTAR ESTÉTICO  
- CENTRO MÉDICO

PLANTA PISO -2 SPA:  
- ZONA DE BEM-ESTAR FÍSICO (Ginário, salas de aulas, piscina de recuperação)

PLANTA PISO -3 SPA:  
- ZONA DE CONTACTO DIRETO COM A ÁGUA  
- SALAS DE MASSAGENS  
- BANHO VICHY  
- SAUNA  
- BANHOS SENSORIAIS

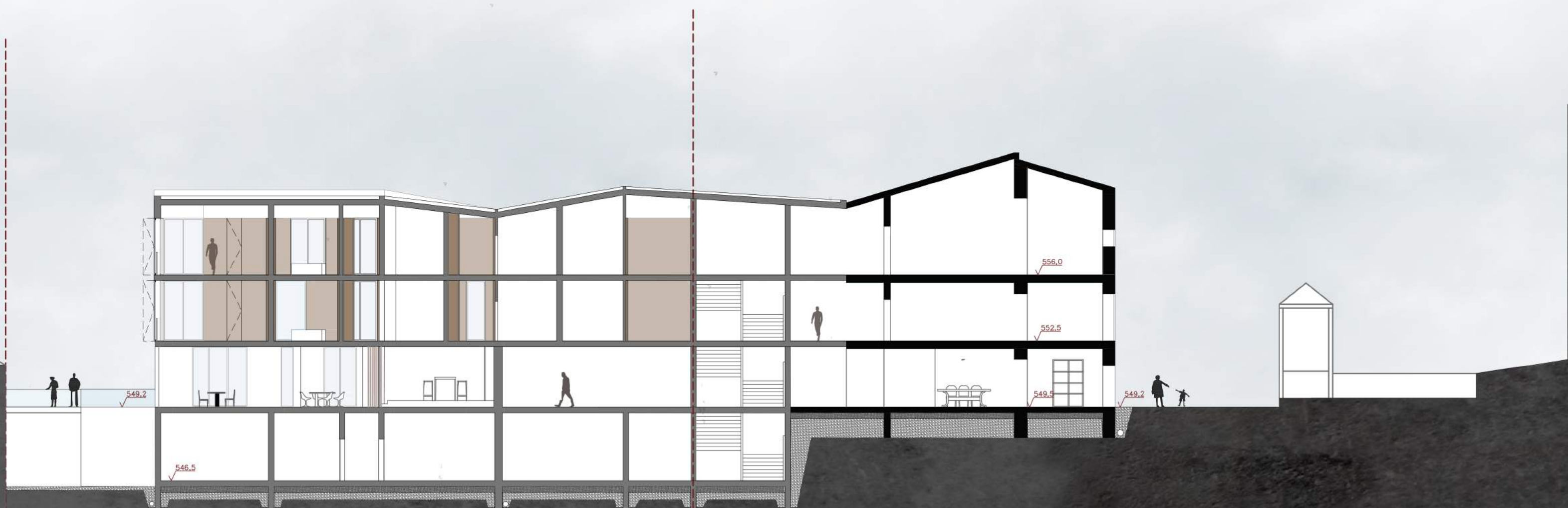


COMPOSIÇÃO AXONOMÉTRICA DO CONJUNTO PROPOSTO



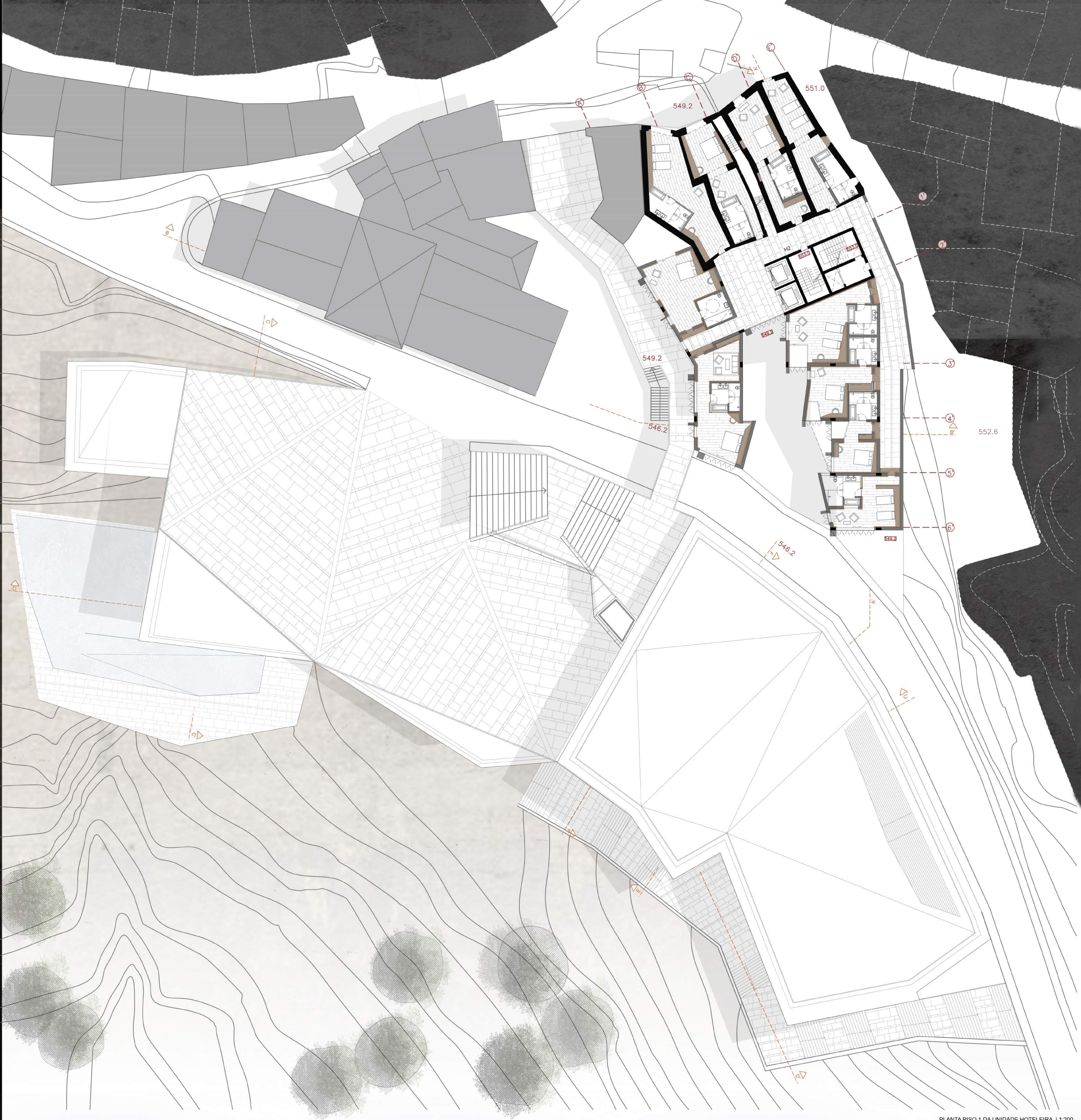


PLANTA PISO 2 DA UNIDADE HOTELEIRA | 1:200  
Legenda:  
H (Hotel) : H1 - Quartos



CORTE AA' UNIDADE HOTELEIRA | 1:200





PLANTA PISO 1 DA UNIDADE HOTELEIRA | 1:200  
Legenda:  
H (Hotel) ; H2 - Quartos



CORTE BB' UNIDADE HOTELEIRA | 1:200





PLANTA PISO 0 DA UNIDADE HOTELEIRA E DO MUSEU | 1:200

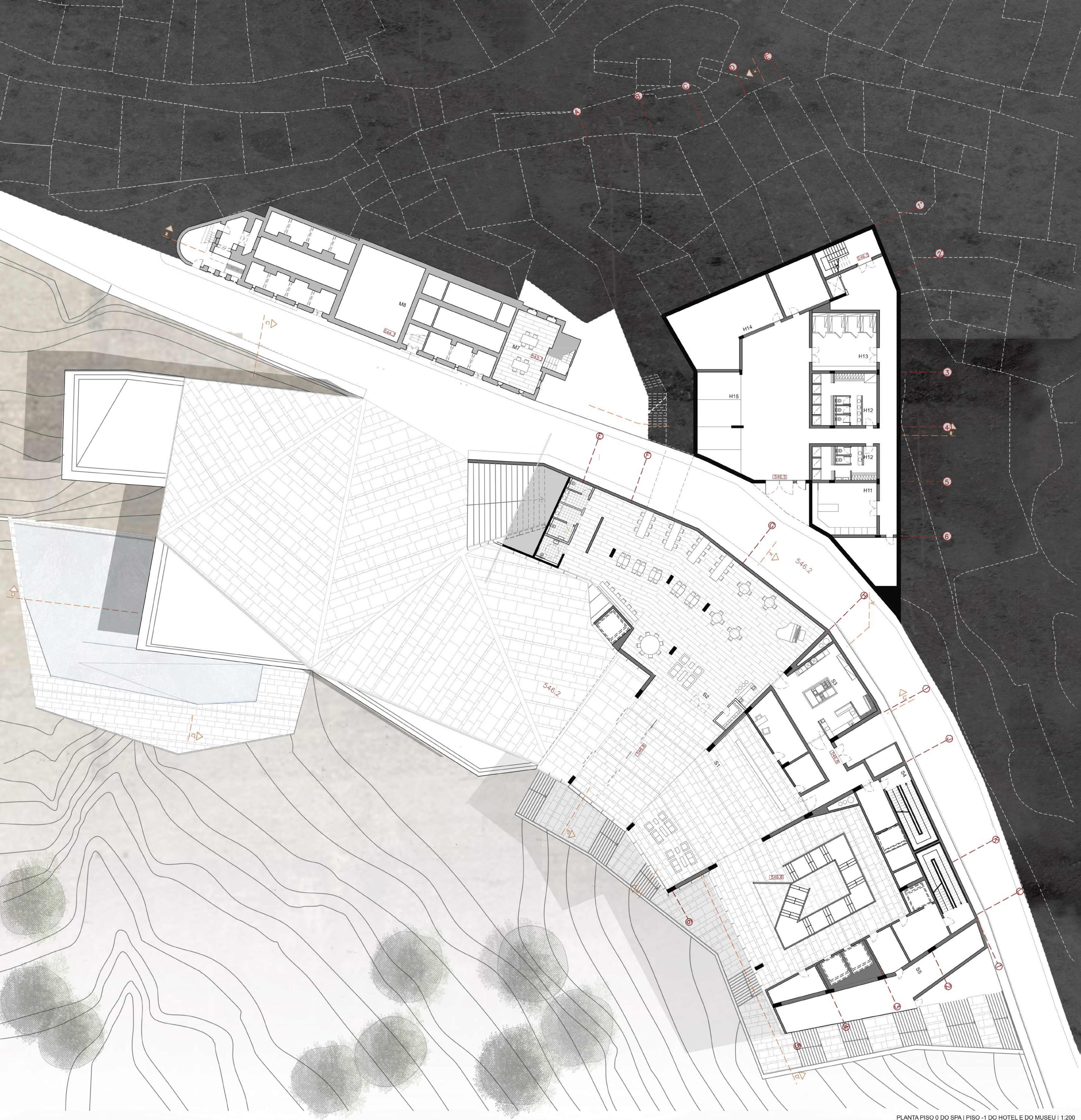
Legenda:

H (Hotel): H3 - Recepção; H4 - Zona de Leitura; H5 - Administração; H6 - Bar;  
H7 - Restaurante; H8 - L.S. - Cozinha; H9 - Acesso para funcionários  
M (Museu): M1 - Recepção e Bengaleiro; M2 - Centro de estudos; M3 - Sala  
de exposições permanentes; M4 - Auditório; M5 - Sala de exposições  
temporárias; M6 - L.S.



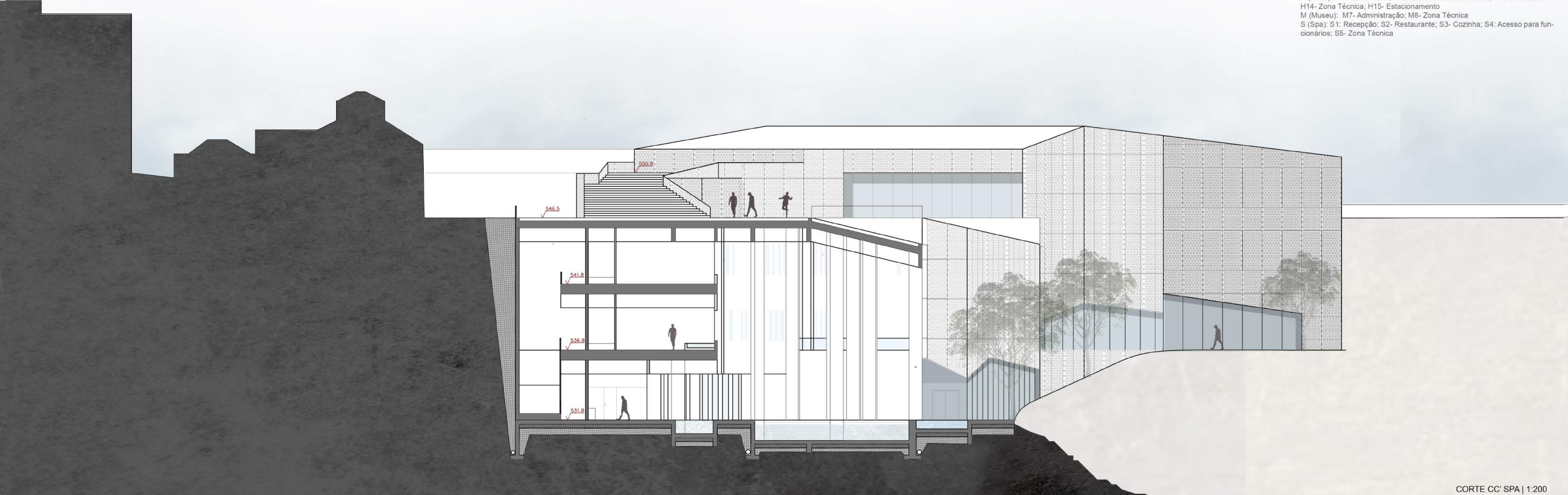
ALÇADO PRINCIPAL UNIDADE HOTELEIRA | 1:200





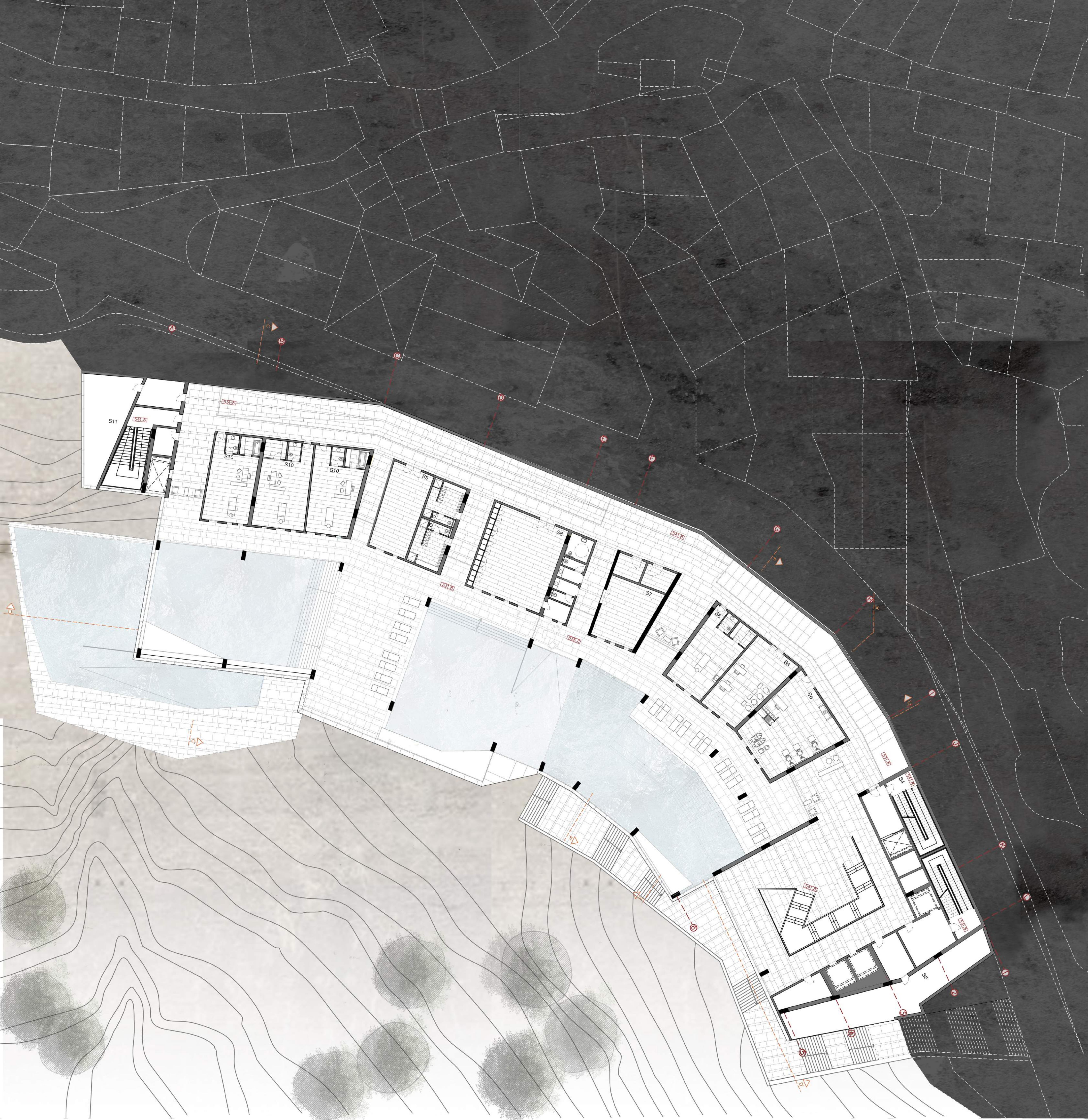
PLANTA PISO 0 DO SPA | PISO -1 DO HOTEL E DO MUSEU | 1:200

Legenda:  
H (Hotel): H11- Lavandaria; H12- Banheiros funcionários; H13- Armazém;  
H14- Zona Técnica; H15- Estacionamento  
M (Museu): M7- Administração; M6- Zona Técnica  
S (Spa): S1- Recepção; S2- Restaurante; S3- Cozinha; S4- Acesso para funcionários; SS- Zona Técnica



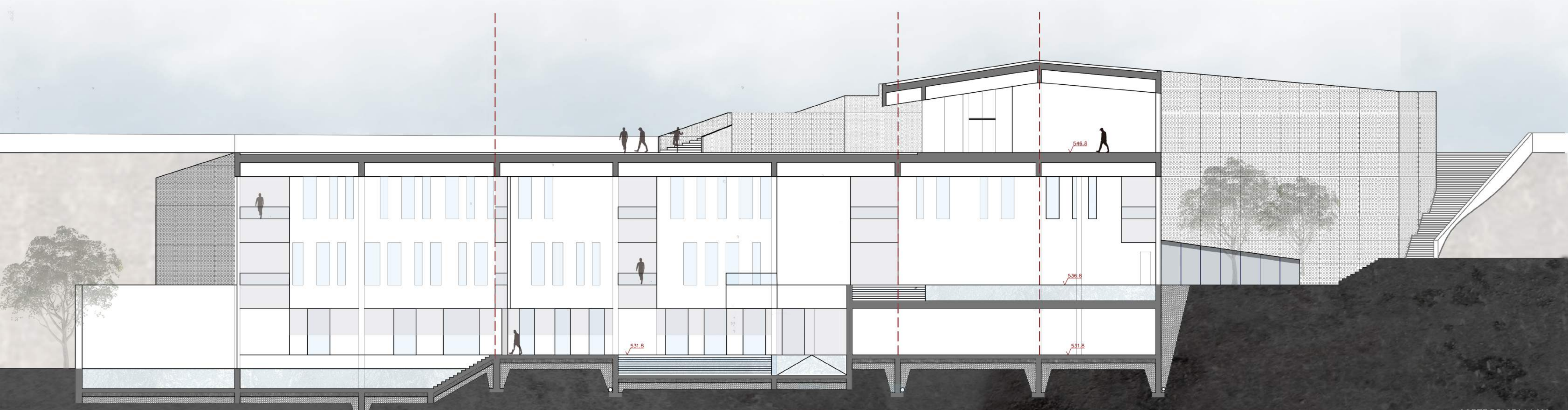
CORTE CC SPA | 1:200





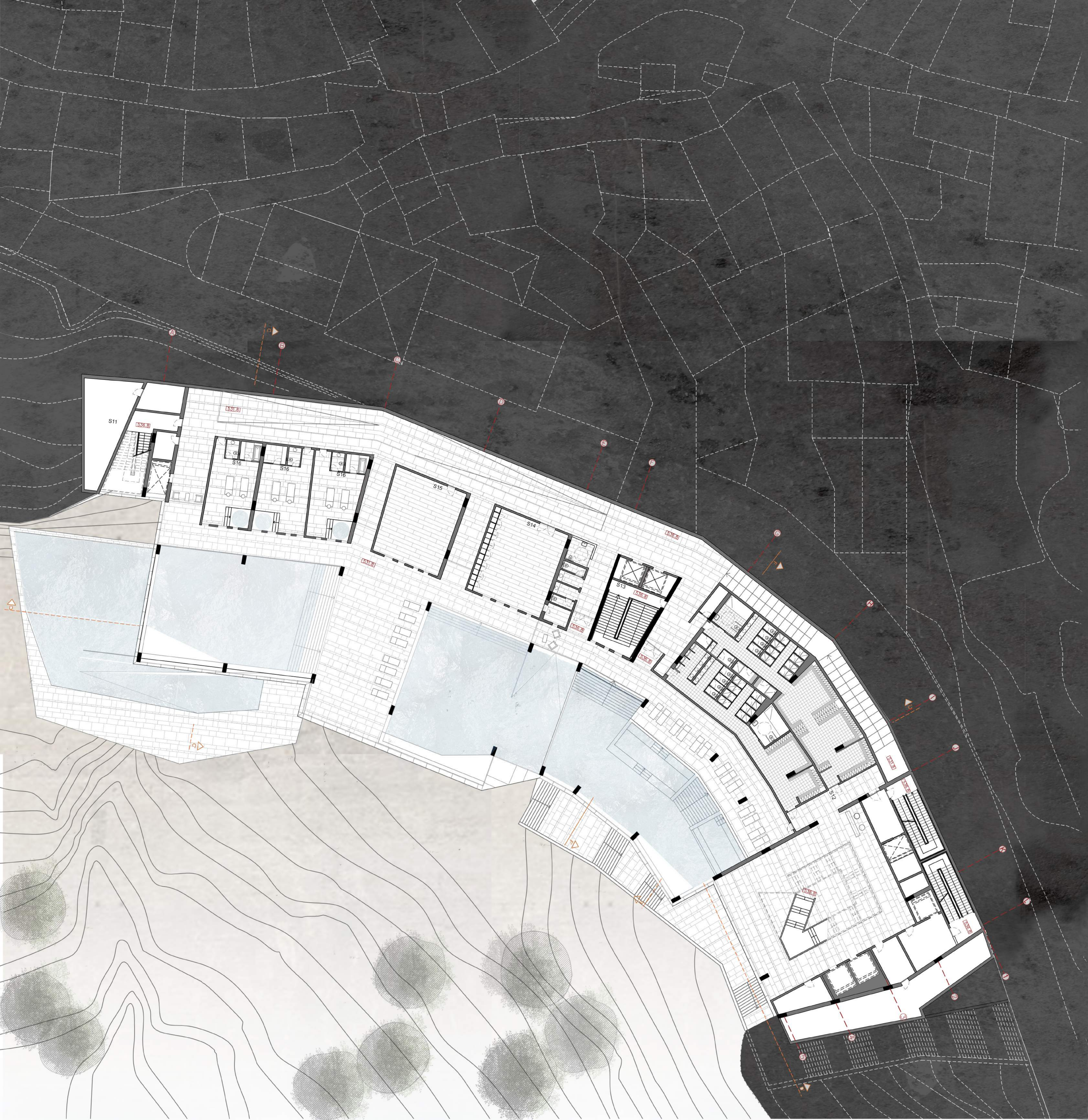
PLANTA PISO -1 SPA | 1:200

Legenda:  
S (Spa): S6- Gabinetes de Estética; S7- Sala Polivalente; S8- Sala de Recuperação;  
S9- Sala de Fisioterapia; S10- Gabinetes médicos; S11- Zona Técnica



CORTE DD' SPA | 1:200





Legenda:  
S (Spa); S12- Banheiros Fem. e Masc; S13-Acessos; S14- Sala para aulas de Grupo; S15- Ginásio; S16- Gabinetes de Massagem para casal

PLANTA PISO-2 SPA | 1:200

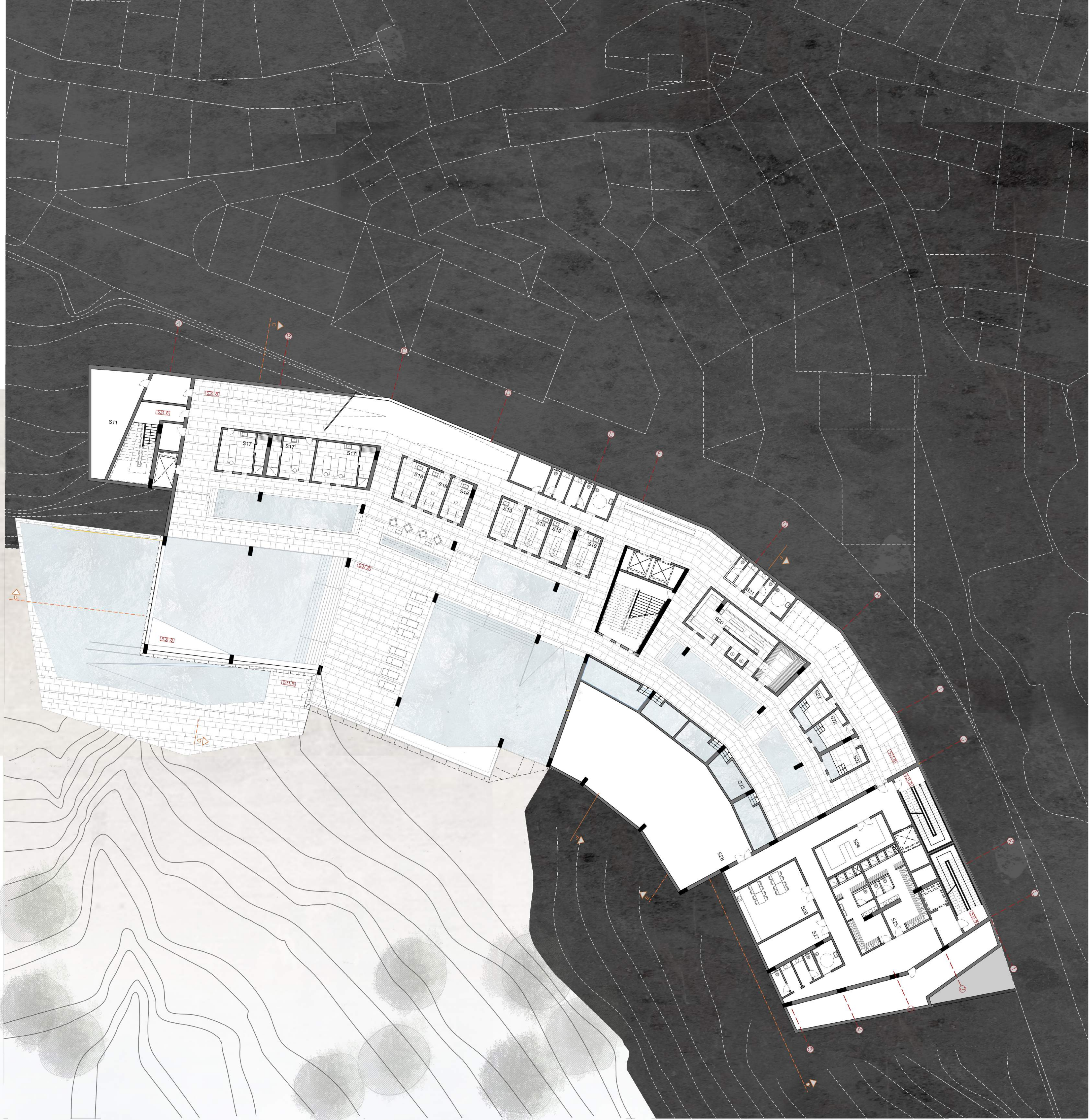


CORTE EE' SPA | 1:200

A MEMÓRIA DA ÁGUA NA (RE) INVENÇÃO DE UM TERMALISMO PATRIMONIAL

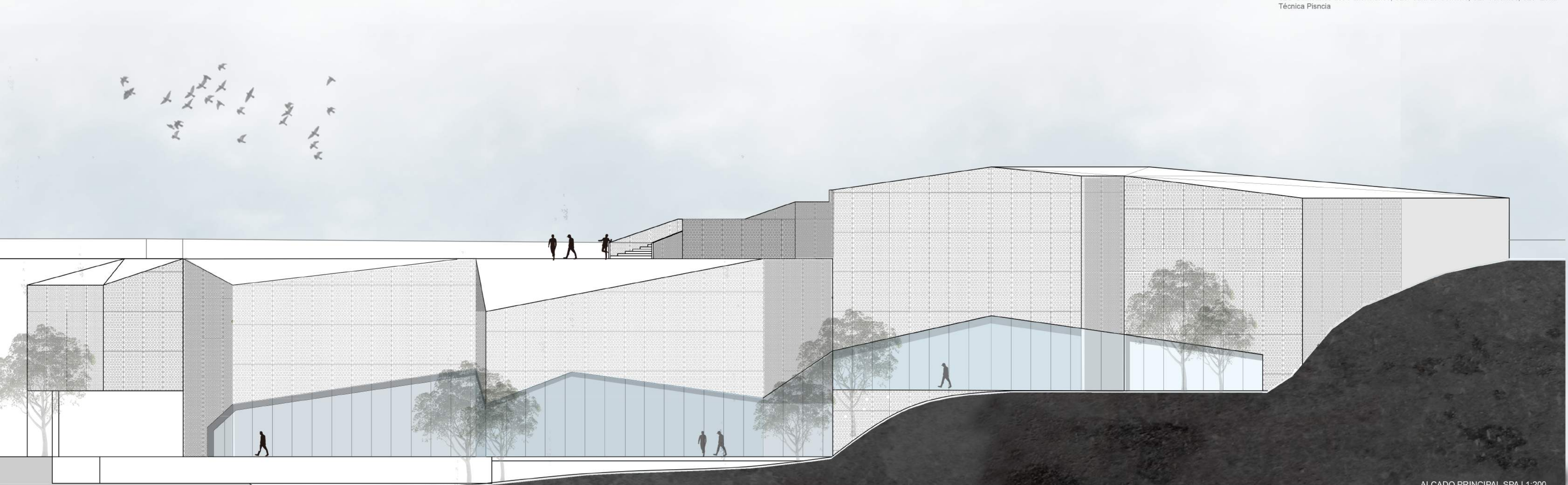
PROPOSTA DE REVITALIZAÇÃO DO COMPLEXO TERMAL DE CASTELO DE VIDE  
MAFALDA MARGARIDO GRILO | 20130366 | PROJETO FINAL DE MESTRADO | UL - FACULDADE DE ARQUITETURA  
ORIENTAÇÃO: DOUTORA ARQ. ANA MARTA FELICIANO E DOUTOR ARQ. ANTÓNIO LEITE





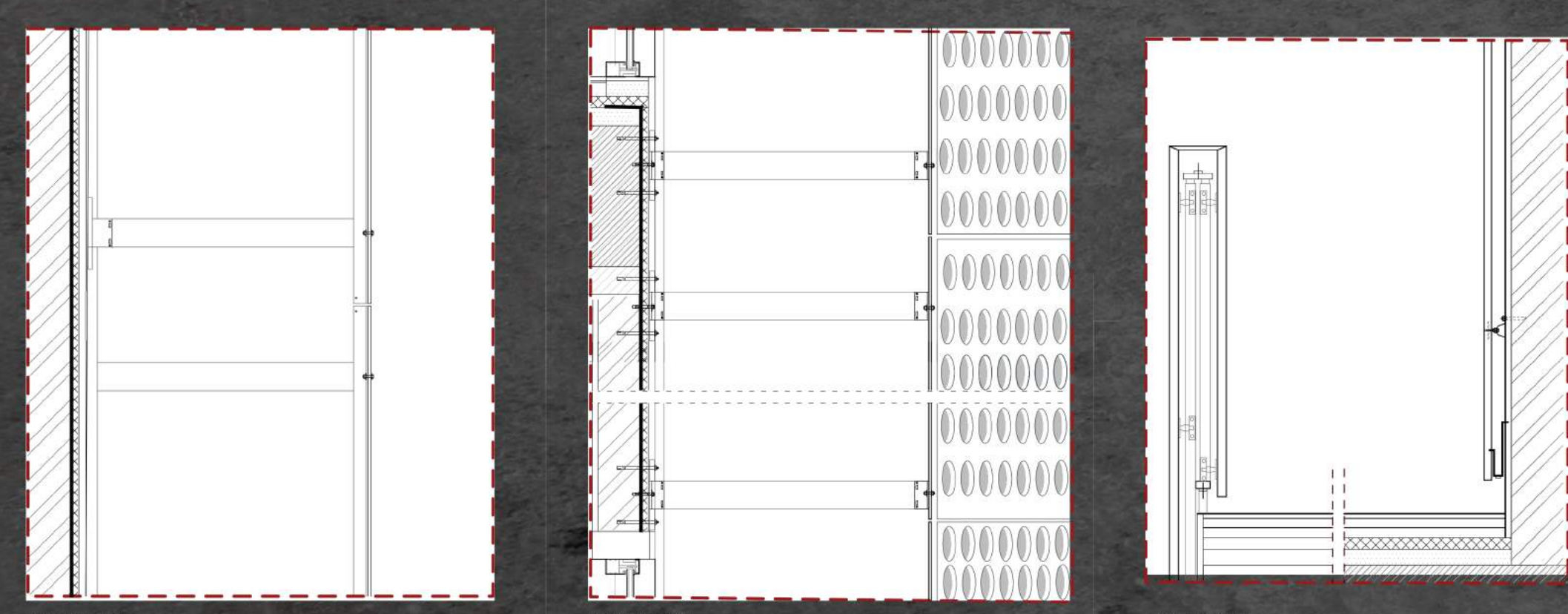
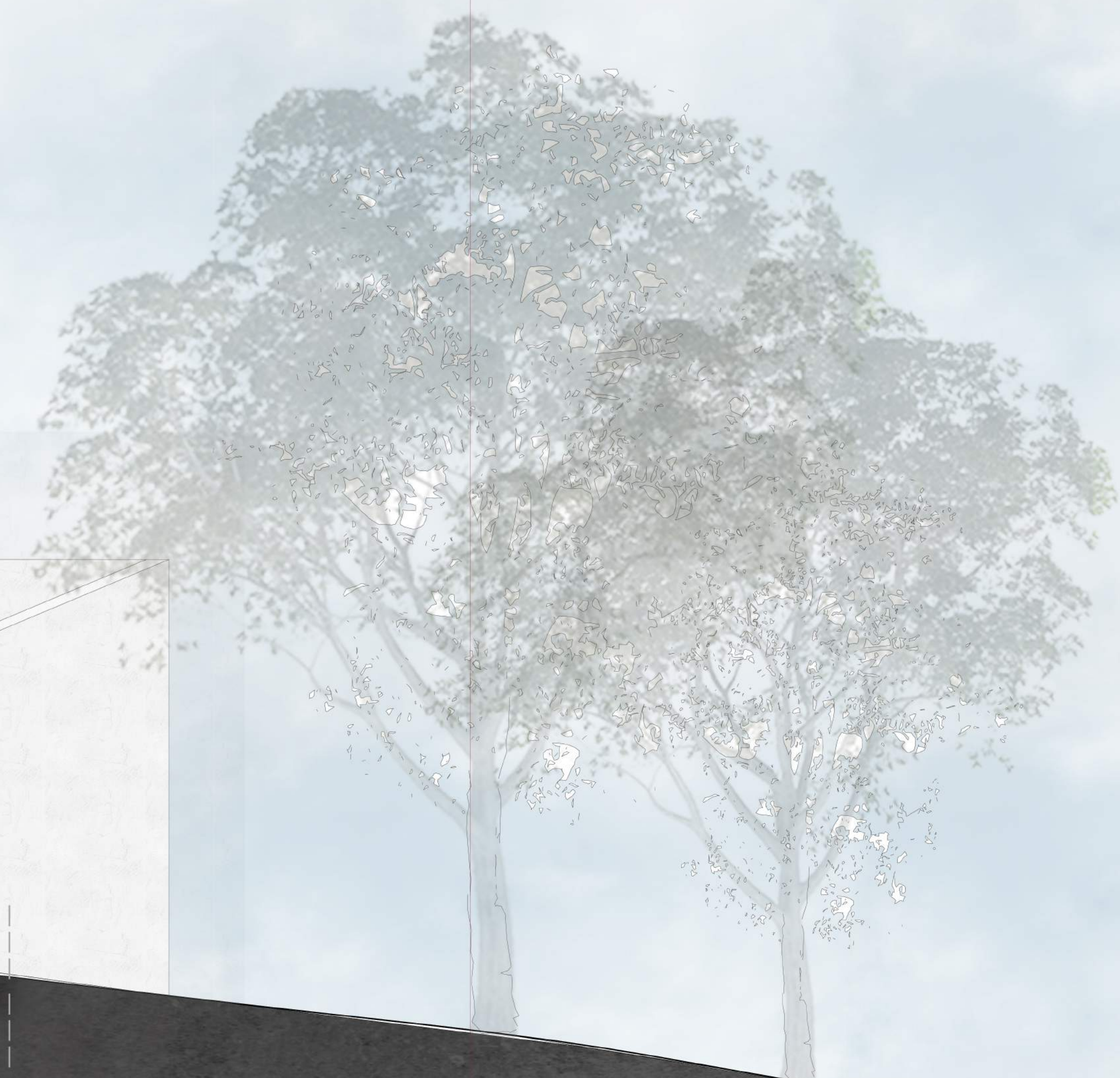
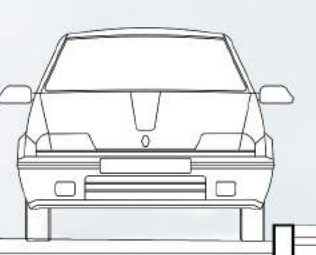
PLANTA PISO -3 SPA | 1:200

Legenda:  
S (Spa); S17- Gabinetes de Massagens; S18- Duche de Agulheta; S19- Banho Vichy;  
S20- Sauna; S21-1.S; S22-Imersões; S23- Banhos sensoriais; S24- Lavandaria;  
S25- Balneários dos Funcionários; S26- Saia de Convívio; S27- Armas; S28- Zona  
Técnica Plêndia

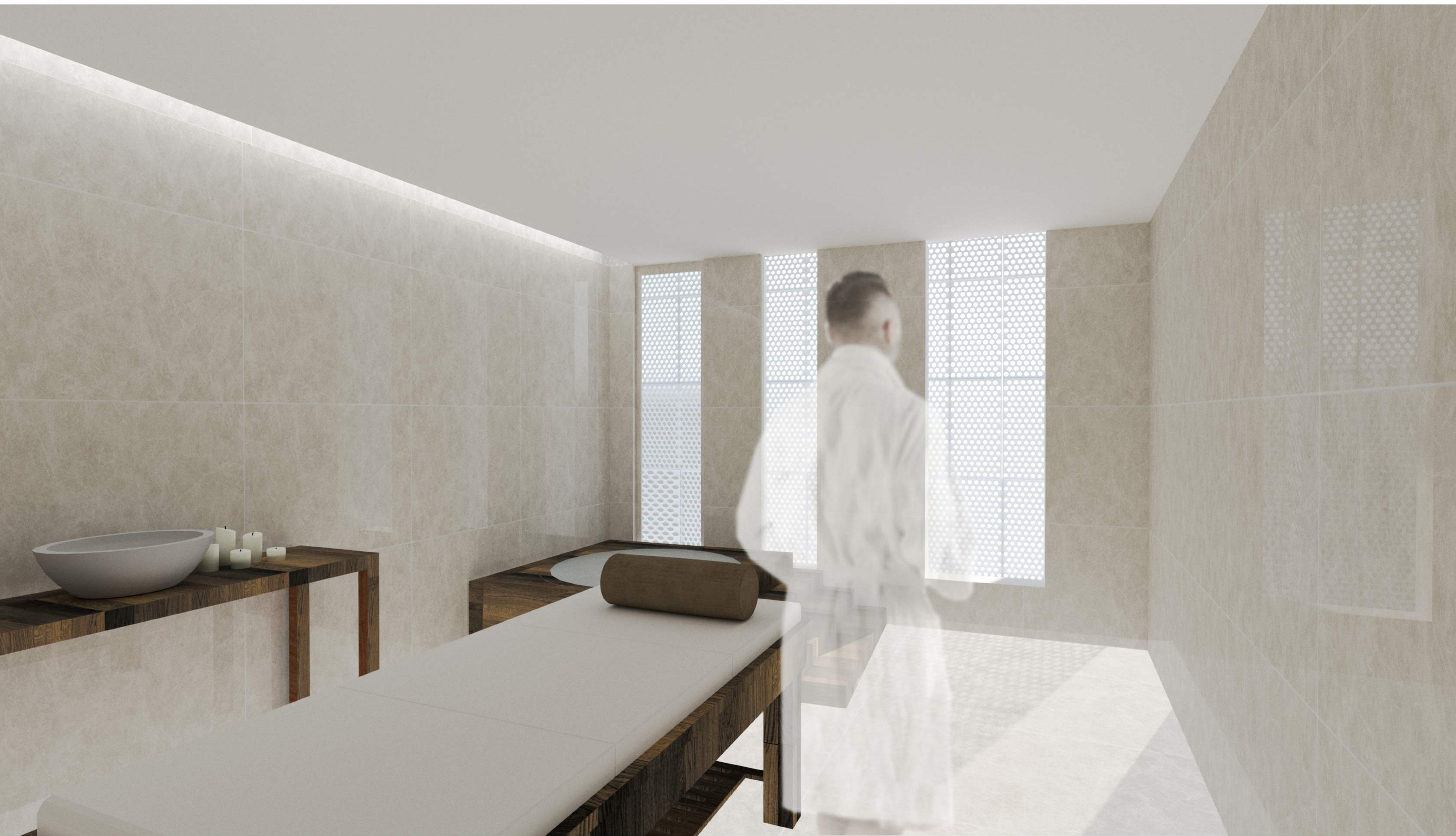


ALÇADO PRINCIPAL SPA | 1:200









Vista interior de um dos gabinetes de massagens



Vista interior do ambiente do SPA - relação com a água